



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

**INGRYD MORAES DE MORAES LIRA**

**DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E  
MORFOSSINTÁTICAS DE NOMES CONTÁVEIS E NOMES MASSIVOS EM  
PARKATÊJÊ**

Belém  
2020

INGRYD MORAES DE MORAES LIRA

**DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E  
MORFOSSINTÁTICAS DE NOMES CONTÁVEIS E NOMES MASSIVOS EM  
PARKATÊJÊ**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos – submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira.

Belém  
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

M827d Moraes de Moraes Lira, Ingrid.  
Descrição e análise de propriedades semânticas e  
morfossintáticas de nomes contáveis e nomes massivos em  
Parkatêjê / Ingrid Moraes de Moraes Lira. — 2020.  
145 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira  
Ferreira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em  
Letras, Belém, 2020.

1. Nomes contáveis. 2. Nomes massivos. 3. Propriedades  
distintivas. 4. Expressões de quantidade. 5. Parkatêjê. I. Título.

CDD 410

---

INGRYD MORAES DE MORAES LIRA

**DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E  
MORFOSSINTÁTICAS DE NOMES CONTÁVEIS E NOMES MASSIVOS EM  
PARKATÊJÊ**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos – submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira.

Aprovada em: 28 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_ - Orientadora  
Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (PPGL/UFPA)

\_\_\_\_\_ - Avaliador interno  
Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes (PPGL/UFPA)

\_\_\_\_\_ - Avaliadora externa  
Profa. Dra. Suzi Oliveira de Lima (University of Toronto)

\_\_\_\_\_ - Suplente  
Profa. Dra. Ana Vilacy Moreira Galucio (PPGL/UFPA)

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho ao povo Parkatêjê, por me permitir conhecer e aprender sobre sua língua e cultura; à minha orientadora, Marília Ferreira, pelo apoio e incentivo; à minha família, meu maior bem, que esteve comigo desde o princípio, em especial, ao meu esposo, Fernando Lira, amigo e companheiro, ao meu irmão, Wesley, pela amizade, apoio e força, ao meu pai, Valdimilson, e aos meus avós, Valdir e Zélia, por todos os ensinamentos e valores repassados, além do amor e cuidado de todas as horas.*

## AGRADECIMENTOS

Ao término deste trabalho, não há outro sentimento maior dentro de mim que a gratidão. Foi uma longa caminhada até aqui e tive o prazer e a honra de contar com muitos anjos, pessoas que contribuíram imensamente para a concretização deste sonho.

Agradeço, primeiramente, a Deus. A fé de que havia alguém cuidando de tudo, absolutamente tudo, fez-me ter paciência e forças para persistir.

Agradeço à minha família, meu maior bem, que esteve comigo desde o princípio, nos bons e maus momentos. Em especial, ao meu pai, Valdimilson, e aos meus avós, Valdir e Zélia. Eles foram e continuam sendo meus professores da vida. Todos os seus ensinamentos, valores, conselhos e, principalmente, todo o amor, carinho e cuidado me fizeram ser quem sou hoje. Agradeço também ao meu irmão, Wesley, que também é um grande amigo e incentivador, sempre me apoiou na busca pelos meus sonhos.

Agradeço ao meu esposo, Fernando, amigo e companheiro, que sempre apoiou os meus sonhos, e, por vezes, acreditou em mim mais do que eu mesma. Obrigada por me apoiar e me auxiliar em tudo que necessito.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Marília Ferreira, por me apresentar e possibilitar trabalhar com as línguas indígenas, em especial, com o povo Parkatêjê. Muito obrigada pelo apoio, confiança, orientações e incentivo para que eu continuasse a caminhada. Às vezes, tudo que precisamos é de alguém que acredite em nós. A senhora me fez acreditar que este dia seria possível. Muito obrigada!

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, desde o Ensino Básico até o Ensino Superior e Pós-Graduação. Todos os ensinamentos a mim repassados foram valiosíssimos.

Agradeço aos membros que compõem a Banca Examinadora deste trabalho, Prof. Dr. Sidney Facundes e Profa. Dra. Suzi Lima. Obrigada por aceitarem o convite, por todas as considerações, referências e sugestões oferecidas na qualificação para a melhoria deste trabalho. É uma honra partilhar com vocês os resultados de um trabalho que vocês ajudaram a construir. Prof. Sidney foi meu professor na Graduação e Pós-Graduação, além de tutor do Programa de Educação Tutorial (PET-LETRAS) no período em que eu era bolsista do Programa. Profa. Suzi Lima é a feitora de um trabalho magnífico que serviu de inspiração para a realização deste estudo. Sinto-me muito honrada por tê-los como avaliadores.

Agradeço ao grupo de estudos Parkatêjê, em especial, à Sheyla, Jaqueline, Nazaré, Tereza e Sindy, pela companhia nas viagens ao campo, pelas boas risadas, conversas, troca de

experiências e por tirarem minhas dúvidas sempre que eu precisava. Agradeço à Jaqueline, em especial, pelos conselhos, direcionamento e contribuições em meu trabalho.

Agradeço ao seu Sena e dona Maria pela acolhida em sua casa durante os momentos em que estive na comunidade Parkatêjê estudando a língua. Obrigada por nos tratarem como se fôssemos filhos, pelas conversas divertidas depois do jantar e por me ensinar que a felicidade está nas coisas mais simples. A dona Maria é um exemplo de alegria a ser seguido, ela encontra sempre um motivo para sorrir, mesmo quando parece não existir.

Agradeço ao povo Parkatêjê pela oportunidade de conhecer sobre sua língua e cultura, por me acolher, por me apresentar um universo que eu desconhecia até então. Obrigada, em especial, aos colaboradores desta pesquisa, que dispuseram de seu tempo para partilhar comigo aspectos tão importantes da língua e do povo.

Agradeço às minhas amigas, Midiane Rodrigues e Fernanda Vasconcelos. O tempo passou, seguimos em direções diferentes, mas a amizade sobrevive e o carinho permanece.

Por fim, quero dizer que essa não é uma conquista apenas minha, mas de todos aqueles que, de forma direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho. Muito obrigada a todos!

*“O correr da vida embrulha tudo,  
a vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa, sossega e depois  
desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem.  
O que Deus quer é ver a gente  
aprendendo a ser capaz  
de ficar alegre a mais,  
no meio da alegria,  
e inda mais alegre  
ainda no meio da tristeza!  
A vida inventa!  
A gente principia as coisas,  
no não saber por que,  
e desde aí perde o poder de continuação  
porque a vida é mutirão de todos,  
por todos remexida e temperada.  
O mais importante e bonito, do mundo, é  
isto:  
que as pessoas não estão sempre iguais,  
ainda não foram terminadas,  
mas que elas vão sempre mudando.  
Afinam ou desafinam. Verdade maior.  
Viver é muito perigoso; e não é não.  
Nem sei explicar estas coisas.  
Um sentir é o do sentente, mas outro é do  
sentidor.”*

**Guimarães Rosa**



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever o comportamento de nomes contáveis e nomes massivos em Parkatêjê, língua falada por povos indígenas que vivem em aldeias situadas ao longo da BR-222, no município de Bom Jesus do Tocantins, no estado do Pará. Conforme Rodrigues (1986), trata-se de uma língua pertencente ao Complexo Dialetal Timbira, Família Jê, tronco linguístico Macro-Jê. Muitos estudos demonstram que, na maioria das línguas, temos dois grupos distintos de nomes: contáveis e massivos. De acordo com Paraguassu-Martins e Muller (2007), os primeiros trabalhos na linguística acerca desse assunto foram introduzidos por Jespersen, em 1924. Para ele, contáveis seriam os nomes que transmitem uma ideia de coisa definida, com formato e limites precisos, e massivos aqueles que não apresentam essas características, independentemente de serem concretos ou abstratos. Entretanto, estabelecer conceitos e critérios para distinguir tais nomes ainda representa um grande desafio para os trabalhos de análise e descrição das línguas naturais, considerando que há significativa variação entre as línguas, até mesmo entre aquelas relativamente semelhantes. Para a realização deste estudo em Parkatêjê, foram realizadas coletas de dados com falantes nativos da comunidade indígena. Os procedimentos metodológicos tiveram como base, principalmente, o estudo desenvolvido por Lima (2014) sobre contagem e individuação em Yudja, bem como o questionário elaborado por essa autora juntamente com Rothstein (2016). Os resultados obtidos demonstram que nomes contáveis e massivos apresentam, de fato, aspectos morfosintáticos e semânticos distintos. Constatou-se que expressões de quantidade, em sua maioria, funcionam como propriedades distintivas nessa classe nominal. Nomes contáveis são combinados diretamente com numerais, sem a necessidade de um recipiente de medida. Nomes massivos, por sua vez, são combinados com numerais nas seguintes circunstâncias: 1) quando há a inserção de um recipiente de medida entre o nome e o numeral; e 2) quando não há a inserção de um recipiente de medida, contudo este está subtendido no contexto. Há quantificadores que são usados com todos os nomes, mas há alguns que ocorrem especificamente com nomes contáveis e outros somente com nomes massivos. Observou-se que o comportamento de tais nomes em Parkatêjê confronta a proposta de Chierchia (1998a, 1998b, 2010 apud LIMA, 2014) acerca dos tipos de línguas, tendo em vista que ela apresenta tanto traços de línguas de marcação de número quanto traços das línguas que são numericamente neutras.

**Palavras-chave:** Nomes contáveis. Nomes massivos. Propriedades distintivas. Expressões de quantidade. Parkatêjê.

## ABSTRACT

This work aims to describe the behavior of countable and mass nouns in Parkatêjê, language spoken by the Parkatêjê indigenous people who live in communities situated along the BR-222, in Bom Jesus do Tocantins County, in Pará state. In agreement with Rodrigues (1986), this language belongs to Timbira Dialetal Complex, Jê family, macro linguistic Jê stock. Many studies have shown that the majority of languages have two distinct groups of nouns: countable and mass. According to Paraguassu-Martins and Muller (2007), Jespersen (1924) paper was the first work in linguistics about this topic. To this author, countable names are the ones which convey an idea of something defined, with a clearly defined shape and precise limits, while mass nouns do not present these characteristics, regardless of being concrete or abstract. However, to establishing some concepts and criteria for the count/mass distinction is still being a major challenge for those who work with analysis and description of natural languages considering the significant variation between them, even those which are relatively similar. To bring out this study in Parkatêjê language, the author has done data collection with native speakers of this indigenous community. The methodology was based on Lima (2014), on her work about counting and individuation in Yudja and also on the questionnaire elaborated by Lima and Rothstein. The results obtained show which countable and massive nouns present distinguished morphosyntax aspects. It was verified which quantity expressions, in the majority, works as distinct proprieties in this nominal class. Countable nouns are combined directly with numerals without the necessity of a measure phrase. Mass nouns are combined with numerals in those circumstances: 1) when there is some insertion of a measure phrase between the name and the numeral; and 2) when there is no insertion of a measure phrase, although this one will be implied in the context. There are quantifiers used with all the nouns, but there are some others that occur specifically with countable nouns and others only with massive nouns. The behavior of these nouns in Parkatêjê which were observed is similar to the behavior of the languages which have number marking, which converges in part with what was proposed by Chierchia (1998a, 1998b, 2010 apud LIMA, 2014) about language types, given that it has both features from number-marking languages and features from languages that are numerically neutral.

**Keywords:** Countable nouns. Massive nouns. Distinctive proprieties. Quantity expressions. Parkatêjê.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Aldeia Gavião Parkatêjê.....	25
Figura 2 – Aldeia Gavião Parkatêjê, em 2018.....	25
Figura 3 – O Líder Krohokrenhum.....	26
Figura 4 – Localização da Reserva Indígena Mãe Maria .....	27
Figura 5 – Dança e canto Parkatêjê .....	29
Figura 6 – Jogo de arco e flecha.....	29
Figura 7 – Acampamento .....	30
Figura 8 – Corrida de tora.....	30
Figura 9 – Confeção de artefato (arco) .....	31
Figura 10 - Pesquisa de campo, em julho de 2018. ....	83
Figura 11 - Pedra .....	84
Figura 12 – Urucum.....	84
Figura 13 - Cofo .....	84
Figura 14 - Cupuaçu .....	84
Figura 15 - Porco .....	85
Figura 16 - Mamão .....	85
Figura 17 - Cabaça.....	85
Figura 18 – Aldeia Gavião Parkatêjê.....	86
Figura 19 – Corrida de tora.....	86
Figura 20 - Urucum .....	86
Figura 21 – Açaí .....	87
Figura 22 – Gota de sangue .....	87
Figura 23 – Sangue no chão .....	88
Figura 24 - Peixes .....	88
Figura 25 – Canoa.....	88
Figura 26 - Rio cheio .....	89
Figura 27 – Rio seco.....	89
Figura 28 – Onça pintada.....	90
Figura 29 – Pesquisa de campo, em julho de 2019. ....	91
Figura 30 - Pesquisa de campo em janeiro de 2020. ....	91
Figura 31 – Cesto (artefato tradicional).....	95
Figura 32 – Cofo (artefato tradicional).....	95

Figura 33 – Cuia (inteira) .....	96
Figura 34 – Cuia (dividida ao meio).....	96
Figura 35 – Cabaça .....	96
Figura 36 – Bambueiro .....	97
Figura 37 – Cupuaçu.....	97

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição geográfica das aldeias Parkatêjê. ....	28
Quadro 2 - Inventário fonológico das vogais em Parkatêjê, segundo Araújo (1977). ....	32
Quadro 3 - Inventário fonológico das consoantes em Parkatêjê, segundo Araújo (1977). ....	32
Quadro 4 - Critérios semânticos e sintáticos .....	41
Quadro 5 – Abordagens sobre a distinção contável-massivo .....	43
Quadro 6 - Signo linguístico.....	72
Quadro 7 – Corpus (palavras).....	78
Quadro 8 - Justaposição de numerais .....	106
Quadro 9 – Quantificadores em Parkatêjê.....	117
Quadro 10 – Expressões de quantidade.....	131
Quadro 11 – Nomes testados com as expressões de quantidade em Parkatêjê .....	132

## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>1sg</b>	=	Primeira pessoa do singular
<b>2sg</b>	=	Segunda pessoa do singular
<b>3sg</b>	=	Terceira pessoa do singular
<b>Aten</b>	=	Atenuante
<b>Caus</b>	=	Causativo
<b>Cl</b>	=	Classificador
<b>Cont</b>	=	Continuativo
<b>Dat</b>	=	Dativo
<b>Dem</b>	=	Demonstrativo
<b>Dim</b>	=	Diminutivo
<b>DS</b>	=	Sujeitos diferentes
<b>Dub</b>	=	Dubitativo
<b>Du</b>	=	Dual
<b>Enf</b>	=	Ênfase
<b>Excl</b>	=	Exclusivo
<b>Exort</b>	=	Exortativo
<b>Erg</b>	=	Ergativo
<b>Fut</b>	=	Futuro
<b>Incl</b>	=	Inclusivo
<b>Ind</b>	=	Indefinido
<b>Int</b>	=	Interrogativo
<b>Neg</b>	=	Negação
<b>NPr</b>	=	Nome próprio
<b>Onc</b>	=	Objeto não-contíguo
<b>Obl</b>	=	Oblíquo
<b>Pas</b>	=	Passado
<b>PD</b>	=	Partícula discursiva
<b>Pl</b>	=	Plural
<b>Poss</b>	=	Posse
<b>Posp</b>	=	Posposição
<b>PR</b>	=	Passado remoto
<b>Rel</b>	=	Relacional

**Quant** = Quantificador

**SS** = Sujeitos idêntico

## SÍMBOLOS

- Ortografia da língua Parkatêjê:

i [i]

ê [e]

e [ɛ]

y [ï]

ỳ [ə]

à [ɜ]

a [a]

u [u]

ô [o]

o [ɔ]

p [p]

t [t]

x [tʃ]

k [k]

h [ʔ]

h [h]

m [m]

n [n]

w [w]

j [y]



## SUMÁRIO

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	19
1.1 Objeto de estudo .....	19
1.2 Objetivos.....	20
1.3 Justificativa .....	20
1.4 Condições de pesquisa .....	21
1.5 <i>Corpus</i> da pesquisa .....	22
1.6 Estrutura do trabalho .....	23
<b>2. PARKATÊJÊ: CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO E A LÍNGUA</b> .....	24
2.1 Povo Parkatêjê .....	24
2.2 Aspectos geográficos.....	26
2.3 Aspectos culturais .....	28
2.4 Aspectos linguísticos .....	31
2.5 Educação Parkatêjê.....	33
<b>3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	36
3.1 Classe de nomes .....	36
3.2 A distinção entre nomes contáveis e massivos nas línguas naturais .....	40
3.2.1 Propriedades distintivas entre nomes contáveis e massivos.....	48
3.3 Tipologia de línguas: uma proposta de Chierchia (1998a , 1998b e 2010) .....	54
3.3.1 Línguas de marcação de número.....	54
3.3.2 Línguas de classificadores.....	55
3.3.3 Língua de número neutro .....	56
3.3 Distinção contável-massivo em línguas indígenas brasileiras.....	58
3.3.1 Língua Yudja (Família Juruna – Tronco Tupi).....	59
3.3.2 Língua Karitiana (Família Arikém – Tronco Tupi) .....	63
3.3.3 Língua Wapixana (Família Aruák) .....	66
<b>4. METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	71
4.1 Conhecendo a cultura, as formas e contextos de uso de uma língua. ....	71
4.1.2 Contextos e cenários, segundo Ferrarezi (2008; 2013).....	72
4.2 Roteiro de pesquisa.....	76
4.3 Composição do <i>corpus</i> .....	77
4.4 Perfil dos colaboradores.....	82
4.5 Coleta de dados .....	82

<b>5. CONTAGEM E MEDIÇÃO EM PARKATÊJÊ</b> .....	92
<b>5.1 Contextos de contagem e medição (Entrevistas)</b> .....	92
5.1.1 Tempo.....	93
5.1.2 Espaço .....	94
5.1.3 Recipientes de medida.....	95
<b>5.2 Plural e nomes nus</b> .....	98
5.2.1 Plural .....	98
5.2.2 Nomes nus .....	104
<b>5.3 Numerais</b> .....	106
<b>5.4 Quantificadores: sufixos <i>-re</i> e <i>-ti</i></b> .....	111
<b>5.5 Quantificadores: <i>kwỳ</i>, <i>měkwỳ</i>, <i>kunĩnĩ</i>, <i>měkunĩnĩ</i>, <i>jarětėti</i>, <i>tuti</i>, <i>inkrire</i>, <i>awĩnti</i>, <i>jawênêre</i> ~ <i>hawênêre</i>, <i>nõpyxitire</i> e <i>tewôti</i></b> .....	116
<b>5.7 Discussão dos resultados</b> .....	130
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	133
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	136
<b>ANEXO A</b> .....	141

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta seção, são apresentadas informações concernentes ao objeto de estudo, objetivos, justificativa, condições de pesquisa, *corpus* da pesquisa e estrutura deste trabalho.

### 1.1 Objeto de estudo

A presente monografia tem como objetivo descrever o comportamento de nomes contáveis e nomes massivos na língua Parkatêjê, falada por povos indígenas que vivem em aldeias situadas ao longo da BR-222, no município de Bom Jesus do Tocantins, no estado do Pará. A referida língua é classificada, segundo Rodrigues (1986), como pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, Família Jê, inserida no grupo de línguas do Complexo Dialetal Timbira.

Muitos estudos têm demonstrado que, na maioria das línguas, temos dois grupos distintos de nomes, os denominados “contáveis” e os de “massa/não contável”. A princípio, pode parecer relativamente fácil distinguir um grupo nominal contável de outro grupo não contável, visto que tal tarefa é aprendida por um falante muito cedo e de forma involuntária, sem a necessidade de qualquer esforço para entender o funcionamento de sua língua materna. Entretanto, estudos demonstram, por sua vez, que estabelecer conceitos e critérios para distinguir tais nomes ainda representa um grande desafio para os trabalhos de análise e descrição das línguas naturais, considerando que há significativa variação entre as línguas, até mesmo entre aquelas relativamente semelhantes, o que tem despertado o interesse de muitos estudiosos em investigar e descrever o comportamento das línguas naturais quanto a este aspecto.

Tais nomes apresentam geralmente aspectos morfossintáticos e semânticos peculiares em algumas línguas, o que impossibilita inseri-las, por exemplo, em alguma tipologia de língua, como a proposta por Chierchia (2010). A literatura a respeito dispõe de diversas propostas explicativas para esse fenômeno linguístico, conforme será discutido, mas que nem sempre conseguem responder satisfatoriamente a todas as questões levantadas.

Veremos, mais adiante, o quanto a cultura está interligada às várias formas e contextos de uso da língua objeto de estudo. Por vezes, buscar-se-á embasamento nas referências que tratam da relação entre língua e cultura, como a de Almeida e Fossile (2016), Cançado (2018), Ferrarezi-Júnior (2008, 2010 e 2013), Lyons (2016) e Vogt (2015), somando-se àquelas que abordam, especificamente, a distinção contável-massivo nas línguas do mundo, para fundamentar a discussão apresentada.

## 1.2 Objetivos

Objetivo geral: Descrever o comportamento de nomes contáveis e nomes massivos na língua Parkatêjê, considerando aspectos morfossintáticos e semânticos que condicionam a distinção entre esses dois tipos de nomes.

### Objetivos específicos:

1. Descrever a ocorrência de nomes contáveis e massivos com a marcação de plural, numerais e quantificadores na língua, listando o contexto e o tipo de nome com a qual se vinculam.
2. Listar os termos relacionados a nomes contáveis e a nomes de massa, bem como aqueles relacionados a medidas, buscando conhecer os itens lexicais existentes na língua.
3. Verificar como se dá a ocorrência de nomes contáveis e massivos considerando os tipos de nomes (humanos, animais, objetos, frutas/vegetais), substâncias (pastosas, líquidas, naturais), grãos, entre outros, e suas formas de medida.

## 1.3 Justificativa

De acordo com Rodrigues (2009, p. 187), “embora a maioria dos brasileiros tenha a impressão de viver em um país monolíngue, o Brasil é, na verdade, multilíngue: nele são aprendidas como línguas maternas cerca de 200 línguas”, que juntas são responsáveis pela grande diversidade linguística em todo o país. Dados publicados pelo referido autor, em 2005, apontaram que, aproximadamente, 181 línguas indígenas eram faladas em todo o território nacional naquele momento. Entretanto,

esse número admite pequena margem de erro para mais ou para menos, devido principalmente à imprecisão, em alguns casos, da distinção entre línguas e dialetos (estes são variedades de uma língua tão pouco diferenciadas, que não dificultam a comunicação entre seus respectivos falantes). (RODRIGUES, 2009, p. 35)

Outrossim, deve-se considerar também o fato de que, ao longo dos anos, várias línguas foram extintas, o que tem dificultado definir com exatidão quantos idiomas são falados atualmente no país. A respeito desse assunto, Moore, Galucio e Gabas Jr. (2016, p. 37) ressaltam que “a questão do desaparecimento de línguas indígenas vem chamando a atenção nos últimos anos com notícias da situação precária em que se encontram muitos idiomas nativos, e sobre a necessidade de medidas urgentes para sua preservação e revitalização”. A

extinção dessas línguas, que um dia foram o meio de comunicação de vários povos, representa não somente uma perda linguística, mas também cultural, haja vista que cada povo “tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estáticas, crenças religiosas, organização social e filosofias peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos” (RODRIGUES, 1986, p. 17), e a língua é o principal instrumento de representação de todos esses aspectos.

O trabalho com línguas indígenas, conforme Seki (2000), pode ser visto sob duas perspectivas: a científica e a social. Da perspectiva científica, o estudo de diferentes línguas é fundamental para a confirmação e/ou refutação de hipóteses teóricas formuladas a partir de dados de línguas conhecidas, principalmente as indo-europeias. Novos estudos podem não só fomentar reajustes como também estimular novas propostas teóricas que possam explicar fenômenos desconhecidos até o momento. Da perspectiva social, a autora explica que os trabalhos com línguas minoritárias podem colaborar para a preservação e/ou revitalização das mesmas, além de poder propiciar “a restauração da autoestima e de uma atitude positiva em relação à língua e à cultura”, que podem contribuir para o seu fortalecimento e “despertar a consciência crítica, de modo a permitir um melhor entendimento e avaliação da sociedade envolvente” (p. 246).

A presente dissertação se justifica por ser um estudo que visa a contribuir para o conhecimento que se tem hoje sobre as línguas naturais, assim como para o processo de documentação de informações que dizem respeito à língua, à cultura e à história de um povo.

#### **1.4 Condições de pesquisa**

O interesse em estudar a distinção entre nomes contáveis e nomes massivos na língua Parkatêjê surgiu em meados de 2016, a partir da proposta feita pela Profa. Dra. Marília Ferreira, minha orientadora de pesquisa desde o referido ano. Nesse período, eu era bolsista do Programa de Educação Tutorial<sup>1</sup> (PET) e estava cursando o 6º semestre do Curso de Letras na Universidade Federal do Pará (UFPA).

A ideia de desenvolver um estudo a respeito desse assunto, conforme relatado pela Profa. Marília, é proveniente de sua participação no *Workshop Putting Fieldwork on Indigenous Languages to New Uses*, realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São

---

<sup>1</sup> O PET é um programa que tem como finalidade proporcionar aos acadêmicos de diversas áreas do conhecimento experiência com a pesquisa, ensino e extensão. Os integrantes desse programa desenvolvem pesquisa individual e coletiva.

Paulo, em abril de 2016, que foi ministrado pela Profa. Dra. Suzi Lima, atual professora adjunta da Universidade de Toronto, no Canadá.

Os resultados preliminares da pesquisa desenvolvida por mim a partir de 2016 foram apresentados em 2017, em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), constituído por uma análise baseada em um *corpus* formado a partir de dados de trabalhos já publicados sobre a língua Parkatêjê, tais como o de Ferreira (2003) e Araújo (1977 e 1989), e de informações obtidas em uma entrevista com um falante nativo da língua. A referida pesquisa se restringiu ao estudo do comportamento de nomes contáveis, enquanto outro bolsista ficou responsável por analisar os nomes de massa na língua, à época.

Por meio desse estudo inicial, percebeu-se que Parkatêjê apresenta algumas propriedades morfossintáticas específicas para cada tipo de nome. Entretanto, somente com a composição de um *corpus* mais amplo poderíamos ter uma descrição satisfatória do comportamento desses nomes e os critérios usados pelos falantes para distingui-los nos mais variados contextos, o que veio a se tornar objeto de estudo do presente trabalho.

O povo, também denominado Parkatêjê, é oriundo dos grupos: Rõhõkatêjê ou Parkatêjê (turma do Cocal), Kyjkatêjê (grupo da Ladeira Vermelha ou turma do Maranhão) e os Akrãtikatêjê (turma da Montanha) (FERREIRA, 2003). Devido ao contato cada vez maior com o homem não índio, a língua nativa vem cedendo espaços sociais importantes para a língua portuguesa.

Atualmente, temos apenas uma pequena parcela da comunidade que sabe a língua, os mais velhos, aproximadamente quinze indígenas. Estes a utilizam somente quando estão entre si e não é com frequência. Desse modo, a língua deixou de ser repassada às novas gerações, o que tem contribuído para um processo de obsolescência.

### **1.5 *Corpus* da pesquisa**

Os dados contidos nesta monografia são oriundos de trabalhos já publicados sobre o Parkatêjê, como o de Araújo (1977, 1989 e 2016), Ferreira (2003), entre outros; e dados coletados durante três viagens realizadas à aldeia Parkatêjê, mais precisamente nos anos de 2018, 2019 e 2020.

Devido à quantidade de falantes atualmente, dispomos de um número pequeno de colaboradores que se dispuseram a trabalhar como auxiliares desta pesquisa. Também não houve a possibilidade de coletar dados com falantes de diferentes faixas etárias, pois, conforme já mencionado, apenas os mais velhos falam a língua.

O *corpus* da pesquisa é composto por um conjunto de dados que envolvem tanto nomes contáveis quanto nomes de massa. Inicialmente, na seção de procedimentos metodológicos, apresenta-se uma lista de nomes que foram referenciados durante as coletas de dados. Por conseguinte, na seção de análise, são apresentadas construções em que esses termos estão presentes.

Considerando a extensão da classe de nomes e o tempo hábil para conclusão dos trabalhos concernentes à presente pesquisa, optou-se por analisar apenas o comportamento de nomes tradicionalmente classificados como concretos. Ainda não está claro se há e como se dá a distinção entre nomes contáveis e massivos abstratos na referida língua. É um estudo que pretendo realizar em um momento posterior.

## **1.6 Estrutura do trabalho**

A presente monografia está subdividida em cinco seções. Inicialmente, após a introdução, apresento algumas considerações a respeito do povo e da língua Parkatêjê, como: aspectos geográficos, culturais, linguísticos e educacionais.

Posteriormente, discorro sobre os pressupostos teóricos que embasaram este estudo, mais precisamente a respeito de língua, cultura e sentido; contextos e cenários de uso da língua; classe de nomes; distinção entre nomes contáveis e nomes massivos nas línguas naturais e as propriedades comumente utilizadas como distintivas; tipologia proposta por Chierchia (2010); e estudos de distinção contável-massivo sobre línguas indígenas brasileiras.

Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos, onde explano o roteiro de pesquisa, composição do *corpus*, perfil dos colaboradores, métodos e materiais utilizados durante as coletas de dados.

Por fim, apresento as propriedades semânticas e morfossintáticas de nomes contáveis e nomes massivos em Parkatêjê. Nesta seção, são descritas as propriedades distintivas entre tais nomes, tais como: numerais e quantificadores. Adiante, apresento as considerações finais e referências utilizadas.

## 2. PARKATÊJÊ: CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO E A LÍNGUA

### 2.1 Povo Parkatêjê

O povo Parkatêjê, tal como se apresenta atualmente, é originário dos grupos indígenas Rõhõkatêjê ou Parkatêjê (turma do Cocal), Kyjkatêjê (grupo da Ladeira Vermelha ou turma do Maranhão) e Akrãtikatêjê (turma da Montanha) (FERREIRA, 2003). Estes ficaram conhecidos também pela denominação “Gavião Parkatêjê”, que, segundo Araújo (1989), lhes foi atribuída “por conta do uso de penas de gavião em suas flechas e *krãxê*, o enfeite de cabeça” (p. 15).

Araújo (1989) explica que os índios gavião viviam em duas aldeias separadas até 1980. A primeira, conhecida como Parkatêjê, localizava-se no local onde estava situado o Posto Indígena, às margens da estrada, e o povo que lá vivia era conhecido como “turma do Trinta”, haja vista que sua localização era no quilômetro 30 da Rodovia 70/PA. A segunda, conhecida como pertencente aos “do Maranhão” ou “Kÿikatêjê”, ficava aproximadamente 5 km distante da primeira, na mesma rodovia.

A autora acrescenta que esses dois grupos estavam em situações distintas e que isso influenciava diretamente na forma como cada um vivia. A turma do “Trinta” estava sob forte influência dos funcionários do Posto, “que lhe impunham o abandono dos costumes tradicionais” (p. 11). O grupo do Maranhão ou Kÿikatêjê, por sua vez, mantinha vários costumes tradicionais de seu povo.

A junção dos dois referidos grupos em uma única aldeia ocorreu após alguns acontecimentos em 1976, afirma Araújo (1989).

Naquele ano, iniciou-se um Projeto de Autogestão de Tribos Indígenas, decorrente de um acordo FUNAI/USP, e as duas aldeias passaram a constituir a razão social de Comunidade Indígena Parkatêjê. Desenvolveu-se aos poucos a ideia de construir uma nova aldeia, a um quilômetro para trás da antiga sede do Posto, em condições mais saudáveis do que as que tinham à beira da rodovia. Esta aldeia foi efetivamente construída e nela estão morando os dois antigos grupos, desde julho de 1981. (ARAÚJO, 1989, pp. 9-10)

Foi a partir dessa união que os rituais e demais costumes tradicionais, já prejudicados pela vivência de opressão com os *kupê* (não índio), puderam ser recuperados. De acordo com o Instituto Socioambiental, essa nova etapa “traduz em sua concepção o projeto de futuro dos Parkatêjê: reproduzindo o desenho circular tradicional das aldeias timbira, com casas de alvenaria servidas por rede de água, luz e esgoto.” A imagem a seguir ilustra como é a organização da aldeia em forma de círculo, o que caracteriza o povo Macro-Jê.



**Figura 1** – Aldeia Gavião Parkatêjê



Fonte: Instituto Socioambiental.

Apesar de ter havido a junção dos dois grupos em uma única comunidade, cada um se manteve com suas particularidades e especificidades, embora houvesse uma grande partilha de semelhanças.

A partir de 2000, começou a ocorrer cisões no primeiro grupo, o que gerou a criação de novo aldeamento. Ao visitá-la recentemente, pude notar e registrar que ela mantém a mesma estrutura organizacional, conforme pode ser observado na imagem seguinte.

**Figura 2** – Aldeia Gavião Parkatêjê, em 2018.



Fonte: acervo próprio (2018).

A atuação do líder Krohokrenhum, conhecido como Capitão<sup>2</sup>, foi fundamental no processo de recomposição do povo após a drástica diminuição populacional. Para Ribamar Jr. (2017, p. 86), ele “se destacou pela forma como conduziu os casamentos para enfrentar a situação da diminuição da população, fazendo os arranjos com as poucas mulheres do grupo, visando ao aumento populacional”. Além disso, ele foi o responsável por conduzir os Parkatêjê no “processo de transição de deslocamento do Cocal para Mãe Maria”.

**Figura 3** – O Líder Krohokrenhum.



Líder Krohokrenhum, em 2010, com mais de 80 anos.  
Fonte: Instituto Socioambiental

Segundo relatos de alguns indígenas com quem tive contato, o Capitão lutava para manter a harmonia entre o povo e resguardar seus costumes e tradições. Era um colaborador incansável nas coletas de dados de pesquisadores que o tiveram como informante da língua Parkatêjê. Infelizmente, em 2016, faleceu devido a problemas pulmonares, passando a ser seu filho, Akrojarêre, o novo líder do povo Parkatêjê.

## 2.2 Aspectos geográficos

Os Parkatêjê vivem na Reserva Indígena Mãe Maria, situada ao longo da BR-222, no município de Bom Jesus do Tocantins, no estado do Pará. A Reserva, segundo Ferreira (2010, p. 242), é repleta de castanhais e outras riquezas naturais, o que, muitas vezes, gerou ataques

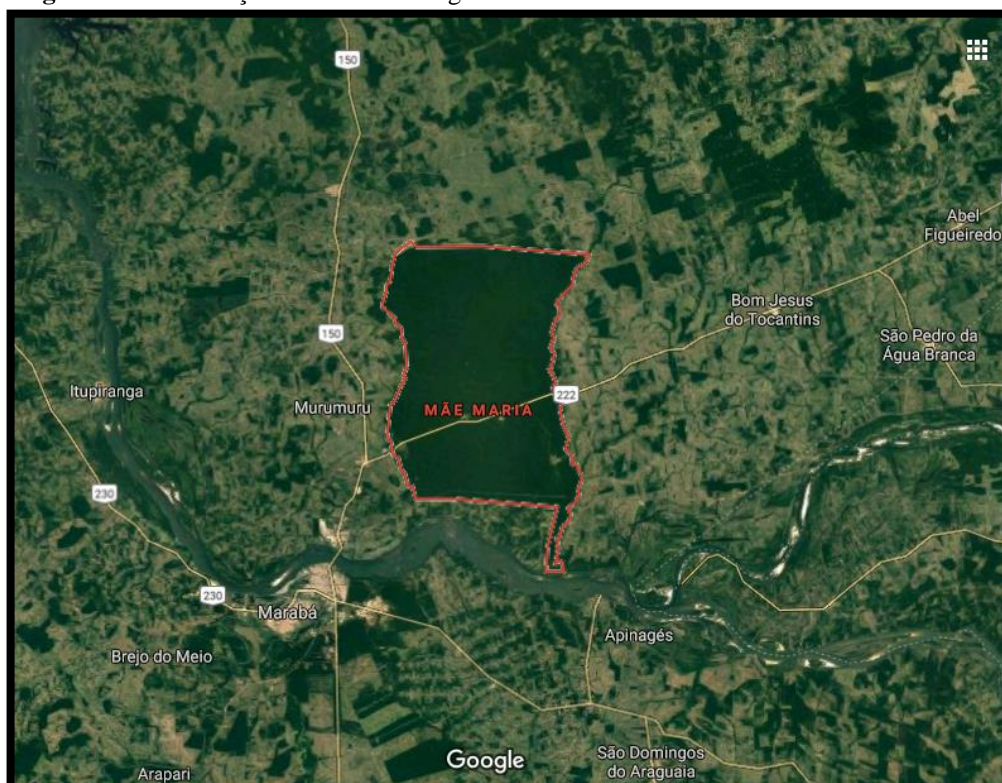
---

<sup>2</sup> De acordo com Araújo (1977), a denominação “Capitão” é o termo utilizado pela Funai para tratar chefes de grupos indígenas. Sua escolha é feita considerando o chefe já pré-estabelecido pelo povo ou por meio da indicação de um índio para assumir a liderança do grupo, feita pela própria fundação.

diversos, “tanto por parte dos outros povos que vivem naquela região, como por parte da sociedade envolvente (os não índios ou *kupê*)”.

Segundo Ribeiro Jr. (2017, p. 86), “essa área foi homologada pelo Decreto nº 93.148, assinado pelo Presidente José Sarney e publicado no Diário Oficial da União em 21/08/1986”.

**Figura 4** – Localização da Reserva Indígena Mãe Maria



Fonte: *Google Maps*.

Conforme já mencionado, a comunidade passou por diversas cisões. Consequentemente, foram criadas outras aldeias dentro da Reserva, que estão distribuídas, de acordo com Reis (2017), da seguinte maneira.

**Quadro 1** – Distribuição geográfica das aldeias Parkatêjê.

ALDEIAS	BR-222
1. <i>Akrāti</i>	KM 15
2. <i>Akrāk̀yitêjê</i>	KM 15
3. <i>Kojakati</i>	KM 16
4. <i>Gavião Kriamretijê</i>	KM 22
5. <i>Krāpeitijê</i>	KM 25
6. <i>Gavião K̀yikatêjê</i>	KM 25
7. <i>Krijôhêrekatêjê</i>	KM 29
8. <i>Gavião Parkatêjê</i>	KM 30
9. <i>Akrākaprekti</i>	KM 35
10. <i>Rohôkatêjê</i>	KM 36
11. <i>Akrôtikatêjê</i>	KM 37

Fonte: Reis (2017).

As onze aldeias descritas no quadro acima têm entrada pela BR-222, e a maioria apresenta demarcação do quilômetro e nome da aldeia, que podem ser vistas por todos os que passam pelo perímetro.

### 2.3 Aspectos culturais

Os Parkatêjê, apesar do convívio cada vez maior com os *kupẽ*, mantêm diversos costumes tradicionais de seu povo.

No que se refere à culinária, destaca-se o consumo frequente da macaxeira como ingrediente de receitas como o *kuputi*, por exemplo, descrito por Ferreira (2003) como “um bolo de massa de mandioca ou de milho, que pode ser recheado com as mais diversas carnes de caça”; e o berarubu, comida tradicional que é preparada com a massa de mandioca, carne de caça e folha de bananeira.

Os rituais, as danças e os cantos, além da pintura corporal e vestimenta estão presentes em momentos importantes para a comunidade.

**Figura 5** – Dança e canto Parkatêjê



Foto tirada durante a entrega da reforma do posto de saúde da comunidade.  
Fonte: acervo próprio (2019).

Conforme pude observar durante as viagens que fiz à aldeia, o jogo de arco e flecha é um jogo tradicional na cultura do povo, e é praticado frequentemente, principalmente pelos mais velhos. Para praticá-lo, os Parkatêjê geralmente se reúnem em uma área conhecida como “acampamento” (Figura 7), próximo da aldeia do “Trinta”.

**Figura 6** – Jogo de arco e flecha



Indígena Parkatêjê na prática do jogo de flecha.  
Fonte: acervo próprio (2019).

**Figura 7** – Acampamento



Fonte: acervo próprio (2018).

Conforme relato dos indígenas idosos, a corrida de tora era usual antigamente (Figura 8). Nos dias atuais, a mesma acontece, principalmente, nas festas tradicionais, como na Maratona Parkatêjê, que se estabeleceu na comunidade a partir de dezembro de 2012, e, desde então, é realizada todos os anos nesse mesmo mês.

**Figura 8** – Corrida de tora



Indígenas durante competição da tora.  
Fonte: *Blog Amjitopramti Parkatêjê*.

Entre os artefatos tradicionais, destacam-se, além do arco e flecha, o cofo<sup>3</sup> e vários outros objetos feitos com a folha, que servem, conforme será visto nas próximas seções, como

---

<sup>3</sup> Objeto circular feito de palha, uma espécie de cesto.

medidores de quantidades. Esses artefatos são confeccionados somente pelos mais velhos atualmente.

**Figura 9** – Confeção de artefato (arco)



Indígena Parkatêjê confeccionando arco, artefato tradicional do povo.  
Fonte: acervo próprio (2020).

## 2.4 Aspectos linguísticos

Assim como outros povos indígenas, os Parkatêjê tiveram sua tradição sendo transmitida de geração em geração por meio da oralidade. A partir dos primeiros estudos feitos por pesquisadores, como linguistas e antropólogos, informações da língua falada, bem como de costumes em geral do povo, passaram a ser documentados.

A ortografia da língua foi elaborada pela Profa. Dra. Leopoldina Araújo, que iniciou seus estudos sobre o povo em 1973. Em sua proposta, ela considera a presença de vinte e sete fonemas, dos quais dezesseis são vogais e onze são consoantes. As vogais predominam em relação às consoantes. O alfabeto é o que segue:

Alfabeto Parkatêjê: **A E H I J K M N O P R T U W X Y.**

Há, na língua, dez vogais orais e seis nasais, que se contrastam, articulatoriamente, na posição da língua: anterior, média e posterior; e na altura da língua: oral (alta, média e baixa); e nasal (alta e não alta).

Vogais orais: /i/, /ĩ/, /e/, /ɛ/, /ə/, /ɜ/, /a/, /o/, /ɔ/, /u/.

Vogais nasais: /ĩ/, /ĩ̃/, /ũ/, /ẽ/, /ẽ̃/, /õ/.

Alguns diacríticos, como acento grave ( ` ), acento circunflexo ( ^ ) e til ( ~ ), são utilizados sobre as vogais. O acento grave ( ` ) é utilizado sobre as letras **y** e **a** para indicar a vogal central média fechada, não arredondada oral [ə] e a central média aberta, não arredondada oral [ʌ], respectivamente. O acento circunflexo ( ^ ) é utilizado sobre as letras **e** e **o** para indicar a vogal anterior média fechada não arredondada oral [e] e a vogal posterior média fechada arredondada oral [o], respectivamente. O til ( ~ ) é utilizado sobre as letras **a**, **e**, **i**, **o**, **u**, **y**, para indicar as vogais nasais (**ã**, **ẽ**, **ĩ**, **õ**, **ũ**, **ỹ**) (ARAÚJO, 2016).

**Quadro 2** - Inventário fonológico das vogais em Parkatêjê, segundo Araújo (1977).

	Anterior		Central		Posterior	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Alta fechada	i	ĩ	ɨ	ĩ̃	u	ũ
Média fechada	e	ẽ	ə	ẽ̃	o	õ
Média aberta	ɛ		ɜ		ɔ	
Baixa aberta			a			

Fonte: Araújo (1977 apud FERREIRA, 2003).

Os fonemas vocálicos, conforme podemos observar no quadro anterior, são: /i/ = i; /e/ = ê; /ɛ/ = e (**é aberto**, mas não há acento agudo sobre **e** na língua em nenhuma posição silábica); /ĩ/ = y; /ɜ/ = à; /ə/ = `y; /a/ = a; /u/ = u; /o/ = ô; /ɔ/ = o (**ó aberto**, mas não há acento agudo sobre **o** na língua em nenhuma posição silábica); /ĩ/ = ã; /ẽ/ = ã; /ĩ̃/ = ã; /ẽ̃/ = ã; /ũ/ = ã; /õ/ = õ. Ressalte-se que os fonemas estão entre barras oblíquas e as letras após o sinal de igualdade.

**Quadro 3** - Inventário fonológico das consoantes em Parkatêjê, segundo Araújo (1977).

	BILABIAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR	GLOTAL
Oclusiva	p	t	tʃ	k	ʔ
Nasal	m	n			
Líquida		r			



Semiconsoante	w		y		h
---------------	---	--	---	--	---

Fonte: Araújo (1977 apud FERREIRA, 2003)

Entre as consoantes, há cinco oclusivas surdas (bilabial /p/, alveolar /t/, alveopalatal /tʃ/, velar /k/ e glotal /ʔ/), duas nasais (bilabial /m/ e alveolar /n/), uma fricativa (glotal /h/) e três aproximantes (labiovelar /w/, alveolar /r/ e palatal /y/). Os fonemas consonânticos podem ser representados pelos seguintes grafemas: /p/ = p; /m/ = m; /w/ = w; /t/ = t; /n/ = n; /r/ = r; /tʃ/ = x; /y/ = j; /k/ = k; /ʔ/ = h; /h/ = h.

## 2.5 Educação Parkatêjê

De acordo com Silva<sup>4</sup> (2014), em 1976 foi construída e implantada a primeira escola indígena Parkatêjê. Ela está localizada na aldeia do “Trinta”, que é chamada atualmente de aldeia Parkatêjê. Inicialmente, sob o encargo da Fundação Nacional do Índio (Funai), eram oferecidas vagas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Os indígenas que desejavam avançar às séries posteriores matriculavam-se em escolas situadas nas cidades mais próximas, como Morada Nova e Marabá.

Em 1989, ainda segundo a autora, Krôhôkrenhũm, líder Parkatêjê nesse período, decidiu buscar apoio junto à Secretaria de Educação do Estado do Pará (Seduc) para a construção de uma escola, na aldeia, de 5ª a 8ª série. Essa medida tinha como finalidade evitar que os jovens se afastassem cada vez mais dos costumes tradicionais.

Araújo (2008), referenciado por Silva (2014), considera que

o pedido do Capitão se traduzia também como uma preocupação no sentido de preparar seu povo para lidar com a nova realidade. Ele estava cômico de que o contato com a sociedade não indígena era definitivo, e a escola, a seu ver, seria mais uma maneira de mantê-los unidos em favor do fortalecimento de sua identidade étnica. (SILVA, 2014, pp. 85-86)

Ferraz (2001 apud SILVA, 2014) acrescenta que outra grande preocupação do Capitão era a de que o seu povo sofresse discriminação ou fosse influenciado negativamente no contato escolar fora da aldeia. Segundo a autora, no que concerne ao segundo ponto mencionado, já era perceptível, no período em que essa medida foi tomada, alguns hábitos do não índio entre os jovens.

---

<sup>4</sup> Silva (2014) desenvolveu um estudo mais aprofundado sobre a tradição oral e o ensino da língua Parkatêjê na escola.

Ainda de acordo com Ferraz (2001 apud SILVA, 2014, p. 90), o reconhecimento oficial da escola pelo Conselho Estadual de Educação só foi efetivado em 1999. A partir desse momento, a escola passou a ser chamada Escola Indígena de Ensino Fundamental Pẽmtykre Parkatêjê, cujo significado é: *pẽmp* “o indivíduo iniciado, exemplar”; e *tykre* “negro, com pintura de jenipapo, pronto para a guerra”.

Passados vários anos da inserção do Ensino Fundamental II, 5ª a 8ª série, a comunidade solicitou a implantação do Ensino Médio, haja vista a distância que os jovens deveriam percorrer para chegar às escolas das cidades mais próximas, aproximadamente 78 km. Pedido que foi atendido em 2012 (SILVA, 2014).

Um dos anseios que a comunidade tinha, principalmente a equipe envolvida na implantação da escola, era de uma educação “dissociada do paradigma educacional hegemônico” e que pudesse ser um “instrumento de integração dos jovens com os velhos” (ARAÚJO, 2008, p. 6 apud SILVA 2014). Nesse sentido, era necessário

construir uma escola que, embora instrumento de outra cultura, se integrasse à vida comunitária de modo a não deixar que se apagasse todo o acervo cultural chegado até aquele momento através da transmissão oral, visto serem os Parkatêjê um povo ágrafo, que – como tantos outros – sistematiza muitas informações na pintura corporal, adornos, instrumentos de caça e música, mas não registra a língua (ARAÚJO, 2008, p. 6)

Para tanto, as principais decisões relacionadas à educação eram tomadas juntamente com a comunidade, que, mensalmente, se reunia com a equipe responsável pela escola para discutirem as demandas do povo, conforme Silva (2014).

Na escola, além de disciplinas como Língua Portuguesa, Matemática, Estudos Sociais e Ciências, que eram ministradas em conjunto, “em caráter bilíngue e interdisciplinar”, havia e há até os dias atuais uma disciplina específica sobre a língua e a cultura Parkatêjê. Esta última era e é ministrada pelos próprios indígenas, especialmente pelos mais velhos, que “são contratados pela comunidade para atuar como docentes, independentemente de seu nível de educação formal” (SILVA, 2014, p. 87).

No que concerne ao ensino e a metodologia aplicada, Silva (2014) entrevistou alguns falantes nativos que atuam como professores de língua e cultura Parkatêjê. Nessas entrevistas, eles explicaram um pouco sobre os conteúdos que são abordados e como ensinam, conforme o que segue.

Pra mim dar aula pros alunos, eu faço do meu jeito, assim, [...] ninguém não chegou e botou na minha cabeça. Eu mesma, assim...eu coloco as fruta, por exemplo, assim..., banana, laranja, bacaba, macaxeira. Eu vou ensinando de pouco porque de muito também não vai entrar na cabeça do menino. Uns cinco item e, depois, eu começo a perguntar frutas. Depois fala da mãe, também como é que se chama mãe, pai, tio, tia... são cinco coisas também, porque eu vejo esse lado, né, como praticar, como

brincar...porque tem a brincadeira ‘vivo/morto/senta/levanta/deita... e os meninos começa a praticar, na língua [...] mas só que eu vou mais além... porque eu quero perguntar pros mais velhos e eu também estou anotando algumas coisas no caderno [...] (PROFESSORA JÓHOPO, 2013 apud SILVA, 2014, p. 98)

Tem que ensinar eles a caçar. Ensinar os igarapé [...] eles têm que conhecer...andar também no mato [...]. Quando chega, a gente pergunta pra eles o que ele achou...na caçada...se gostou... e ele vai dizer! Eu bota no quadro. Primeiro eu vou falar, eu coloco no quadro, aí eles dizem assim: ‘professor, como é que eu vou saber? Umbora traduzir!?’ Não, não é pra traduzir agora, não, só outro dia que a gente vai traduzir porque se a gente tá falando a língua e tá dizendo, tu vai entender só em português e, na língua, tu não vai saber, não! Antes, não tinha nada... Agora nós tá pedindo pros professores de português puxar também a cultura, a pintura [...] pra melhorar... Os pais da criança... eles têm que se preocupar e se envolver também [...] Quem não sabe falar, então entrega os filhos pra vó, que sabe falar a língua (PROFESSOR PIARE, 2013 apud SILVA, 2014, p. 99)

Considerando os relatos apresentados, podemos depreender que as aulas eram e são ministradas tanto na escola quanto em outros ambientes da aldeia. Ademais, Silva (2014) acrescenta que, em conversa informal com os professores, observou que não há um plano de ensino padrão seguido, cada professor tem a liberdade de trabalhar de forma independente.

Na próxima seção, explana-se os pressupostos teóricos que fundamentaram esta pesquisa. Discute-se, especialmente, sobre a classe de nomes, a distinção entre nomes contáveis e massivos nas línguas naturais e, por fim, a distinção entre nomes contáveis e massivos em algumas línguas indígenas brasileiras, como Yudja, Karitiana e Wapixana, conforme análise e descrição, respectivamente, de Lima (2014), Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006) e Sanchez-Mendes (2016).

### 3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

De acordo com Paraguassu-Martins e Müller (2007, p. 66), “tradicionalmente, nomes comuns são subdivididos em contáveis e massivos”. Essa divisão já foi constatada gramaticalmente em várias línguas. Há diversos estudos referentes à distinção entre esses nomes e tem-se discutido bastante sobre de que forma conceituá-los. Devido ao comportamento variável desses elementos entre as línguas naturais, tem sido difícil estabelecer critérios que distingam esses tipos e, portanto, também determinar conceitos para ambos. Além disso, conforme Corbett (2004, p. 80), “há evidências significativas de diferenças linguísticas mesmo entre línguas relativa e estreitamente relacionadas, e essas diferenças refletem em diferenças conceituais”.

Alguns autores apresentam de forma cuidadosa conceitos para os dois tipos de nomes. Entre eles Cruse (2011), que afirma que nomes contáveis são aqueles que se manifestam em unidades discretas, delimitadas, as quais, em um primeiro momento, podem receber marca de contagem. Já os nomes massivos não se manifestam por unidades e se caracterizam como um referente cujo conteúdo denota massa ilimitada, material indiferenciado. Estes últimos, por se manifestarem de forma ilimitada e indiferenciada, não denotam precisão de quantidade, sendo, muitas vezes, necessária a inserção de expressões de medida, como quilo, litro, metro etc. O referido autor ressalta que são conceitos que nem sempre refletem a realidade.

Do mesmo modo, Paraguassu-Martins e Müller (2007, p. 66) afirmam que a diferença entre eles, intuitivamente, consiste no fato de que nomes contáveis se referem a entidades conceitualizadas como discretas e nomes massivos se referem a entidades conceitualizadas como contínuas.

Para tratar deste tema, discorro, inicialmente, sobre a classe de nomes e, posteriormente, a respeito da distinção entre nomes contáveis e massivos nas línguas naturais, bem como acerca da tipologia de línguas proposta por Chierchia (1998a, 1998b e 2010 apud LIMA, 2014) e as propriedades distintivas de tais nomes.

#### 3.1 Classe de nomes

De acordo com Genetti (2014), “o termo ‘nome’ se refere a uma classe de palavras gramaticalmente definida, cujos membros podem funcionar como núcleos de sintagmas nominais” (p. 103). Os elementos pertencentes a essa classe geralmente denotam conceitos ou entidades, e formam sintagmas que comumente são vinculados gramaticalmente a verbos e outros elementos, desempenhando, muitas vezes, funções sintáticas, como sujeito ou objeto.

Ainda segundo a autora, trata-se de uma classe de palavras aberta em muitas línguas, considerando que ela incorpora novos componentes facilmente, tanto por meio de empréstimos, assim como por outros processos de formação de palavras. Nesse sentido, a referida classe pode apresentar várias categorias flexionais, entre elas número e caso, por exemplo. Mas, conforme Genetti (2014, p. 103), é necessário que se estude atentamente cada língua, pois existem, além dessas, várias outras propriedades morfossintáticas presentes nas línguas do mundo no que se refere aos nomes. “Quando um linguista está estudando a gramática de uma língua, este deve determinar as características morfológicas e sintáticas específicas que identificam a classe de nomes nessa língua; duas línguas não terão exatamente o mesmo conjunto de recursos”.

Para Givón (2001), a classe dos nomes apresenta determinadas características semânticas, sintáticas e morfológicas, conforme descrito a seguir.

1) Quanto à semântica, o autor menciona que os nomes podem apresentar noções de:

- Concretude;
- Animação, humanidade, gênero;
- Artefato;
- Contabilidade e individuação;
- Generalidade e referência;
- Tamanho, forma e manipulabilidade; e
- Classificações culturais.

2) Em relação à sintaxe, temos duas propriedades combinatórias relacionadas:

- Papel gramatical (caso-papel) na cláusula;
- Papel sintático na frase substantiva.

Givón (2001) explica que os nomes podem exercer papéis gramaticais na cláusula como sujeito, objeto direto, objeto indireto ou predicativo do sujeito, conforme demonstrado nos exemplos a seguir.

- (1) a. Sujeito, objeto direto ou objeto indireto

*The woman gave the book to the child*  
 (Sujeito) (Obj. direto) (Obj. indireto)  
 ‘A mulher deu o livro para a criança’

(GIVÓN, 2001, p. 59)

- b. *The boy cut the meat with a knife*  
 (Sujeito) (Obj. direto) (Obj. indireto)  
 ‘O rapaz cortou a carne com uma faca’

(GIVÓN, 2001, p. 59)

- c. Predicativo do sujeito

*This is a desk*  
 (Predicativo)  
 ‘Isso é uma escrivaninha’

(GIVÓN, 2001, p. 59)

Em (2), segundo Givón (2001, p. 59), “não é o nome, mas sim o sintagma nominal que assume vários papéis gramaticais”. O autor ressalta, contudo, que os nomes, quando inseridos dentro de um sintagma, funcionam tanto como núcleos sintáticos quanto semânticos, determinando o tipo de entidade envolvida. Os elementos presentes no sintagma funcionam como modificadores desse núcleo sintagmático, como exemplificado a seguir.

- (2) a. Modificado por um artigo

*The child*  
 ‘A criança’

(GIVÓN, 2001, p. 59)

- b. Modificado por um adjetivo

*The big child*  
 ‘A criança grande’

(GIVÓN, 2001, p. 59)

- c. Modificado por uma cláusula relacional  
*The child I saw yesterday*  
 ‘A criança que eu vi ontem’  
 (GIVÓN, 2001, p. 60)
- d. Modificado por um numeral e marca de plural  
*Three child-ren*  
 ‘Três crianças’  
 (GIVÓN, 2001, p. 60)
- e. Modificado por um possuidor  
*Joe’s child*  
 ‘Joe é criança’  
 (GIVÓN, 2001, p. 60)
- The child-ren of Sanchez*  
 ‘O filho de Sanchez’  
 (GIVÓN, 2001, p. 60)
- (3) Modificado por um nome
- a. *The delivery truck*  
 ‘O caminhão de entrega’  
 (GIVÓN, 2001, p. 60)
- b. *A dog-house*  
 ‘Uma casa de cachorro’  
 (GIVÓN, 2001, p. 60)
- c. *Trout-fishing*  
 ‘Pesca de fruta’  
 (GIVÓN, 2001, p. 60)

Genetti (2014) afirma que a presença de modificadores em um sintagma nominal depende, em muitas línguas, da presença de um nome. Ou seja, nesse sentido, pode-se

considerar que modificadores são dependentes. A junção NOME + MODIFICADOR forma uma unidade sintática denominada sintagma nominal.

No que se refere às características morfológicas, Givón aborda os marcadores de classe, de gênero e de número. Destes três, discutir-se-á a respeito da marcação de número mais adiante.

### 3.2 A distinção entre nomes contáveis e massivos nas línguas naturais

De acordo com Paraguassu-Martins e Muller (2007), os primeiros trabalhos na linguística acerca da distinção entre nomes contáveis e nomes massivos foram introduzidos por Jespersen, em 1924. As referidas autoras afirmam que ele considerou critérios semânticos e sintáticos para distinguir nomes contáveis e massivos. Para o autor, contáveis seriam os nomes que “transmitem uma ideia de coisa definida, com formato e limites precisos, como seriam, por exemplo, livro, carro, canção etc., e massivos aqueles que não apresentam tais características, como prata, amor, terra etc.”, independentemente de serem concretos ou abstratos. (PARAGUASSU-MARTINS; MULLER, 2007, p. 68)

A constatação de que há esse tipo de distinção entre a classe de nomes surgiu quando Jespersen (1924), ao tratar de número, percebeu que, embora essa pareça uma das categorias gramaticais mais simples, assim como “dois e dois são quatro”, há, em um estudo mais amplo, dificuldades tanto lógicas quanto linguísticas.

Do ponto de vista lógico, a distinção óbvia é entre um e mais de um, sendo este último subdividido em 2, 3, 4 etc .; como uma classe separada pode ser reconhecida 'contável'; enquanto além de tudo isso existe uma classe de 'coisas' para as quais palavras como uma, dois são inaplicáveis; podemos chamá-los incontáveis, embora dicionários não reconheçam este uso da palavra incontável, o que é conhecido por eles apenas no sentido relativo 'muito numerosos para ser (facilmente) contado '(como inumeráveis, incontáveis). (JESPERSEN, 1924, p. 188)

Nesse sentido, pode-se perceber que expressões de quantidade<sup>5</sup>, como numerais e quantificadores, e até mesmo a marcação de número, são elementos linguísticos que servem como critérios para diferenciar os nomes.

Jespersen (1924) considera a existência de dois sistemas que envolvem tanto a semântica quanto a sintaxe, conforme podemos observar no quadro a seguir.

---

<sup>5</sup> Considerando que expressões de quantidade são elementos essenciais à distinção contável-massivo, destinou-se algumas subseções a seguir para discussão ampla das respectivas expressões.



Quadro 4 - Critérios semânticos e sintáticos

NOTIONAL:		SYNTACTIC:	
A. Countables			
one	.. ..	..	Singular
two	}	..	(Dual)
three		..	(Trial)
..		..	Plural
..	} more than one		
..			
..			
B. Uncountables.			

Fonte: Jespersen (1924)

Esses dois sistemas consideram critérios semânticos, como a noção do que pode ser contado, ou seja, combinado com numerais, o que envolve também a percepção da diferença entre “um” e “mais de um”; e critérios sintáticos, como a aplicação da marcação de número, isto é, singular ou plural. A aplicabilidade e inaplicabilidade desses elementos aos nomes seriam os critérios de distinção contável-massivo. Entretanto, segundo Paraguassu-Martins e Muller (2007), tais critérios foram alvos de críticas, considerando que temos nomes que não transmitem ideia de “coisa definida”, “com limites precisos”, como sonho, virtude, crença, entidade etc. e que são considerados contáveis; e outros, como mobília, verdura etc., que, embora transmitam ideia de coisa definida, são massivos.

- (4) Tenho **dois** grandes sonhos.
- (5) Respeito e paciência são **duas** virtudes necessárias.
- (6) **As** verduras que estavam sendo vendidas na feira estavam ótimas de preço e qualidade.
- (7) **As** mobílias daquela loja são lindas.

Os exemplos acima demonstram um confronto entre critérios semânticos e sintáticos, uma vez que a noção de coisa definida ou não definida não corresponde necessariamente ao uso ou não de numerais e marcação de plural. É nesse sentido que a proposta de Jespersen apresenta lacunas.

O fato de os nomes apresentarem predicções distintas, considerando o tipo que denotam, também foi observado por outros estudiosos. Link (1983 apud PARAGUASSU-MARTINS E MULLER, 2007, pp. 173-174), por exemplo, parte do princípio de que “o aparato cognitivo humano vê o mundo como contendo tanto átomos quanto porções de matéria”. Nesse

sentido, ele propõe que “um nome contável é um conjunto de átomos, i.e., por singularidades, e que a extensão de tais nomes no plural é um conjunto de pluralidades” (pp. 173-174). Já um nome massivo, como o ouro, é formado por “um conjunto contendo toda a matéria desse tipo e por subconjuntos contendo porções dessa matéria, que se dividem em novas partes sem que nunca átomos sejam obtidos” (pp. 173-174). A diferença entre os nomes, segundo essa perspectiva, é que

a extensão de nomes massivos, diferentemente da extensão dos nomes contáveis, é homogênea, ou seja, toda a vez que se subdivide uma porção de uma porção de ouro, o que se obtém é ainda ouro. Assim, para Link (1983), nomes massivos possuem denotações distintas de nomes contáveis. Um nome massivo denota porções de matéria enquanto um nome contável denota indivíduos singulares. Para este autor, o plural é uma operação sobre singularidades que resulta em um conjunto de pluralidades. (LINK, 1983 apud PARAGUASSU-MARTINS E MULLER, 2007, pp. 173-174)

Tomemos como exemplo maçã e água, sendo a primeira considerada um indivíduo atômico, singular, com formas e limites precisos, e a segunda como porção de matéria. Se cortarmos uma maçã ao meio, sua estrutura é visivelmente modificada, não temos mais uma maçã, mas, sim, partes dela. Por outro lado, se fizermos a mesma coisa com água, isto é, dividirmos uma porção de água em duas, por exemplo, ainda iremos obter água do mesmo modo. Ou seja, a composição da água não sofre alteração. É nesse sentido que Link considera que nomes contáveis são entidades heterogêneas e nomes massivos são entidades homogêneas, e a diferença entre esses nomes consistiria justamente no fato de que há átomos, assim como há porções de matéria no mundo.

Joosten (2003), diante das propostas apresentadas por diversos autores sobre a distinção contável-massivo, classificou a literatura existente sobre o assunto em quatro abordagens: gramatical, ontológica, semântico-conceitual e contextual, e elencou algumas objeções a cada uma delas. No quadro a seguir, são apresentados os principais autores de cada abordagem, conforme Joosten (2003).

**Quadro 5** – Abordagens sobre a distinção contável-massivo

grammatical view	ontological view	(conceptual-) semantic view	contextual view
Bloomfield (1933)	Quine (1960) Cheng (1973) Ter Meulen (1981)	McCawley (1979) Wierzbicka (1985, 1988, 1991 a, 1991b) Dik (1987) Langacker (1987, 1991) Reid (1991) Gillon (1992) Jackendoff (1992) Bloom (1994) Prasada (1995) Vossen (1995) Berezowski (1999)	Pelletier (1979b) Ware (1979) Bunt (1985) Gathercole (1985) Gordon (1985) Galmiche (1989) Löbel (1993) Levy (1997)

Fonte: Joosten (2003).

Joosten (2003) explica que a abordagem gramatical se apoia nas marcas gramaticais para distinguir os nomes. Desse modo, a marcação de número, a combinação com numerais e certos quantificadores servem como critérios para diferir a classe nominal em duas entidades distintas, contável e massivo (por exemplo, *car-s vs. \*sand-s*, no inglês).

Substantivos contáveis são substantivos que recebem um morfema plural, combinam-se com numerais cardinais e com o determinante *a*, enquanto massivos são os substantivos que não recebem um morfema de plural, que não se combinam com numerais cardinais (apenas com quantificadores como *muito* ou *mucho*) e que podem ocorrer com o determinador zero. (JOOSTEN, 2003, p. 218)

Segundo essa abordagem, portanto, “a distinção entre contáveis e massivos é então puramente gramatical, e não tem qualquer relação com uma distinção semântica” (JOOSTEN, 2003, p. 218). Quanto a isso, Joosten (2003) aponta duas objeções: 1) é improvável que nomes contáveis e massivos tenham essa denotação por pura coincidência. Isto é, ocasionalmente, alguns nomes podem ser combinados com marcas de plural, numerais e certos quantificadores, e estes podem ser considerados contáveis, e outros, que não apresentam essas combinações, são massivos; 2) a distinção contável-massivo não parece ser totalmente previsível a partir do significado das palavras, deve haver algum grau de arbitrariedade. Soma-se a isso o fato de que

os aspectos morfossintáticos não são suficientes para explicar, por exemplo, por que algumas palavras podem ocorrer ora como contável ora como massivo.

Na abordagem ontológica, a distinção contável-massivo é operada “entre entidades do mundo real, entre referentes”. Para um nome ser considerado massivo, ele deve apresentar as seguintes propriedades: cumulatividade, distributividade e homogeneidade. Segundo Joosten (2003, p. 219), a propriedade de “referência cumulativa” significa que “qualquer soma de partes que são água é água. Em outras palavras, água é um substantivo massivo, porque é ‘ilimitado’: se alguém adiciona água à água, ainda tem água. A quantidade muda, mas a qualidade não”.

A propriedade de distributividade consiste na ideia de que “qualquer parte do todo do objeto de massa que é  $w$  é  $w$ ” (Cheng 1973, p. 287 apud JOOSTEN, 2003, p. 219). Joosten explica que substantivos massivos, portanto, referem-se a entidades do mundo real que são idênticas em toda a sua extensão. Por exemplo, se alguém adiciona água à água ou remove uma porção dela, o resultado final sempre será água. A proposta de Link (1983), já discutida anteriormente, pode ser considerada, portanto, ontológica.

A terceira propriedade, a homogeneidade, tem relação com as duas primeiras propriedades supracitadas. Se a soma de partes de  $x$  é  $x$ , e cada parte conserva as mesmas propriedades, então estamos diante de uma entidade de referência homogênea. “A água tem uma estrutura homogênea (partes da água são todas semelhantes e podem ser chamadas de água), enquanto um carro tem uma estrutura/constituição heterogênea (as peças de um carro são diferentes e não podem ser chamadas de carro)” (JOOSTEN, 2003, p. 219). Esse último exemplo, o carro, é considerado, segundo essa perspectiva, um nome contável por apresentar heterogeneidade em sua estrutura, diferente dos nomes que se referem a entidades massivas.

Segundo Joosten (2003, p. 220), “se contagem e massa fossem propriedades de entidades do mundo real, então seria de se esperar que diferentes línguas fizessem as mesmas escolhas para as mesmas entidades”. No entanto, ele explica que se assim fosse, os franceses e os ingleses, por exemplo, não tratariam a mesma entidade, como a uva (fruta), de forma distinta. Em francês, se diz *du raisin* (massivo) e, em inglês, *a grape, some grapes* (contável). Além da disparidade quanto à forma de nomear a mesma entidade, há também distinção no que se refere à noção de contável e massivo. Além disso, o autor acrescenta que “parece difícil aplicar critérios como ‘cumulatividade’, ‘distributividade’ ou ‘homogeneidade’ a substantivos abstratos, como crise, qualidade ou tristeza”. Nesse sentido, esses critérios ontológicos só podem ser aplicados a entidades concretas, tangíveis e/ou perceptíveis, embora também haja evidências de distinção contável-massivo entre nomes abstratos (por exemplo, uma crise, muita qualidade/ muitas qualidades, tristeza). Outro aspecto observado por Joosten (2003) é o fato de

uma mesma entidade (homogênea ou heterogênea) da realidade não impedir que um falante da língua se refira a uma única e mesma entidade do mundo real tanto por contagem quanto por massa.

(8) There is a chair in the corner. (contável)

(9) There is some wood in the corner. (massivo)

(PRASADA 1995, p. 256 apud JOOSTEN, 2003, p. 220)

(10) The rains in India have burst the banks of several rivers. (contável)

(11) If there's rain today, I will not go to work. (massivo)

(JOOSTEN, 2003, p. 220)

Por fim, Joosten (2003) afirma que os critérios ontológicos (cumulatividade, distributividade e homogeneidade) dão origem a outras discussões que não tem relação com a linguagem, como o conceito de átomo e substância.

Por exemplo, a "referência distributiva" critério incitou muitos linguistas e filósofos a discutir a impossibilidade de dividir indefinidamente uma substância em partes menores, e de responder à pergunta subsequente se uma única molécula de H<sub>2</sub>O ainda é água. Isso é uma questão de ciência, devo dizer, não uma questão de língua. (JOOSTEN, 2003, p. 221)

A abordagem semântico-conceitual, conforme Joosten (2003), é a que apresenta o maior número de adeptos. De acordo com essa perspectiva, “a distinção gramatical entre contáveis e massivos não está (principalmente) conectada ao mundo externo, mas à maneira como os usuários da língua percebem e conceituam esse mundo externo” (JOOSTEN, 2003, p. 221). A distinção entre esses nomes reside no significado do próprio nome, e não nas entidades que eles nomeiam.

Os substantivos contáveis e massivos são diferentes no que diz respeito à conceituação: contabilização implica em conceituação "individuada", ou seja, conceitualização em termos de entidades individuais (por exemplo, um carro, muitas flores, três cães). Incontestabilidade (massa), por outro lado, dá evidências de conceituação "não individualizada", ou seja, conceituação em que nenhuma entidade individual é pressuposta (por exemplo, água, muito ouro, muita fumaça). (JOOSTEN, 2003, p. 221)

Portanto, a diferença entre nomes contáveis e massivos tem correlação com uma distinção semântico-conceitual (“individuado” vs. “não individualizado”) (JOOSTEN, 2003, p. 221). Nessa abordagem, “a linguagem não é mais considerada um espelho perfeito da natureza.

Desvios entre a linguagem e o mundo são possíveis e podem ser explicados em termos de conceitualização” (p. 222).

Desta forma, a visão semântico-conceitual é capaz de resolver a maioria dos quebra-cabeças que o ontológico vista não poderia lidar com. Por exemplo, a visão semântico-conceitual é capaz de explicar como uma e a mesma entidade do mundo real pode ser referida tanto por uma contagem quanto por um nome massivo (por exemplo, cadeiras e mesas / móveis): há apenas uma diferença na conceituação. (JOOSTEN, 2003, p. 222)

Em relação a essa abordagem, há dois problemas, segundo Joosten (2003, pp. 222-223):

1) é improvável que a variabilidade na distinção contável-massivo possa ser explicada em termos de conceitualização. A língua inglesa, por exemplo, apresenta tratamento distinto para *pea* ‘ervilha’ (*a pea* ‘uma ervilha’, *many peas* ‘muitas ervilhas’) e para *rice* ‘arroz’ (*rice* ‘arroz’, *much rice* ‘muito arroz’). *Pea* ‘ervilha’ é combinada com o quantificador contável *many*, enquanto *rice* ‘arroz’ é combinada com o quantificador massivo *much*. Soma-se a isso o fato de que diferenças como, em francês, *du raisin* (massivo) e, em inglês, *grape* (contável) possam ser explicadas apenas com base na conceitualização. Além disso, as características léxico-semânticas não são suficientes para esclarecer o porquê de os nomes poderem sofrer transmutação de contável para massivo e vice-versa. Como exemplo, temos os substantivos *brick* ‘tijolo’, *quality* ‘qualidade’ e *beer* ‘cerveja’, que podem ser usados tanto como contáveis quanto como massivos. Até mesmo os nomes prototípicos, como carro ou mesa, não excluem leituras em massa (JOOSTEN, 2003, p. 223).

(12) Hire more car for less money.

There’s not enough table for everyone to sit at.

(ALLAN 1980, p. 547 apud JOOSTEN, 2003, p. 224)

A última abordagem discutida por Joosten (2003) é a contextual. Autores como Allan (1980, p. 546 apud JOOSTEN, 2003, p. 224), adeptos dessa visão, consideram que a distinção contável-massivo não se dá no nível lexical, mas, sim, sintagmático. Em outras palavras, há sintagmas contáveis e massivos, e isso explica por que a mesma entidade pode ora se comportar como contável ora como massivo.

Em um NP como um carro, é apenas o determinante a que marca o NP como contagem, de fato. Parece, portanto, verdade que “um substantivo como tal não pode ser classificado como ‘contável’ ou ‘massa’” (Bunt 1985, p. 12), e que “a distinção entre nomes contáveis e nomes massivos é determinada pelos quantificadores e os determinantes apropriados aos substantivos” (Ware 1979, p. 15). NPs de contagem em inglês são NPs em que o substantivo é precedido por um, um, dois, alguns, vários e muitos; NPs de massa em inglês são NPs em que o substantivo é precedido pelo

determinante zero (por exemplo, Ø água), um pouco (um pouco de) e muito. (JOOSTEN, 2003, p. 224)

A visão contextual já vem sendo defendida em obras de alguns filósofos americanos desde a década de 70, como a de Pelletier (1979a). Segundo essa perspectiva, “todos os substantivos podem ser usados tanto no sentido de contagem quanto no de massa” (JOOSTEN, 2003, p. 224).

Uma ilustração famosa disso é um experimento mental de Pelletier (1979b), que ele chamou de "moedor universal". Essa máquina fictícia foi capaz de cortar qualquer coisa (não importa quão grande, pequeno, macio ou duro), de modo que colocar um homem em uma das extremidades do triturador resultaria - depois que a máquina fez seu trabalho - em uma frase como há um homem espalhado pelo chão. Mais tarde, outras "máquinas de pensamento" foram propostas, como o "classificador universal" de Bunt (1985) (para converter nomes massivos em substantivos contáveis) e o "multiplicador" e "condicional" de Galmiche (1989). (JOOSTEN, 2003, p. 224)

Embora essa abordagem explique boa parte dos questionamentos levantados até o momento, ela também apresenta algumas lacunas, tendo em vista aspectos como: alguns nomes não podem ocorrer com sintagmas massivos (por exemplo, *\*du kilo, \*de la catégorie* and *\*du chapitre*, em francês) (GALMICHE, 1989, p. 68 apud JOOSTEN, 2003, p. 224); 2) nem todos os sintagmas oferecem base para determinar se o nome é contável ou massivo (por exemplo, *my bike/water/children*, em inglês, pois *my* é neutro em relação a número); e 3) a maioria dos nomes parece favorecer um tipo de contexto em detrimento de outro, como pode ser observado em inglês, por exemplo, “carro” ocorre quase invariavelmente em sintagmas de contagem, enquanto “vinho” favorece sintagmas massivos. Ambos podem, contudo, ocorrer em contextos inversos (*Hire more car for less money/ They sell Italian wines*), mas essas ocorrências não são predominantes.

A respeito da distinção contável-massivo e as possíveis leituras que se pode fazer sobre os nomes, Beviláqua, Lima e Oliveira (2016) nos trazem importantes reflexões. Com base no português brasileiro, as autoras afirmam que há distinção entre contar, medir, como proposto por Rothstein (2017), e moagem. Essas operações estão relacionadas diretamente com as noções de cardinalidade, volume e moagem. Segundo os autores, “medir é uma função que mapeia um objeto em um ponto e em uma escala, cuja dimensão pode ser dada contextualmente. Assim, um objeto pode ser medido de acordo com diferentes dimensões: volume, área, peso etc.” (p. 22). Contar, por sua vez, é uma correspondência entre objetos e números, conforme discutido por Rothstein (2017), citada por Beviláqua, Lima e Oliveira (2016), enquanto ainda estava no prelo. Contudo, os autores explicam que nenhuma dessas operações afeta a estrutura do objeto,

enquanto a moagem sim, pois consegue transformar “um objeto em sua denotação de massa de substância” (BEVILÁQUA, LIMA e OLIVEIRA, 2016, p. 21).

A moagem, conforme Pelletier (1979), citado pelos autores, provém de um “moedor universal”, capaz de transformar qualquer objeto na matéria de que o objeto é feito. Dessa forma, a moagem permite que uma entidade contável possa ocorrer em contexto sintático de massa, como demonstrado nos exemplos a seguir.

(13) There is apple in the salad.

(14) Ele tem mais livros do que estantes.

(BEVILÁQUA, LIMA e OLIVEIRA, 2016, p. 4)

Enquanto em (13) esperamos claramente que não estejamos mais falando sobre maçãs inteiras, em (14) não esperamos que os livros tenham sofrido qualquer transformação física. Ou seja, em (13), um número indefinido de maçãs foi reduzido a porções moídas de maçãs (fatias, pedacinhos etc.), enquanto em (14) um número indefinido de livros mantém seu status de objeto distinto. Isso significa que em (14) a frase é claramente sobre o volume dos objetos do livro. (BEVILÁQUA, LIMA e OLIVEIRA, 2016, p. 4)

Essa discussão é importante para percebermos que os nomes podem ser percebidos de maneira distinta dependendo do contexto. As leituras não cardinais podem favorecer uma interpretação de peso ou volume. Como exemplo, os autores apresentam a laranja, e explicam que se ela for geralmente comprada por quilo isso favorecerá uma leitura de peso. Por outro lado, as leituras cardinais, como a de um carro, podem favorecer a leitura de contagem (cf. BEVILÁQUA, LIMA e OLIVEIRA, 2016, p. 4). Essa parece ser, até o presente momento, a explicação mais plausível para o fenômeno da distinção contável-massivo, tendo em vista a variabilidade observada entre as línguas.

No próximo tópico, são discutidas as principais propriedades distintivas entre nomes contáveis e massivos.

### 3.2.1 Propriedades distintivas entre nomes contáveis e massivos

Muito ainda se discute sobre quais são as propriedades que distinguem nomes contáveis e nomes massivos nas línguas naturais. As expressões que apresentam valores quantitativos são comumente descritas como os principais elementos distintivos entre tais nomes, conforme veremos adiante.



### 3.2.1.1 Expressões de quantidade

De acordo com Dehaene (1997), o ser humano é provido do que ela chama de “senso numérico”, isto é, uma espécie de intuição sobre os números e suas propriedades que o leva a reconhecer e distinguir diferentes quantidades. Em outras palavras, o ser humano sabe que “um” não é o mesmo que “dois”, “cinco” etc.; assim como “todos” não é o mesmo que “alguns”, por exemplo.

Quanto ao que significa “quantificar”, Fayol (2012, p. 9) explica que quantificar “é responder à pergunta: quantos são?”. Para ele,

os sistemas e práticas numéricos variam conforme as culturas. Correspondem a instrumentos e ferramentas cognitivos que permitem a enumeração e o cálculo. Têm sido elaborados pelas culturas no decorrer de sua história em função de suas condições específicas de vida. Comportam duas dimensões coordenadas: um código – quase sempre verbal, embrionário em algumas culturas – e práticas como, por exemplo, o uso dos dedos ou a mobilização de partes do corpo; ábacos; régua de calcular; calculadoras. Esses instrumentos se impõem aos membros dessas culturas, que devem se apropriar de sua natureza e de seus usos, a fim de ter sucesso nas avaliações e nos cálculos. Sua aprendizagem se efetua inicialmente de maneira implícita, pela prática de atividades e pelo apoio na observação dos comportamentos alheios. (FAYOL, 2012, p. 21 e 22)

Ainda segundo o referido autor, “a intuição das quantidades numéricas se desenvolve bem cedo e melhora ao longo do período pré-escolar e continua a evoluir após o início da escolaridade formal” (FAYOL, 2012, p. 42).

Da mesma forma, Rothstein e Lima (2018), acerca do assunto, explicam que há dois sistemas principais de reconhecimento no que concerne à compreensão de quantidades.

Já está bem estabelecido que bebês pré-verbais, assim como outras espécies (primatas não humanos), compartilham dois sistemas principais de reconhecimento numérico não-verbal: o sistema numérico aproximado (ANS), um mecanismo associado à nossa capacidade de representar quantidades aproximadas e o paralelo sistema de individuação (PI), um mecanismo associado à nossa capacidade de rastrear itens individuais e pequenas pluralidades (cf. Brannon e Terrace 1998; Xu e Spelke 2000; Brannon et al. 2004; Feigenson et al. 2002; Flombaum et al. 2005; Barth et al. 2006; Cantlon e Brannon 2007, entre muitos outros). Fundamentalmente, ambos os sistemas, o ANS e o PI, são pré-linguísticos e são empregados no desenvolvimento do Sistema de Número Discreto (DNS), que é empregado ao realizar operações aritméticas, bem como operações mais sofisticadas envolvendo cognição matemática (ROTHSTEIN; LIMA, 2018, pp. 2-3).

Em consonância com essa ideia, observa-se que a maioria das línguas naturais possui termos específicos para expressar quantidade, muitas vezes, manifestados linguisticamente por meio de quantificadores e numerais; ambos com valor quantitativo, entretanto, conforme Ferrari-Neto (2008), com distinções significativas.

De um modo geral, numerais denotam conjuntos com uma cardinalidade exata enquanto quantificadores chamam a atenção para a totalidade dos elementos de um

conjunto – sem importar quantos sejam – ou para a não-totalidade, também não importando exatamente a quantidade. (FERRARI-NETO, 2008, p. 52)

Segundo Genetti (2014), essas expressões estão presentes nas línguas em números, estruturas e propriedades distintas. A autora acrescenta que esses elementos são geralmente de diferentes classes e ocorrem uma única vez em uma frase nominal. No inglês, por exemplo, observa-se que dois ou mais quantificadores não podem coocorrer em uma mesma frase nominal por serem da mesma classe, conforme podemos observar no exemplo 15a; enquanto a combinação de quantificadores e numerais é aceitável, levando-se em consideração que ambos são de classes distintas, como no exemplo 16a. Os exemplos 15b e 16b são traduções feitas pela autora desta dissertação e fazem referência aos exemplos 15a e 16a, respectivamente.

(15a) \*Many all boys

(15b) \*Muitos todos os rapazes.

(16a) All three boys

(16b) Todos três rapazes.

(GENETTI, 2014, p. 109)

O interesse pelos termos que designam quantidade é antigo. Peters e Westerst (2006) relatam que “o estudo lógico da quantificação é tão antigo quanto a própria lógica, começando no trabalho de Aristóteles” (p. 1) e acrescenta que

os quantificadores são um dos poucos dispositivos expressivos da língua pelos quais é conhecido como sair do círculo da língua e explicar o que uma palavra significa diferente de essencialmente em termos de significados de outras palavras. É possível explicar o significado de quantificadores em termos matemáticos e outros termos não linguísticos. Essa base não apenas fornece uma explicação satisfatória do significado dos próprios quantificadores, mas também está por trás do uso disseminado de quantificadores na análise do significado de uma extensa gama de expressões não lógicas, incluindo tempos e advérbios temporais, verbos modais, condicionais, verbos de atitude e algumas frases nominais que podem não ser explicitamente quantificadas. (PETERS; WESTERST, 2006, p. 1)

Essas expressões, tanto quantificadores quanto numerais, podem ser consideradas como determinantes, uma vez que acompanham o nome atribuindo-lhe a noção de quantidade e, portanto, modificando-o. Rosa (2015) afirma que alguns autores consideram artigos *o*, *um*, e demonstrativos como *este*, *esse*, *aquele*, como sendo determinantes. Entretanto,

não uso mais amplo, artigos e demonstrativos são determinantes referenciais e destacam-se de dois outros tipos de determinantes: os quantificadores, tidos como palavras que denotam quantidade, como *todos*, *ambos*, *cada*, *algum* e numerais cardinais; e os possessivos, como *seu*, *meu*, por exemplo (p. 112).

Observando a ocorrência dessas expressões nas sentenças, tomemos como exemplo a estrutura apresentada por Chierchia (2003), em que temos um sintagma nominal constituído por um determinante, um nome e mais um sintagma verbal.

- (17) a. [<sup>SN</sup> Det N] SV  
 b. Todo gato está no telhado.  
 c. Um gato está no telhado

(CHIERCHIA, 2003, p. 372)

Cherchia (2003) explica que o determinante estabelece uma relação entre a denotação do N e a denotação do SV. O paralelo entre os dois, segundo o autor, “permite-nos quantificar o envolvimento de indivíduos em determinadas ações ou estados” (p. 372). Em (17b) *todo* quer dizer que a totalidade dos indivíduos (que são gatos) está no telhado; e em (17c), um indivíduo (que é um gato) encontra-se no telhado. Conclui-se que o determinante, muitas vezes, expresso por um quantificador ou numeral, “exprime uma relação de quantificação entre dois subconjuntos do universo do discurso (= a totalidade dos objetos de que se fala)” (p. 372).

Quanto aos quantificadores, estes são classificados tradicionalmente em universais e indefinidos. Ferrari-Neto (2008) explica que são universais aqueles que “denotam a totalidade dos valores atribuíveis à expressão que encabeçam e apresentam uma distribuição sintática que coincide parcialmente com os D definidos, já que ambos estão sujeitos às mesmas restrições de definitude” (p. 52), e cita como exemplos do português os quantificadores universais: *todo(s)*, *cada*, *ambos* e *nenhum*. Nesse sentido, considera-se como universal todos os quantificadores que se referem a todos os elementos de um determinado conjunto, conforme podemos observar nos exemplos a seguir.

- (18) Cada ser humano possui um coração.  
 (19) Todos os seres humanos possuem um coração.  
 (20) Nenhum ser humano vive sem um coração.  
 (21) Ambos precisam de um coração para sobreviver.

Os exemplos (18), (19), (20) e (21) demonstram que os quantificadores *cada*, *todos*, *nenhum*, *ambos*, por exemplo, são usados nos casos em que se quer fazer referência a todos os componentes de um determinado conjunto, nesse caso, ao conjunto “ser humano”.

Os quantificadores indefinidos, por sua vez, relacionam-se com os D indefinidos, como em: *alguns*, *algum*, *certo*, *muito*, *pouco*, *tanto*, *outro*, *vários*, *bastante*. Diferentemente dos universais, os indefinidos fazem referência a partes de um determinado conjunto.

- (22) Alguns seres humanos gostam de futebol.  
 (23) Poucos seres humanos gostam de futebol.  
 (24) Vários/muitos seres humanos gostam de futebol.

É possível observar que os quantificadores *alguns*, *poucos*, *vários/muitos*, por exemplo, não se referem à totalidade dos elementos de um determinado conjunto, mas sim a partes dele, sem definir a quantidade exata a que se referem. Portanto, são quantificadores indefinidos.

A seguir, discorro especificamente sobre a marcação de número, numerais e quantificadores, apontados, muitas vezes, como propriedades distintivas de nomes contáveis e massivos.

#### 3.2.1.1.1 Marcação de número, numerais e quantificadores

Ao tratarmos das expressões de quantidades é importante atentarmos para as implicações que estão imbricadas nos usos dessas expressões no que se refere à distinção contável-massivo. Lima (2014), com base na proposta tipológica de Chierchia (1998a, 1998b e 2010), afirma que, em línguas com marcação de número, como o inglês, estes dois elementos, numerais e quantificadores, são os critérios que distinguem nomes contáveis de nomes de massa.

Uma das propriedades de nomes contáveis-massivos em inglês, abordada por Lima (2014), é que determinantes como *the* e *some* podem ser combinados com qualquer tipo de nome (contável ou massivo). Os determinantes *a* e *every*, por exemplo, só podem ser combinados com nomes contáveis no singular, enquanto os determinantes *most* e *all* são restritos a nomes no plural e a nomes massivos. Os exemplos a seguir ilustram essas propriedades.

- (25a) The/some boy    (25b) The/some boys    (25c) The/some water  
 (26a) A/every boy    (26b) \* A/every boys    (26c) \* A/every water  
 (27a) \* Most/all boy    (27b) Most/ all boys    (27c) Most/ all water

(CHIERCHIA, 2010 apud LIMA, 2014, p.3)

Conforme Cruse (2011), temos a seguir alguns critérios que distinguem nomes contáveis e massivos no inglês:

**Nomes contáveis:**

a) Não podem ocorrer no singular sem um determinante:

Ex: This cup is clean  
(Esta xícara está limpa)

Ex: \*Cup is clean  
(\*Xícara está limpa)

b) Ocorrem normalmente no plural;

c) São quantificáveis com alguns quantificadores como poucos, muitos e numerais em geral, mas não por termos como muito ou pouco:

Ex: a few cups/ many cups/ thirty cups  
(algumas xícaras/ muitas xícaras/ trinta xícaras)

Ex: \*much cup/ \*little cup  
(\*muita xícara/ \*pouca xícara)

**Nomes massivos**

a) Podem ocorrer no singular sem um determinante:

Ex: Butter is good for you  
(manteiga é boa para você)

b) São estranhos no plural (ou requerem reinterpretação em conformidade com contextos específicos):

Ex: ? butters, ? milks  
(manteigas, leites)

c) São quantificáveis por expressões como *um pouco*, *muito*, mas não por *poucos*, *muitos*:

Ex: a little/much milk;  
(um pouco/muito leite)  
\*many milk, \*a few milk

### 3.3 Tipologia de línguas: uma proposta de Chierchia (1998a , 1998b e 2010)

Partindo-se do pressuposto de que as línguas naturais apresentam distinções entre nomes contáveis e nomes massivos, Chierchia (1998a 1998b 2010 apud LIMA, 2014) propôs a existência de três tipos de língua: (1) línguas com marcação de número; (2) línguas com classificadores e (3) línguas de número neutro. Chierchia defende que, dependendo da tipologia, cada língua tem uma forma de diferir tais nomes, conforme será discutido a seguir.

#### 3.3.1 Línguas de marcação de número

Nas línguas de marcação de número, como o inglês, nomes contáveis e nomes massivos diferem-se pela possibilidade de combinação com a marca de plural, quantificadores e numerais.

(28) There is one apple on the table.  
 lá está uma maçã sobre a mesa  
 ‘Tem uma maçã na mesa’

(29) There are two apples on the table.  
 lá estão duas maçãs sobre a mesa  
 ‘Tem duas maçãs sobre a mesa’

(MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 196)

Conforme já mencionado, os quantificadores ocorrem em contextos específicos.

(30a) The/some boy (30b) The/some boys (30c) The/some water  
 (31a) A/every boy (31b) \* A/every boys (31c) \* A/every water  
 (32a) \* Most/all boy (32b) Most/ all boys (32c) Most/ all water

(CHIERCHIA, 2010 apud LIMA, 2014, p.3)

Somando-se a esses critérios, temos os numerais, que também não ocorrem com qualquer nome. Segundo Lima (2014, p. 3), eles podem ser combinados diretamente com nomes contáveis, mas “em construções com numerais e nomes massivos, um sintagma- recipiente ou de medição é necessário (*three quarts of blood*’ (medição); *three tubes of blood*’ (recipiente); \*’*three blood(s)*’).”

### 3.3.2 Línguas de classificadores

Em línguas de classificadores, como o Chinês, por exemplo, nomes contáveis e nomes massivos diferem-se por sua combinação com os classificadores existentes nessas línguas. Cheng e Sybesma (1999, apud PARAGUASSU-MARTINS, 2010, p. 39) afirmam que o chinês possui dois tipos de classificadores, um que acompanha nomes contáveis (denominado classificador), e outro que acompanha nomes massivos (denominado massificador).

Classificadores:

(33) a.    san       ge     ren  
          três     CL    pessoa  
          ‘três pessoas’

(BORER, 2005 apud PARAGUASSU-MARTINS, 2010, p. 39)

b.       san       zhi    bi  
          três     CL    caneta  
          ‘três canetas’

(BORER, 2005 apud PARAGUASSU-MARTINS, 2010, p. 39)

c.       san       ben   shu  
          três     CL    livro  
          ‘três livros’

(BORER, 2005 apud PARAGUASSU-MARTINS, 2010, p. 39)

Massificadores:

(34) a.    san       bang(de)           rou  
          três     (1) CL-libra(de)   carne  
          ‘três libras de pessoas’

(BORER, 2005 apud PARAGUASSU-MARTINS, 2010, p. 40)

- b. liang xiang(de) shu  
 duas CL-caixa(de) livro  
 ‘três caixas de livro’

(BORER, 2005 apud PARAGUASSU-MARTINS, 2010, p. 40)

A língua chinesa apresenta vários traços que são comuns em outras línguas de classificadores, tais como: o fato de possuir argumentos nus<sup>6</sup>, não apresentar pluralização e necessitar de classificadores, além de possuir algumas propriedades de nomes contáveis e massivos que são específicas desse tipo de língua (LIMA, 2014, p. 3). Segundo Cheng e Sybesma (1999 apud LIMA, 2014, p. 5), alguns modificadores e adjetivos ocorrem exclusivamente com uma determinada classe de classificadores. A exemplo disso, os autores apresentam o modificador *de* em dois contextos: 1) quando o modificador se encontra entre um massificador e um nome; e 2) quando o modificador se encontra entre um classificador contável e um nome. No primeiro contexto, é considerado gramatical e, no segundo, agramatical.

#### Chinês Mandarim

- (35a) San bang (de) rou  
 três CL.libra DE carne  
 ‘Três libras de carne’

(CHENG & CYBESMA, 1999, apud LIMA, 2014, p. 5)

- (35b) Ba tou (\*de) niu  
 oito CL.cabeça DE vaca  
 ‘Oito vacas’

(CHENG & CYBESMA, 1999, apud LIMA, 2014, p. 5)

#### 3.3.3 Língua de número neutro

As línguas numericamente neutras, terceiro tipo de língua descrito por Chierchia (1998a 1998b 2010 apud LIMA, 2014, p. 6), apresentam algumas propriedades que se assemelham às das línguas de classificadores. Dentre elas, o fato de seus argumentos serem *nus*:

---

<sup>6</sup>Utiliza-se o termo “nu” para referir-se ao nominal que ocorre sem marca de número e sem determinantes (PARAGUASSU-MARTINS & MULLER, 2007).



Dëne Suliné

- (36a) K'ásba nághilnígh  
 chicken PERF-1SG-comprar O  
 'Eu comprei uma galinha'

(WILHELM, 2008 apud LIMA, 2014, p. 6)

- (36b) Li dëneyuaze theál  
 cachorro garoto-DIM PERF-morder/mastigar O  
 'O cachorro mordeu o garotinho'

(WILHELM, 2008 apud LIMA, 2014, p. 6)

Além disso, línguas desse tipo não apresentam morfologia de plural.

Dëne Suliné

- (37a) Larry lághe ejëre nághélnígh  
 Larry um bovino PERF-comprar O  
 'Larry comprou uma vaca'

(WILHELM, 2008 apud LIMA, 2014, p. 7)

- (37b) Larry ejëre nádághélnígh  
 Larry bovino DIST-PERF-comprar O  
 'Larry comprou várias vacas/gado'

(WILHELM, 2008 apud LIMA, 2014, p. 7)

Os numerais, nessas línguas, são apontados como a propriedade que distingue tais nomes, como podemos observar nos exemplos seguintes.

Dëne Suliné

- (38a) Solághe dzol  
 cinco bolas  
 'Cinco bolas'

(WILHELM, 2008 apud LIMA, 2014, p. 6)

(38b) \* Solághe ber  
 cinco carne  
 ‘Cinco carnes’

(WILHELM, 2008 apud LIMA, 2014, p. 8)

(38c) Solághe nedádhi bër  
 cinco libras carne  
 ‘Cinco libras de carne’

(WILHELM, 2008 apud LIMA, 2014, p. 8)

Segundo Lima (2014), assim como em línguas de marcação de número, nas línguas neutras, os numerais só podem ser combinados diretamente com nomes contáveis. Já os nomes massivos só podem ser combinados com numerais se estiverem acompanhados de um sintagma-recipiente ou de medição. Ademais, essas línguas não possuem classificadores.

A proposta de Chierchia, conforme apresentada por Lima (2014), converge com muitos estudos já realizados. O inglês e o português, por exemplo, que são línguas de marcação de número, apresentam muitos traços já previstos por esse autor para esse tipo de língua. Outras línguas, contudo, como a língua Parkatêkê, apresentam traços de mais de um tipo de língua, como veremos mais adiante. Ou seja, ela pode ser associada a mais de um tipo de língua.

### 3.3 Distinção contável-massivo em línguas indígenas brasileiras

Neste tópico, discute-se a respeito de três trabalhos<sup>7</sup> desenvolvidos sobre a distinção entre nomes contáveis e nomes massivos em algumas línguas indígenas brasileiras, a saber: Lima (2014), Muller, Storto e Coutinho-Silva (2006) e Sanchez-Mendes (2016), que apresentam, respectivamente, a descrição das línguas Yudja (pertencente à família Juruna – Tronco Tupi), Karitiana (pertencente à família Arikém – Tronco Tupi), e Wapixana (pertencente à família Aruák).

---

<sup>7</sup> Além dos estudos supramencionados, há outros sendo desenvolvidos sobre línguas do Tronco Linguístico Macro-Jê, mas ainda estão em fase de publicação. São eles: língua Maxacali (Mário da Silva e Andrew Nevins, no prelo), língua Mëbengokre (Andrés Pablo Salanova, no prelo) e língua Panará (Bernat Bardagil-Mas, no prelo).

### 3.3.1 Língua Yudja (Família Juruna – Tronco Tupi)

De acordo com Rodrigues (1986), a língua Yudja faz parte da família Juruna, Tronco Tupi, no Brasil. Lima (2014) afirma que aproximadamente 300 pessoas falam essa língua no Parque Indígena do Xingu. Yudja, conforme a autora, contrapõe a tipologia linguística proposta por Chierchia (1998a, 1998b, 2010 apud LIMA, 2014) de que há três tipos de línguas (1) línguas de marcação de número (2) línguas de classificadores e (3) línguas neutras, como veremos a seguir.

Segundo Lima (2014), os nomes na língua Yudja ocorrem nus, isto é, sem marcação de número e determinantes. “Os nomes não são especificados para o número (singular, plural) e não especificados para definição (definitiva ou indefinida). Portanto, os nomes podem ser interpretados como singulares ou plurais, definidos ou indefinidos, dependendo do contexto” (LIMA, 2014, p. 33).

(39) Ali            ba’i    ixu  
criança        paca    comer

‘A(s) criança(s) come(m)/comeram a(s)/ uma(s)/ alguma(s) paca(s)’

(LIMA, 2014, p. 33)

Assim como em muitas línguas, há um morfema opcional de plural que é combinado somente com nomes cujo referente é + humano (FARGETTI, 2001 apud LIMA, 2014). Nos contextos em que há uma pluralidade de indivíduos, há a possibilidade de uso deste morfema. No entanto, caso este esteja ausente em uma construção, a interpretação é a de que pode haver tanto um quanto vários indivíduos, conforme podemos observar nos exemplos apresentados por Lima (2014).

(40a) Senahĩ        kota    ixu  
homem        cobra    comer

‘Um(s)/ o(s)/ algum(s) homem/ homens come(m)/ comeu(ram) uma(s)/ a(s)/ alguma(s) cobra(s)’

Lit.: um número indefinido de homens come/ comeu um número não especificado de cobras.

(LIMA, 2014, p. 34)

(40b) Senahĩ-i kota ixu  
 homem-PL cobra comer

‘(Os) homens comem/comeram uma(s)/ a(s)/ alguma(s) cobra(s)’

Lit.: um conjunto plural de homens come/comeu um número não especificado de cobras.

(LIMA, 2014, p. 34)

(40c) Kota senahĩ-i ixu  
 cobra homem- PL comer

"Uma(s)/ a(as) / alguma(s) / cobra(s) come(m)/ comeu(ram) o(s)/ algum(ns) homem(ns)’

Lit.: um número não especificado de cobras come/ comeu um número não especificado de homens.

(LIMA, 2014, p. 35)

Enquanto na ausência desse morfema há as duas possibilidades: singularidade ou pluralidade de indivíduos, na presença, por sua vez, há obrigatoriamente dois ou mais indivíduos, como demonstrado em 40b e 40c.

Devido se tratar de um morfema que é combinado apenas com nomes referentes a humanos, sua combinação com nomes - humanos, como *kota* ‘cobra’, não é possível.

*Yukĩdĩ* 'sal' (substância, não líquida)

(41a) Yauda Maria yukĩdĩ dju wĩ  
 dois Maria sal trazer

‘Maria trouxe duas (porções de) sal’

(LIMA, 2014, p. 35)

(41b) \* Yauda Maria yukĩdĩ-i dju wĩ  
 dois Maria sal-PL trazer

(LIMA, 2014, p. 36)

*Awila* 'mel' (substância, líquido)

- (42a) Txabiũ            awĩla    txutxutxuka  
           três            mel    trazer.RED  
           ‘(Alguém) trouxe três (porções de) mel’

(LIMA, 2014, p. 36)

- (42b) \*Txabiũ            awĩla-i            txutxutxuka  
           três            mel-PL            trazer.RED

(LIMA, 2014, p. 36)

Da mesma forma, Lima (2014, p. 35) afirma que, “como consequência desse fato, o morfema plural não pode ser combinado com nomes que denotam substâncias”. Portanto, o plural na língua não está condicionado à entidade com a qual está vinculada no que se refere à noção contável-massivo, mas sim ao traço [+humano] ou [-humano].

- (43a) \* Kota-i            senahĩ            ixu  
           cobra-PL            homem            comer

(LIMA, 2014, p. 35)

- (43b) \* Senahĩ            kota-i            ixu  
           homem            cobra-PL            comer

(LIMA, 2014, p. 35)

No que concerne ao uso de numerais, Lima (2014) afirma que Yudja vem contrapor a tipologia proposta por Chierchia (1998a, 1998b e 2010 apud LIMA, 2014) haja vista que, nesta língua, todos os nomes podem ser diretamente combinados com numerais sem classificadores intervenientes ou sintagma-recipiente de medição” (LIMA, 2014. p. 37). Os exemplos abaixo, fornecidos pela autora, ilustram esse aspecto da língua.

*Ba'i* 'paca' (animal)

- (44) Txabïu        ba'i    wãnã  
               três        paca    correr  
               'Três pacas correram'

(LIMA, 2014, p. 38)

*Ali* 'criança' (humano)

- (45) Txabïu        ali                wãnã  
               três                criança        correr  
               'Três crianças correram'

(LIMA, 2014, p. 38)

*Pikaha* 'cadeira' (artefato)

- (46) Txabïu        Maria            pikaha            ãwã  
               três                Maria            cadeira            comprar  
               'Maria comprou três cadeiras'

(LIMA, 2014, p. 38)

*Yukidi* 'sal' (substância; granulado)

- (47) Maria            txabïu            yukidi            apa  
               Maria            três                sal                derrubar  
               'Maria derrubou três (porções de) sal'

(LIMA, 2014, p. 38)

*Apeta* 'sangue' (substância; fluido corporal)

- (48) Txabïu        uda                apeta            wĩ  
               três                alguém        sangue            trazer  
               'Alguém trouxe três (porções de) sangue'

(LIMA, 2014, p. 38)

*Y'a* ‘água’ (substância; líquido)

- (49) Maria yauda y'a dju wĩ  
 Maria duas água trazer  
 ‘Maria comprou duas (porções de) água’

(LIMA, 2014, p. 39)

Os quantificadores contáveis podem quantificar indivíduos ou partes de matéria. O quantificador contável *itxibĩ* ‘muitos’, por exemplo, pode ser combinado com todos os nomes. (LIMA, 2014).

- (50) Itxibĩ pĩza dju wĩ  
 muitos canoa trazer  
 ‘(Alguém) trouxe muitas canoas’

(LIMA, 2014, p. 12)

- (51) Itxibĩ uda apeta dju wĩ  
 muitos alguém sangue trazer  
 ‘(Alguém) trouxe muitas (quantidades visivelmente individuadas de) sangue’

(LIMA, 2014, p. 12)

### 3.3.2 Língua Karitiana (Família Arikém – Tronco Tupi)

A língua Kaririana, conforme Muller, Storto e Coutinho-Silva (2006), é falada por uma comunidade de aproximadamente 330 pessoas, localizada em uma reserva indígena a 95 km ao Sul de Porto Velho, no estado de Rondônia. Trata-se da única língua sobrevivente da família Arikém (Tronco Tupi).

Os referidos autores consideram os sintagmas nominais como *nus* como argumento, haja vista que não há, aparentemente, a presença de material funcional como artigos, quantificadores, classificadores ou marcação morfológica de número. Construções com nomes *nus*, como *gooj* ‘canoa’ e *õwã* ‘criança’, podem se referir a contextos em que há entidades singulares plurais, definidas ou indefinidas, conforme é demonstrado nas sentenças (52) e (53), respectivamente.

- (52) Maria nakam'at                      gooj  
 Maria naka-m-'a-t                      gooj  
 Maria decl-caus-fazer-nfut    barco  
 'Maria fez o(s)/um(s)/algum(s) barco(s)'  
 (MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 187)

- (53) Õwã                      naokoot                      y'it  
 Õwã                      na-okoot-ø                      y-'it  
 Criança                      decl-morder-nfut                      1s-filho                      (homem falando)  
 'A(s)/uma(s)/alguma(s) criança(s) mordeu/morderam meu(s) filho(s)'  
 (MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 187)

Nesse sentido, os autores concluem que “esses sintagmas nominais são interpretados como neutros em relação ao número, podendo referir-se a entidades singulares ou plurais. São também neutros em relação à definitude.” (MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 194)

O sistema numérico nessa língua é composto de Algarismos de um a três: *myhint* ‘um’, *sypomp* ‘dois’ e *m̄jymp* ‘três’. Quantidades superiores a três são expressas pela combinação desses três numerais existentes. Muller, Storto e Coutinho-Silva afirmam que o comportamento dessa classe na língua contrapõe a ideia defendida de que Karitiana é despida de operações funcionais, já que a ocorrência de numerais é em posição típica de quantificadores nominais, como no exemplos a seguir.

- (54) Myhint                      'ejepo naakat                      i'ot  
 myhin-t                      'ejepo na-aka-t                      i-'ot-Ø  
 um-obl                      pedra decl-aux-nfut part-cair-nfut  
 'Uma pedra caiu'  
 (MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 192)

- (55) Yn    naka'yt                      myhint                      pikom  
 Yn    naka-'y-t                      myhin-t                      pikom  
 1s    decl-comer-nfut                      um-obl                      macaco  
 'Eu comi um macaco'  
 (MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 192)



- (56) Yn naka'yt sypomp pikom  
 yn naka-'y-t sypom-t pikom  
 1s decl-comer-nfut dois-obl macaco  
 'Eu comi dois macacos'

(MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 192)

- (57) M̄yjymp 'ejepo naakat i'orot.  
 m̄yjymp-t 'ejepo na-aka-t i-'ot-ot-Ø  
 três-obl pedra decl-aux-nfut part-cair-redupl-nfut  
 'Três pedras caíram'

(MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 192)

A descrição e análise apresentada por Muller, Storto e Coutinho-Silva (2006) demonstram que a língua Karitiana apresenta sintagmas nominais com interpretação neutra no que se refere à número, singular e plural. Ademais, seu sistema numérico é sensível à distinção contável-massivo. Apesar de a língua apresentar sintagmas despídos de material funcional, como já mencionado, “a língua Karitiana faz uma distinção entre nomes massivos e nomes contáveis: alguns nomes podem ser diretamente contados, como demonstrado em (58); enquanto outros necessitam de sintagmas de medida para serem contabilizados.” (MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 207)

- (58) M̄yjymp 'ejepo naakat i'orot.  
 M̄yjym-t 'ejepo na-aka-t i-'ot-ot-Ø  
 Três-obl pedra decl-aux-nfut part-cair-dupl-nfut  
 'Três pedras caíram'

(MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 207)

- (59) \*M̄yjymp ouro naakat i'orot.  
 M̄yjym-t ouro na-aka-t i-'ot-ot-Ø  
 Três-obl ouro decl-aux-nfut part-cair-dupl-nfut  
 'Três ouros caíram'

(MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 207)

(60)	Myhint	kilot	ouro	naakat	i'orot.
	Myhin-t	quilo-t	ouro	na-aka-t	i-'ot-ot-Ø
	Um-obl	kilo-obl	ouro	decl-aux-nfut	part-cair-dupl-nfut
	'Um quilo de ouro caiu'				

(MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 207)

(61)	*jonso	nakaot		sympomp	ese.
	Jonso	naka-ot-Ø		sympom-t	ese
	Mulher	decl-trazer-nfut		dois-obl	água
	'A mulher trouxe duas água'				

(MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 207)

(62)	jonso	nakaot		sympomp	bytypip	ese.
	Jonso	naka-ot-Ø		sympom-t	byt<y>-pip	ese
	Mulher	decl-trazer-nfut		dois-obl	cua-em	água
	'A mulher trouxe duas cuias de água'					

(MULLER, STORTO E COUTINHO-SILVA, 2006, p. 207)

Por fim, os autores apresentam a conclusão de que a distinção entre nomes contáveis e nomes massivos é lexical em Karitiana.

### 3.3.3 Língua Wapixana (Família Aruák)

Conforme Rodrigues (1986), os falantes de Wapixana vivem no estado de Roraima, no Brasil, e em outros países como a Venezuela e Guiana. Tratando-se especificamente sobre os que vivem no Brasil, Sanchez-Mendes (2016), considerando dados apresentados por Moore (2006), afirma que a população Wapixana é de aproximadamente 6.500, mas apenas 40% desse total fala a língua nativa.

Sanchez-Mendes (2016) apresenta um estudo acerca da distinção entre nomes contáveis e nomes massivos nessa língua. Inicialmente, a autora explica que Wapixana, conforme descrições já feitas, seria um idioma que combina tanto marcas de uma língua de marcação de número quanto de classificadores, considerando a tipologia proposta por Chierchia, citado por pela autora. Nesse sentido, as características apresentadas pela referida língua representariam um desafio tipológico a ser esclarecido, visto que a mesma, aparentemente, apresenta traços de

dois tipos de língua. Contudo, Sanchez-Mendes defende que esse desafio é apenas aparente, haja vista que, segundo análise da autora, o morfema descrito como marcador de plural nessa língua não ocorre obrigatoriamente em contextos de pluralidade.

- (63) a. kuraizian  
'crianças'
- b. kuraizian-na-u  
criança-DEIT-PL  
'crianças'

(SANTOS, 2006, p.128)

A ideia de não obrigatoriedade desse morfema pode ser reforçada considerando que “a marca de número é opcional também quando o sintagma é formado por um numeral” (SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 151), como exemplificado a seguir.

- (64) a. baydap        naana  
dois                abacaxi  
'dois abacaxis'
- b. baydap        naana-nau  
dois                abacaxi-PL  
'dois abacaxis'

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p.151)

No que se refere aos classificadores numerais, assim descritos por Santos (2006 apud SANCHEZ-MENDES, 2016), são considerados por Sanchez-Mendes (2016) como termos de classe.

- (65) pa-(a)ra-d-kary  
1-CL:falado-VR-NR  
'uma palavra'

(SANTOS, 2006, p. 119)

- (66) ba-y-da-‘-ap  
 um-mão-gênese-CL:PTT-CL:extensão  
 ‘um’

(SANTOS, 2006, p. 119)

A análise apresentada pela autora demonstra que a distinção entre nomes contáveis e nomes massivos pode ser observada em alguns aspectos. A autora aponta como primeira evidência o fato de todos os nomes nocionalmente contáveis poderem ser contados diretamente, como demonstrado nos exemplos (67a) e (67b). Nomes massivos, por sua vez, necessitam de recipientes de medidas para serem combinados com numerais, como em (67c) e (67d).

- (67) a. Idikinhayda’y      kuxi  
 três                      porco  
 'três porcos'

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 157)

- b. Idikinhayda’y      zyn  
 três                      mulher  
 'três mulheres'

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 157)

- c. \*Idikinhayda’y      wyn  
 três                      água

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 157)

- d. \*Idikinhayda’y      u’ii  
 três                      farinha

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 157)

Quanto aos sintagmas nominais, Sanchez-Mendes (2016) afirma que eles ocorrem *nus* na língua, sem a presença de artigos (in)definidos.

- (68) Zyn tykp-a-n kuazaza  
mulher ver-EP-MI cobra  
'A mulher viu a cobra.'

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 140)

Os nomes podem ser pluralizados, conforme podemos observar nos exemplos oferecidos pela autora. Sua marcação é feita por meio do acréscimo do morfema *-nau* após os nomes. Diante de nomes terminados em *-i*, o morfema passa a forma palatalizada *-nhau* (SANCHEZ-MENDES, 2016).

- (69) a. naana  
abacaxi  
'abacaxi'
- b. naana-nau  
abacaxi-PL  
'abacaxis'

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 148)

- (70) a. kuxi  
porco  
'porco'
- b. kuxi-nhau  
porco-PL  
'porcos'

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 148)

Quanto aos quantificadores, a autora afirma que há dois correspondentes para a noção de 'muito', a saber: *tybary* e *irib*. Contudo, o uso dessas expressões de quantidade não ocorre de forma aleatória. Cada quantificador relaciona-se com um tipo de nome, isto é, *irib* relaciona-se apenas com nomes contáveis, enquanto *tybary* relaciona-se apenas com nomes massivos.

- (71) a. irib dunui  
muito.CONT cidade  
'muitas cidades'

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 158)

- b. irib bai  
muito.CONT pato  
'muitos patos'

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 158)

- c. irib wiizei  
 muito.CONT maloca  
 ‘muitas malocas’

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 158)

- (72) a. tybary tapi'idiny  
 muito.MASS leite  
 ‘muito leite’

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 158)

- b. tybary kuduku  
 muito.MASS mingau  
 ‘muito mingau’

(SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 158)

Como conclusão, Sanchez-Mendes (2016) defende que a distinção contável-massivo é evidentemente expressa na gramática da língua. As características constatadas pela autora a faz associar Wapixana a línguas com marca morfológica de número e a línguas de número neutro.

#### 4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção, apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados durante a realização da presente pesquisa, que teve como base os métodos comumente utilizados em linguística descritiva, especialmente a metodologia empregada nos estudos desenvolvidos por Lima e Rothstein (2016)<sup>8</sup> acerca do tema desta pesquisa.

Conforme será discutido, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas no que concerne à distinção entre nomes contáveis e massivos nas línguas do mundo. As teorias existentes ainda não apresentam uma explicação satisfatória a respeito de quais são os critérios que regem os usos desses nomes, visto que o comportamento deles varia de uma língua para outra. Diante desse cenário e dos estudos na literatura que tratam desse assunto, percebeu-se que a distinção entre os nomes não é fidedigna considerando apenas aspectos morfossintáticos. Buscou-se, portanto, por meio dos pressupostos da semântica cultural e métodos etnográficos, descrever o comportamento de tais nomes, haja vista que aspectos socioculturais influenciam diretamente na forma como cada povo os diferencia, o que explica a variação de critérios entre as línguas naturais.

A seguir, partindo-se do pressuposto de que a cultura é base para compreendermos a realidade de um povo em todos os seus aspectos, há a explanação do conceito e da relação de cultura e língua. Também discuto sobre o processo de constituição de sentidos, conforme Ferrarezi (2013). Posteriormente, apresento resumidamente o roteiro de trabalho e, em seguida, o detalhamento do *corpus*, dos materiais utilizados, do perfil dos colaboradores, bem como do questionário de entrevista e da coleta de dados.

##### 4.1 Conhecendo a cultura, as formas e contextos de uso de uma língua.

De acordo com Lyons (2016, p. 243), o termo “cultura faz referência a vários significados. Neles, pode-se observar a presença de um ponto em comum: a humanidade.

Existe, em primeiro lugar, o sentido em que ‘cultura’ é mais ou menos sinônimo de ‘civilização’ e, numa formulação mais antiga e extrema do contraste, oposta a ‘barbarismo’. É esse o sentido, em inglês, do adjetivo ‘cultured’ [“culto”]. Baseia-se em última instância, na concepção clássica do que constitui excelência em arte, literatura, maneiras e instituições sociais. Revivida pelos humanistas do Renascimento, a concepção clássica foi enfatizada por pensadores do Iluminismo do século XVIII e por eles associada à sua visão da história como progresso e autodesenvolvimento. (LYONS, 2016, p. 243)

---

<sup>8</sup> O questionário elaborado pelas autoras, que foi utilizado na realização do presente estudo, será discutido em um volume que está no prelo da revista *Linguistic Variation*.

Considerando, a partir de Lyons (2016), que a cultura está intrinsecamente ligada à humanidade, no que se refere tanto à sua história quanto ao seu processo de desenvolvimento, é fundamental o entendimento de que, para o estudo satisfatório de qualquer língua, a cultura do povo falante é a base que explicará muito dos aspectos peculiares daquele determinado grupo de pessoas, imbricados na língua.

Conforme Eagleton (2005, p. 54 apud ALMEIDA E FOSSILE, 2016, p. 204) a “cultura pode ser compreendida como um conjunto de valores, costumes, crenças e práticas que constitui a maneira de viver de um grupo específico, de uma determinada sociedade”. Ainda segundo o referido autor, o conhecimento cultural que cada falante apresenta explica sua capacidade de modulação do código linguístico nos mais variados contextos. Os falantes, mesmo aqueles que nunca tiveram acesso à escola, sabem muito bem como e quando utilizar determinadas construções, e isso diz respeito a uma gramática internalizada ao longo do tempo e que está diretamente relacionada aos modos de vida do grupo social ao qual está inserido. Desse modo, pode-se considerar que “ao mesmo tempo em que a língua constitui a cultura, essa é difundida pela língua. Por isso, cultura e língua são conceitos interdependentes” (p. 205).

#### 4.1.2 Contextos e cenários, segundo Ferrarezi (2008; 2013)

De acordo com Ferrarezi (2013, p. 13), “o estudo do significado, em sua dimensão mais ampla (semiótica) e em sua dimensão linguística (semântica), é, talvez, uma das mais antigas buscas do espírito humano”. Para ele, nós buscamos incessantemente por significado para tudo o que sentimos e vemos ao nosso redor.

Saussure (2014) considera que significado é sinônimo de conceito. Isto é, ao tratar de signo linguístico, ele explica que este é composto por um conceito e uma imagem acústica que corresponde, respectivamente, ao significado e significante.

**Quadro 6** - Signo linguístico

SIGNIFICADO (CONCEITO)			
	+		=
SIGNIFICANTE (IMAGEM ACÚSTICA)			SIGNO LINGUÍSTICO

Fonte: Saussure (2004).

Veremos, mais adiante, que essa relação SIGNIFICADO vs. CONCEITO representa um dos grandes impasses nos estudos de distinção contável-massivo, haja vista que, tradicionalmente, entende-se que o conceito está atrelado as características de um dado



elemento, e, se estas variam significativamente, como é o caso de nomes contáveis e nomes massivos nas línguas naturais, como estabelecer um conceito para ambos que possa servir a todas as línguas?

A semântica, ramo da linguística que tem como objeto de estudo o significado das coisas do mundo, segundo Cançado (2018), apresenta como uma de suas vertentes a Semântica Cultural (SC), aqui entendida como

[...] uma vertente da Semântica que estuda a relação entre os sentidos atribuídos às palavras ou demais expressões de uma língua e a cultura em que essa mesma língua está inserida. De forma mais simplificada, podemos dizer que a SC estuda a formação e a atribuição dos sentidos na relação entre uma língua e a cultura em que essa mesma língua é utilizada. (FERRAREZI, 2013, p. 71)

A SC surge como uma abordagem que apresenta como base a ideia de que língua e cultura estão intimamente relacionadas. “[...] A cultura de uma comunidade não apenas interfere na atribuição de sentidos a uma palavra, mas interfere até na própria estrutura gramatical da língua que ali é falada” (FERRAREZI, 2013, pp. 72-73). Considerando que uma é a representação da outra, e que variam de um lugar para o outro, é esperado que muitos aspectos linguísticos só possam ser compreendidos em sua essência se buscarmos também conhecer o contexto sociocultural dos falantes da língua objeto de estudo.

Nesse sentido, observa-se a importância de não só ir às comunidades onde a língua é falada, como também buscar informações diretamente com falantes nativos, ou seja, com aqueles cuja língua materna (LM) é a mesma que está sendo estudada pelo linguista, pois, segundo Ferrarezi (2008, p. 24), a LM é “aquela língua natural que o falante aprende como sua primeira língua, como seu primeiro sistema de representação. Ele utilizará esse sistema, desde muito cedo, para expressar-se e compreender a expressão de seus interlocutores”. Consequentemente,

assim, a língua apresenta uma dimensão representativa, “instrumental”, mas também tem uma dimensão de espaço cultural, em que os sentidos são compartilhados em complexas interações culturalmente dirigidas, entre os falantes dessa língua. A língua assim vista é, portanto, ao mesmo tempo, sistema, instrumento de representação (e criação) e espaço de interação. (FERRAREZI, 2008, p. 25)

Ferrarezi (2008) explica que, de acordo com a premissa de que a língua é a representação do mundo e cultura de um dado povo, pode-se concluir, desse modo, que as palavras não apresentam sentido literal, isto é, um significado único quando estão isoladas de qualquer meio discursivo. O processo de significação é bem mais complexo e envolve a constituição de princípios, como especialização dos sentidos, monitoramento constante, ciclicidade e recursividade, que só são satisfatoriamente efetivados no momento da interação.

### Princípios da especialização dos sentidos

O princípio da especialização dos sentidos diz respeito à ideia de que o sentido de uma palavra só se especializa diante de três aspectos, a saber: sinal, contexto e cenário.

O sinal corresponde “a palavra e os demais elementos a ela associados no processo representativo (como uma melodia ou uma ordem sintática), para que possa atuar como elemento representativo” (FERRAREZI, 2008, p. 26).

O contexto envolve todo o texto que constitui a interlocução, tanto os que precedem como os que sucedem, desde os explícitos até os implícitos, no que Ferrarezi chama de “entrelaçar de palavras em textos que acabam formando o complexíssimo conjunto de sinais interligados que procuramos entender quando nos comunicamos” (p. 26).

O cenário é o último estágio para que a constituição do sentido seja efetivada, isto é, para a especialização de seu significado e, portanto, sua representação no mundo. Neste estágio, não só estão envolvidos o sinal e o contexto, bem como “todos os fatores relevantes do ponto de vista dos interlocutores para a especialização dos sentidos dos sinais” (FERRAREZI, 2008, p. 26). Como exemplo, Ferrarezi explica que até a roupa do anunciador e o fato de um avião ter passado no momento da enunciação são relevantes para a compreensão dos sentidos que uma determinada palavra tem de acordo com o sinal, contexto e cenário em que foram expressas.

Vejamos os exemplos a seguir, em que a palavra *dado* é utilizada com diferentes significações.

(73) O *dado* do jogo foi perdido.

(74) O *dado* linguístico foi perdido.

(75) Tudo tinha *dado* certo naquele dia.

(76) Esse cara é um *dado* viciado que só cai no mesmo número.

(FERRAREZI, 2008, pp. 27-28)

É perceptível que *dado*, embora com a mesma escrita e pronúncia, apresenta sentidos distintos nos exemplos 73, 74, 75 e 76. Se perguntarmos a um falante o que significa essa palavra, ou seja, o sinal, isoladamente, é provável que ele responda apontando um conceito. Desse modo, criamos a falsa ilusão de que todo termo tem um sentido literal, quando, na verdade, ao buscarmos essa resposta, o que o nosso conhecimento nos oferece para responder de antemão é o sentido mais costumeiramente utilizado por nós no dia a dia, haja vista que, conforme defendido por Ferrarezi (2008), o sentido só se especializa considerando o sinal, o contexto e o cenário. Portanto, dizer que as palavras apresentam um significado literal é um

equivoco, de acordo com o postulado pelo referido autor. Desse modo, podemos depreender que, ao conceituar as palavras, mostramos muito mais da nossa visão de mundo, cultura, do que, propriamente, do sentido que o termo apresenta isoladamente.

### **Princípio de monitoramento constante**

O princípio de monitoramento constante se refere à capacidade que o falante tem de monitorar constantemente toda e qualquer informação recebida. Isto é, o falante consegue perceber as mudanças dentro do processo de interlocução e a todo momento busca a compreensão de novos elementos, o que nos leva a considerar outro princípio importante no processo de comunicação, o princípio da ciclicidade e recursividade, que será discutido a seguir.

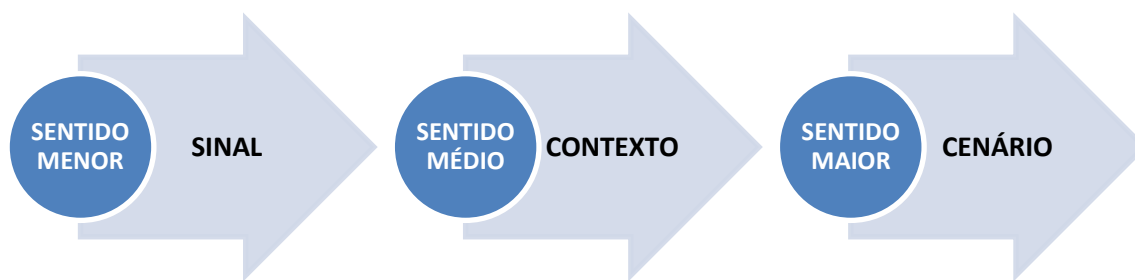
### **Princípio da ciclicidade e recursividade**

A atribuição de sentidos não é, para Ferrarezi (2008, p. 29), linear e sucessiva. Em outras palavras, o processo de compreensão de sentidos não segue uma linha reta e incapaz de voltar e reconstruir sentidos. Na verdade, “vamos e voltamos no contexto e no cenário, tecendo relações e procurando especializar os sentidos dos sinais”. É por isso que uma informação não compreendida inicialmente pode muito bem ser retomada e entendida em um segundo momento, com base em alguma informação nova que, juntamente com as anteriores, podem conduzir a uma compreensão completa.

Partindo-se da premissa de que o processo de constituição de sentidos inicia com o sinal, passa pelo contexto e, por fim, chega ao cenário, Ferrarezi (2008) considera que, em cada uma dessas fases, temos três tipos de sentido, tais como: sentido menor, sentido médio e sentido maior.

- ✓ Sentido menor: é o conceito que atribuímos a uma palavra isolada, isto é, a um sinal, e geralmente corresponde ao significado mais comumente utilizado por nós, falantes, no dia a dia;
- ✓ Sentido médio: trata-se de um conceito mais amplo de uma palavra quando inserida dentro de um contexto, quer dizer, “sentido obtido pela inserção do sinal em um contexto, permitindo uma maior, porém ainda não completa, especialização” (FERRAREZI, 2008, p. 30);
- ✓ Sentido maior: é considerado “o sentido totalmente especializado, conseguido pela inserção do contexto em um cenário. É o sentido pleno, como usado pelos falantes cotidianamente” (FERRAREZI, 2008, p. 30).

## PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DE SENTIDOS



O processo de constituição de sentidos descrito por Ferrarezi (2013) vem justamente reforçar a ideia de que os sentidos atribuídos às palavras podem apresentar significações distintas dependendo de em quais das etapas acima estão inseridas.

Relacionando esse processo à temática e discussão deste trabalho, podemos considerar que a maçã, por exemplo, é uma entidade contável se for considerado apenas o seu sentido menor, em condições *in natura*. Mas essa mesma entidade pode se tornar massiva se for inserida em um contexto e cenário que permita essa interpretação. Por exemplo, se pegarmos várias maçãs e batermos no liquidificador, elas deixam de apresentar formas delimitadas e passam a denotar massa ilimitada.

### 4.2 Roteiro de pesquisa

Para a realização do presente estudo, inicialmente, fez-se a seleção e leitura de referências teóricas e metodológicas que pudessem dar suporte à pesquisa e ampliar o conhecimento acerca do assunto, tais como: Cooper (1983), Corbett (2004), Dehaene (1997), Ferrari-Neto (2008), Genetti (2014), Keenan e Paperno (2012), Link (1983), Marcelese et. al. (2011), Peters e Westerst (2006), Scope (2012), Simões (1974), Chierchia (1983, 1998 e 2010), Cruse (2011), entre outros; e a respeito da língua como Ferreira (2003), Araújo (1977, 1989 e 2016), Rodrigues (1986), Amado (2004), Alves (2004), Souza (1989), Moore et. al. (2008), entre outros.

Posteriormente, fez-se a primeira pesquisa de campo nas aldeias onde vive o povo Parkatêjê, buscando conhecer o contexto sociocultural da comunidade. Conforme Ferrarezi (2013),

necessariamente, precisamos de um bom conhecimento da língua em estudo (de sua gramática internalizada, de seu funcionamento) e da cultura que envolve (dos valores, dos princípios de conduta, do conhecimento e da visão de mundo dos falantes etc.) [...]. Devemos pressupor que os sentidos são atribuídos às palavras não de forma aleatória, segundo a 'boa vontade' de cada falante, mas que existem princípios

norteadores desse processo, tanto princípios intralinguísticos (da própria gramática da língua) como princípios da relação entre a língua e a dimensão extralinguística (princípios da relação entre a língua e os demais fatos culturais). Identificar esses princípios é essencial para uma análise satisfatória. (FERRAREZI, 2013, p. 76)

Nesse sentido, procurou-se obter, primeiramente, informações a respeito da alimentação, costumes, artefatos utilizados na aldeia, fauna e flora, entre outros, presentes na reserva indígena Mãe Maria. Com base nessas informações, elaborou-se um roteiro de trabalho, conforme demonstrado a seguir, com o intuito de investigar e descrever o comportamento de nomes contáveis e massivos na referida língua<sup>9</sup>.

1. Seleção de nomes referentes a humanos, fauna, flora, frutas, artefatos, líquidos, grãos, massas, para serem utilizados na composição do *corpus* da pesquisa;
2. Transcrição dos termos para a língua Parkatêjê, com o auxílio de falantes nativos;
3. Registro de imagens do contexto Parkatêjê em que se é possível visualizar humanos, fauna, flora, alimentos, artefatos etc.;
4. Elaboração do questionário;
5. Realização da 1ª coleta de dados;
6. Organização e transcrição dos dados obtidos;
7. Análise e discussão dos resultados parciais;
8. Levantamento de hipóteses;
9. Realização da 2ª coleta de dados (validação dos dados);
10. Organização e transcrição dos dados obtidos;
11. Realização da 3ª coleta de dados (ampliação e validação dos dados);
12. Análise e discussão dos resultados.

A pesquisa ora apresentada seguiu as etapas supracitadas ao longo dos vinte e quatro meses previstos para o desenvolvimento da Dissertação de Mestrado.

### 4.3 Composição do *corpus*

O *corpus* deste trabalho é composto por um conjunto de dados obtidos por meio de pesquisas de campo realizadas pela autora do mesmo (em diferentes momentos da pesquisa),

---

<sup>9</sup>De acordo com estudos realizados por Lira (2017), os nomes, em Parkatêjê, apresentam distinção semântica e morfossintática no que se refere à distinção contável-massivo. A partir desse trabalho, percebeu-se a necessidade de um estudo mais aprofundado acerca do tema, o que inspirou a realização do presente estudo.

bem como por dados consultados em outros trabalhos já publicados sobre a língua, a saber: Araújo (1977, 1989 e 2016), Ferreira (2003), Lopes (2017), Ribeiro-Silva (2016), Souza-Ferreira (2018), entre outros.

Para sua elaboração, fez-se a seleção de termos referentes a humanos, fauna, flora, frutas, artefatos, líquidos, grãos, massas, fenômenos da natureza, construções, legumes, presentes no contexto sociocultural do povo Parkatêjê, conforme demonstrado a seguir. Na seleção de tais nomes, considerou-se os termos mais comuns e/ou que surgiram espontaneamente nas entrevistas.

**Quadro 7** – *Corpus* (palavras)

<b>Humanos</b>	
homem	mpi
mulher	ntia
criança	mêkrare
queixo	ahi
osso	hi
pus	hur
<b>Fauna</b>	
anta	kukrit
macaco	kôkôy
porco	krô
cobra (em geral)	kahã
cobra (d'água)	roti
cobra-papagaio	títihokuti
cobra-amarela	kahõteteti
jacaré	mĩre
onça	röp
cachorro	röp
paca	kra
peixe	tep
preguiça	pëtëre
galinha	ãhãre
lagarto	amkoti

vagalume pequeno	amkôre
marimbondo	amxy
abelha preta	amxytykti
piranha	apân
saúva	axÿn
gavião pequeno	hâkre
gavião	hêk
hêre	aranha pequena
jiboia-açu	hykati
tipo de formiguinha	hyure
beija flor	jÿnure
tucano	jujututi
jaboti	kapryni
pássaro	kowênêre
papagaio	kryti
abelha	muwa
cotia	kukinere
tatu'	ton
tamanduá-bandeira	pêtêre kruturê
preguiça bentinho	pêtêre katut tÿetere
veado	yaÿÿi
veado-branco	karêire
bode	kêrêkre
quati	wakô
boi	mpokoti
jumento	mpokoti kêrêkre
mucura	krôti
poraquê	pip
caititu	krorê
porco-de-casa	kroyapurê
guariba	kupit
macaco-caxiu	pithêk
macaco quinze quilos	kôkôy pey

macaco mão-de-ouro	katikatʃetere
morcego	tʃepre
mutum	pitēkti
arara	pēn
arara azul	pēnhēkti
pato (em geral)	mpɔpērpoti
ararinha	pēnare
periquito	hoire
curica	kaheyti
traíra	krititi
tucunaré	tepkratikimōtoti
mandi pequeno	hire
mandi maior	hiti
peixe-sabão	krēti
peixe-pedra	tepepeiti
peixe-cachorro	teptʃwayapieti
<b>Flora</b>	
mato	ajrɔm
mato cerrado	akêtēti
árvore	pār
capim para o gado	atuti
flor	irã
lama	kowa
roça	pur
folha	ho
<b>Legumes</b>	
batata doce	jāt
<b>Frutas</b>	
cupuaçu	kôtày
banana	piptʃo
laranja	arãjxô
castanha	pərtʃo
açaí	têrêre



milho	põhy
<b>Artefatos</b>	
flecha	kruwa
arco	kuwê
cofo	kàhà
cua	kratare
vasilha para apanhar	akjênxã
espelho	amjĩpupunxã
rede	ariaxã
rede	ariatjê
porta	hitomxã
cesto para guardar	kwỹk
sapato	parkupuxã
cesto	kay
<b>Líquidos</b>	
água	kô
café	kotikti
açaí	têrêre
sangue	kaprô
<b>Grãos</b>	
farinha	kwærtjom
arroz	ahôj
grão de arroz	ahôjhy
ahôjkrỹ	arroz seco
semente	hy

Fonte: elaboração própria.

Feita a seleção e transcrição dos nomes para a língua Parkatêjê, procedeu-se a elaboração de um questionário, baseado nos estudos de Lima e Rothstein (2016), para obtenção de dados com colaboradores.

#### 4.4 Perfil dos colaboradores

Os dados aqui apresentados foram coletados com o auxílio de colaboradores bilíngues, falantes nativos da língua Parkatêjê. Conforme já discutido na introdução, trata-se de uma língua em estado de obsolescência, visto que atualmente é falada apenas por um pequeno grupo, especificamente, os mais velhos. Conforme informações dos próprios informantes, são aproximadamente quinze indígenas que falam a língua nativa atualmente. Destes, pude entrevistar sete no total. Dois, entre eles, atuam como professores na Escola Indígena de Ensino Fundamental Pëmptykre Parkatêjê, e ministram a disciplina específica sobre a cultura e língua Parkatêjê.

Não houve a possibilidade de coletar dados com informantes de diferentes faixas etárias, haja vista que, conforme mencionado, somente os mais velhos falam a língua. Quanto à idade de cada um, eles informaram que não sabem informar com exatidão, pois nasceram em um período em que viviam isolados na mata. Em seus Registros Gerais (RG), eles têm, em média, 70 anos, mas alguns acreditam ter bem mais que isso, aproximadamente 90 anos.

As entrevistas foram realizadas nas aldeias Parkatêjê, muitas vezes, nas residências dos informantes e, em alguns momentos, no acampamento onde o povo se reúne para comemorações e brincadeiras.

#### 4.5 Coleta de dados

As informações e os dados analisados acerca da língua foram obtidos durante três viagens feitas à comunidade Parkatêjê, mais precisamente, no mês de julho de 2018, julho de 2019 e janeiro de 2020. A primeira coleta teve como finalidade conhecer o contexto sociocultural do povo e selecionar nomes para composição do *corpus*, com base na vivência dos indígenas. Feito isso, procedeu-se a elaboração de um questionário, com base nos trabalhos desenvolvidos por Lima e Rothstein (2016).

**Figura 10** - Pesquisa de campo, em julho de 2018.



Fonte: acervo próprio (2018).

O referido questionário é composto por seis etapas que envolvem a identificação de nomes, numerais, marca de plural, quantificadores, sintagmas recipiente e contagem de partes de um mesmo elemento, conforme elencado a seguir.

**1ª etapa:** identificação de nomes referentes a várias categorias, como artefatos, animais, humanos, frutas, vegetais, substâncias líquidas, substâncias pastosas, substâncias granuladas, coletivos;

**2ª etapa:** identificação dos numerais existentes na língua por meio da contagem de conjuntos, tanto de material com formas e limites precisos quanto de substâncias que não apresentam tais características;

**3ª etapa:** identificação de marca de plural e testes para averiguar a possibilidade de sua combinação com diversas categorias de nomes;

**4ª etapa:** identificação de quantificadores e testes para averiguar a possibilidade de sua ocorrência com diversas categorias de nomes;

**5ª etapa:** identificação de sintagmas-recipiente e testes para averiguar a possibilidade de sua ocorrência com diversas categorias de nomes;

**6ª etapa:** percepção dos falantes em relação ao todo ou partes de um mesmo elemento.

Como forma de aproximar o colaborador do contexto de uso de diferentes nomes na língua, foram utilizados “objetos” reais no momento da coleta, como pedras, frutos de urucum, cofo, cabaça, entre outros, em diferentes quantidades<sup>10</sup>, conforme demonstrado a seguir.

<sup>10</sup> A percepção de diferentes quantidades é importante para que compreendamos como o falante distingue essas proporções e se há algum tipo de tratamento particular quando relacionado a algo contável ou massivo.

**Figura 11 - Pedra**

Fonte: acervo próprio (2018).

**Figura 12 – Urucum**

Fonte: acervo próprio (2019).

**Figura 13 - Cofo**

Fonte: acervo próprio (2019).

**Figura 14 - Cupuaçu**

Fonte: acervo próprio (2020).

**Figura 15 - Porco**

Fonte: acervo próprio (2019).

**Figura 16 - Mamão**

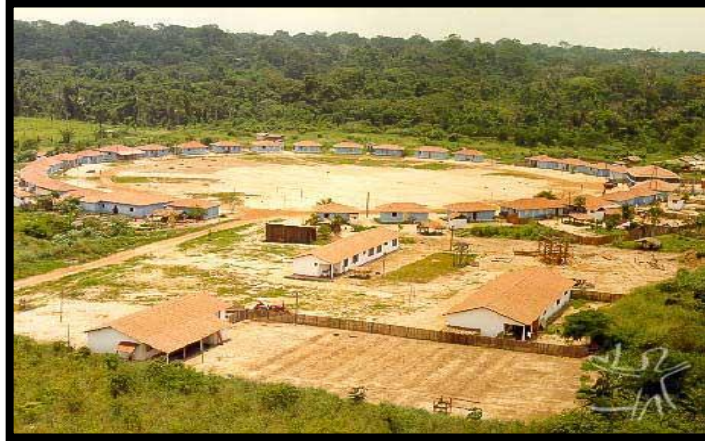
Fonte: acervo próprio (2018).

**Figura 17 - Cabaça**

Fonte: acervo próprio (2019).

Em contextos mais específicos, em que não havia condições de se utilizar “objetos” reais no momento da entrevista, utilizou-se imagens ilustrativas como forma de demonstração, que foram retiradas de diversas fontes.

**Figura 18** – Aldeia Gavião Parkatêjê



Fonte: Instituto Socioambiental.

**Figura 19** – Corrida de tora



Fonte: *Pinterest*.

**Figura 20** - Urucum



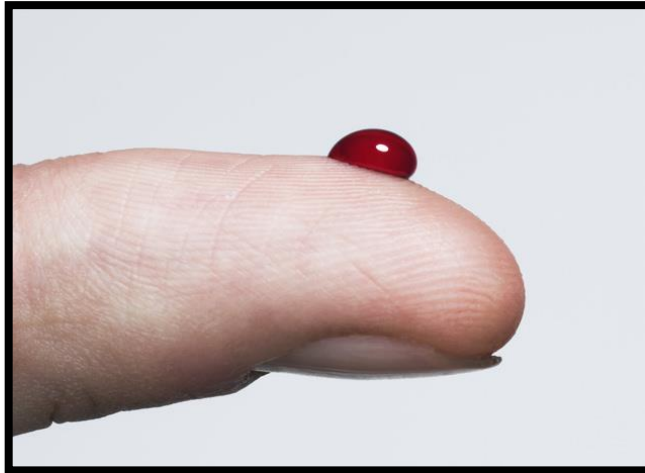
Fonte: Mercado livre.

**Figura 21** – Açaí



Fonte: *Pinterest*.

**Figura 22** – Gota de sangue



Fonte: *Hypeness*.

**Figura 23** – Sangue no chão



Fonte: *Click Nova Olimpia*

**Figura 24** - Peixes



Fonte: Questionário distinção contável-massivo - Lima e Susan Rothstein (2016).

**Figura 25** – Canoa



Fonte: questionário distinção contável-massivo - Lima e Susan Rothstein.



**Figura 26** - Rio cheio



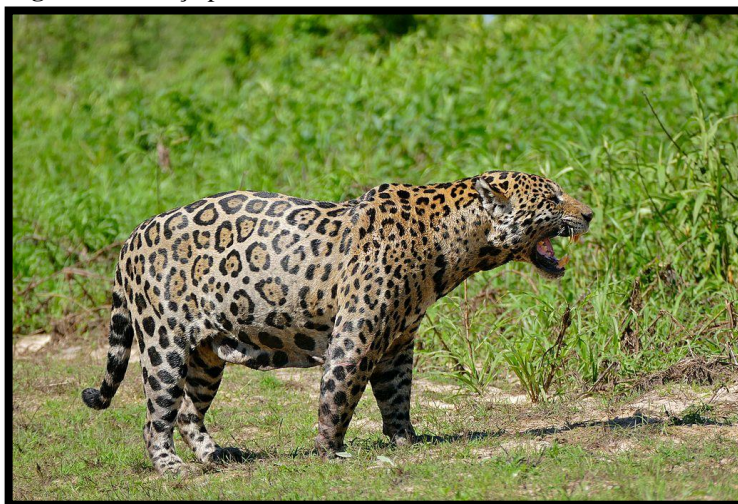
Fonte: *Tripadvisor*.

**Figura 27** – Rio seco



Fonte: *A crítica*.

**Figura 28** – Onça pintada



Fonte: *Wikipedia*.

Ao longo da pesquisa, além das imagens e “objetos” reais (artefatos, frutas, substâncias líquidas, grãos, substâncias pastosas e substâncias granuladas), foram utilizados materiais como caderno de anotações, gravador de voz, notebook e câmera, a fim de registrar todas as etapas do trabalho de campo.

Após a coleta e composição do *corpus*, constituído tanto de palavras isoladas bem como de enunciados a serem testados quanto à gramaticalidade, procedeu-se a análise dos dados, e, por fim, a discussão dos resultados parciais. Com base nesses primeiros resultados, elencaram-se hipóteses a respeito do comportamento de nomes contáveis e massivos em Parkatêjê.

Em um segundo momento, fez-se outra etapa de pesquisa de campo com a finalidade de validar os dados coletados anteriormente, isto é, para confirmar as informações que foram colhidas na primeira coleta. Nesta etapa, buscou-se revisar e coletar mais dados que pudessem fomentar o *corpus*, resultando em sua ampliação.

**Figura 29** – Pesquisa de campo, em julho de 2019.



Fonte: acervo próprio (2019).

Na validação de dados, tive a oportunidade de consultar outros falantes da língua, que contribuíram na confirmação e refutação de dados da língua. Ademais, também pude constatar a ocorrência de dados já descritos, mas com outras funções e/ou peculiaridades. Consequentemente, necessitei realizar mais uma etapa de coleta de dados em 2020.

**Figura 30** - Pesquisa de campo em janeiro de 2020.



Fonte: acervo próprio (2020).

Dado o exposto, o próximo capítulo destina-se à discussão sobre os critérios de distinção entre nomes contáveis e nomes massivos na língua Parkatêjê.

## 5. CONTAGEM E MEDIÇÃO EM PARKATÊJÊ

Nesta seção, explana-se a respeito das informações obtidas durante a realização de entrevistas com falantes nativos da língua Parkatêjê. O principal objetivo dessa etapa foi conhecer as formas e contextos de contagem e medição, em especial, considerando aspectos como: tempo, espaço e recipientes de medida.

Percebeu-se, de acordo com os relatos, que a contagem e medição, assim como em outras culturas, estão muito presentes no dia a dia dos Parkatêjê. Apesar de a referida língua apresentar poucos termos para designar quantidades exatas, como os numerais, conforme já observado por Araújo (1989) e Ferreira (2003), apresenta uma vasta lista de quantificadores para denotar “muito” ou “pouco”, por exemplo.

A contagem e medição são muito utilizadas na troca de bens (alienavelmente possuídos), na descrição de espaços, nas caças, na preparação de alimentos, confecção de artefatos, plantação, colheita e gestação. A seguir, discutir-se-á a respeito dessas informações detalhadamente.

### 5.1 Contextos de contagem e medição (Entrevistas)

As entrevistas foram realizadas nas aldeias onde vive o povo, com a colaboração de sete falantes nativos, consultados individualmente em momentos distintos. Quanto à idade, os falantes entrevistados não souberam informar exatamente, haja vista que nasceram em um período em que viviam isolados na mata, e não dispunham, assim como o não índio, de noções de mês e ano. Considerando o Registro Geral (RG) de cada um, eles têm, em média, 70 anos, entretanto, alguns afirmam que devem ter mais de 90 anos.

Conforme será explanado mais adiante, os colaboradores, ao falarem das formas e contextos de contagem e medição, dividem sua trajetória de vida em dois principais momentos, a saber: 1)<sup>11</sup> momento em que viviam na mata, isolados (sem contato direto com os *kupê*, não índio); e 2) momento em que passaram a ter contato constante com os *kupê*.

A aproximação com o não índio acarretou diversas consequências não só nos costumes (em geral) do povo como também no uso da língua nativa. Conforme Lopes (2013),

“o contato com novas experiências culturais, principalmente em relação à sociedade circundante traz para o universo indígena elementos desconhecidos, antes inexistentes em sua cultura, de modo que é preciso que se crie itens lexicais para nomear esses novos elementos (LOPES, 2013, p. 653).

---

<sup>11</sup> Ao se referirem a esse momento, os colaboradores usam a expressão “no tempo brabo”.

No que concerne ao povo Parkatêjê, diante desse contato, além da criação de neologismos, houve uma série de empréstimos do português como, por exemplo, dos numerais cardinais, tendo em vista que essa classe, na referida língua, não é tão produtiva assim como no português.

Considerando esse contato como um verdadeiro “divisor de águas”, buscou-se compreender como eram as formas e contextos de contagem e medição antes e após a proximidade com os *kupẽ*. Desse modo, na descrição feita ao longo deste trabalho, menciona-se bastante a qual desses momentos está sendo feita referência.

### 5.1.1 Tempo

Conforme relatos dos informantes entrevistados, na língua Parkatêjê não há termos específicos para designar semana, mês e ano, assim como as horas do dia com exatidão. A partir do contato com os “*kupẽ*”, o povo passou a não só utilizar objetos/instrumentos/formas de contagem e medição próprios da cultura do não índio, como também os nomes referentes a estes.

Durante o período em que viviam na mata, isolados, eles se baseavam na posição do Sol, estações do ano (Verão e Inverno)<sup>12</sup>, temperatura ambiente, tipos de Lua, condições dos rios/igarapés às proximidades e aparecimento de insetos para ter noção de tempo.

As diferentes posições do Sol indicavam, aproximadamente, os três momentos do dia, isto é, manhã, tarde e noite. Nesse sentido, expressões do tipo “eu vou quando o sol baixar” (período da tarde) eram frequentemente usadas por falantes da língua.

A temperatura ambiente<sup>13</sup> também servia como auxílio para que eles tivessem noção de qual mais ou menos era o momento do dia, visto que, comumente, no início da manhã, a temperatura é mais baixa e, do meio ao fim, mais alta; já na parte da tarde, por sua vez, a temperatura inicia-se mais alta e, posteriormente, fica mais baixa. Dessa forma, na busca por expressar o tempo aproximado da manhã, tarde ou noite, os falantes usavam expressões como “irei quando o sol esfriar”, ou, “vai antes que o sol es quente”.

Os tipos de Lua também eram utilizados pelos falantes como auxiliares temporais. Quando uma mulher ficava grávida, por exemplo, eles deduziam o período de nascimento do bebê com base no tipo de Lua: Nova, Crescente, Cheia ou Minguante.

<sup>12</sup> Os Parkatêjê desconsideram as demais estações, a saber: Primavera e Outono.

<sup>13</sup> Considera-se a temperatura do clima amazônico, típico da região onde o povo vivia e vive atualmente.

O momento propício para plantação e colheita de frutos era baseado nas estações do ano. Os índios plantavam milho<sup>14</sup>, por exemplo, assim que iniciava o período chuvoso, considerado por eles como o inverno. O cupuaçu e bacuri, frutos de plantações nativas da região, ficavam maduros e caíam das árvores logo no início do inverno. Insetos, em geral, costumavam aparecer em maior quantidade nesse tipo de clima. Ademais, a cheia e seca dos rios/igarapés também sinalizavam a estação do ano. No verão, ficavam secos; e, no inverno, ficavam cheios.

Diante do questionamento de como sabiam quando o milho deveria ser plantado, por exemplo, os consultores responderam: “assim que começava a chover”, “assim que o cupuaçu e o bacuri começava a cair”, “assim que os insetos começavam a aparecer”. Portanto, a queda de frutas das árvores, início das chuvas constantes e aparecimento de insetos em maior quantidade sinalizavam o momento apropriado para iniciar esse tipo de plantação.

Para saber o tempo de cozimento de um alimento, como o berarubu<sup>15</sup>, comida tradicional, os Parkatêjê se baseavam no período do dia (manhã, tarde ou noite). Geralmente preparavam a massa e demais ingredientes logo no início da manhã e esperavam pelo novo amanhecer para tirar da brasa, momento em que estaria cozido/assado<sup>16</sup> suficientemente.

Após o contato com os *kupê*, os Parkatêjê passaram a possuir objetos como: relógios; calendário com os dias, semanas e meses do ano, bem como passaram a possuir, a partir do Registro Geral (RG), uma data de nascimento, com base na idade que supunham ter. Concomitantemente, muitos termos que fazem referência a contagem de tempo foram emprestados do português, como horas, dias da semana, mês, ano etc.

### 5.1.2 Espaço

No que se refere à noção de espaço (largura, comprimento, distância etc.), observou-se, por meio dos relatos, que a delimitação exata não era tão significativa no contexto em que viviam. Todavia, expressões como “muito” ou “pouco”, “grande ou pequeno”, “longe ou perto” eram bem produtivas, como demonstrado nos exemplos a seguir.

---

<sup>14</sup> A plantação de milho tornou-se uma tradição para o povo, bem como a festa denominada Festa do Milho, que é realizada todos os anos, no final de fevereiro.

<sup>15</sup> Feita com massa de mandioca (podendo ser massa de milho ou ainda de coco babaçu), carne de caça e folha de bananeira ou de guarumã.

<sup>16</sup> Eles se baseavam na textura do alimento para avaliar se estava cozido/assado suficientemente.

(77) mẽ i- mõi pika rêpti  
 Pl. 1 Dat terra grande  
 ‘A gente tem a terra grande’

(78) mẽ i- mõi pika inkrire  
 Pl 1 Dat terra pequena  
 ‘A gente tem a terra pequena’

Quando havia a necessidade de atribuir noções mais exatas de espaço, os Parkatêjê utilizavam pedaços/tiras de pau como instrumento de medida. O tamanho de partes do corpo como mãos, braços, pernas também auxiliavam nessa medição.

### 5.1.3 Recipientes de medida

Em Parkatêjê, são utilizados como recipientes de medida tanto artefatos feitos pelos próprios indígenas com recursos naturais, como o cofo e cestos (em geral), quanto aqueles que são encontrados na natureza, como a cabaça, a cuia e o cupuaçu.

**Figura 31** – Cesto (artefato tradicional)



Fonte: acervo próprio (2019).

**Figura 32** – Cofo (artefato tradicional)



Fonte: acervo próprio (2019).

**Figura 33 – Cuia (inteira)**



Fonte: próprio (2019).

**Figura 34 – Cuia (dividida ao meio)**



Fonte: próprio (2019).

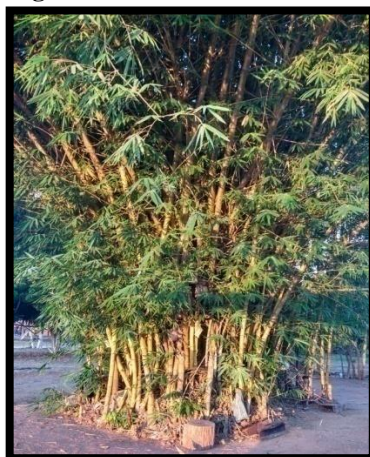
De acordo com os entrevistados, para armazenar massas, frutas, artefatos, legumes e verduras, eles utilizavam o cofo e cestos (em geral). Já para armazenar líquidos, como água, mel, eles utilizavam a cabaça, a casca do cupuaçu e cortes de varas de bambu.

**Figura 35 – Cabaça**



Fonte: acervo próprio (2018).



**Figura 36 – Bambueiro**

Fonte: acervo próprio (2018).

**Figura 37 – Cupuaçu**

Fonte: acervo próprio (2020).

Os recipientes de medida são utensílios importantes para medição de massas, líquidos e grãos em Parkatêjê. Estes, considerados na maioria das línguas como massivos, necessitam comumente de um recipiente para sua medição, haja vista que são compostos, conforme discutido na literatura, por massa ilimitada, material indiferenciado. Nesse sentido, diante da impossibilidade de contagem deles, na maioria dos casos, isto é, de sua combinação direta com numerais, os recipientes são utilizados como intermediadores entre nomes e numerais.

A seguir, explana-se sobre a marcação de número em Parkatêjê e se ela é significativa quanto à distinção entre nomes contáveis e nomes massivos. Ademais, discute-se também sobre nomes *nus* na referida língua.

## 5.2 Plural e nomes nus

### 5.2.1 Plural

De acordo com Ferreira (2003), em Parkatêjê, os nomes referentes a humanos, como homem e mulher, podem ser pluralizados por meio do acréscimo do formativo *mẽ*, enquanto o singular não é marcado.

(79) zũm mpi m̃ pia?  
 Int homem Int Dub  
 'Quem é (aquele) homem?'

(FERREIRA, 2003, p. 56)

(80) zũm mẽ mpi m̃ pia?  
 Int Pl homem Int Dub  
 'Quem são (aqueles) homens?'

(FERREIRA, 2003, p. 56)

(81) ja ntia ri mpi ri?  
 Int mulher Enf homem Enf  
 'Teu filho é homem ou mulher?' *lit.* 'mulher mesmo, homem mesmo?'

(FERREIRA, 2003, p. 156)

(82) mẽ ntia tem ton tozo  
 Pl mulher Erg+Pl tatu caçar  
 'As mulheres caçaram tatu'

(FERREIRA, 2003, p. 56)

Exemplos contidos em Ferreira (2003) e Araújo (2016) demonstram que *mẽ* também é combinado com alguns quantificadores da língua. Entretanto, conforme veremos mais adiante (na seção que trata dos quantificadores), ocorrências com essas combinações acontecem sempre em contextos em que o quantificador se refere a nomes + humanos.

Com base na análise feita dos dados já publicados sobre a língua, observou-se que os quantificadores *kwỳ* ‘alguns/um pouco/um pedaço’ e *kunĩnĩ* ‘todo/todos’, sem o formativo, ocorrem com os nomes - humanos.

- (83) i-      mẽ      kwỳ  
 l-      Dat      Quant  
 ‘me dá um pouco (ou um pedaço)’

(FERREIRA, 2003, p. 151)

- (84)<sup>17</sup> Awpãn      Jê      mẽ      i-mã      airom      kunĩn      nãhã,      kormã      kãm      mpopryre  
 felizmente      Jê      Pl      1-Dat      mato      Quant      deixar      ainda      cada      caça  
 pyxit      kãm      mẽ      kuku  
 um      cada      Pl      comer

‘Felizmente, Jê deixou mato todo pra nós, com caça pra gente comer cada um.’

(ARAÚJO, 2016, p. 148)

Nos exemplos anteriormente apresentados, nota-se que o formativo *mẽ* está presente em dois momentos na sentença, mas em ambos faz referência a primeira pessoa do plural, nós/a gente, ou seja, a pessoas, enquanto *kunĩnĩ* aparece sem o formativo, juntamente com o termo *airom* ‘mato’ (*airom kunĩn* ‘mato todo’). Os demais exemplos oferecidos por Ferreira (2003) demonstram que *mẽ* está sempre imbricado ao traço + humano.

- (85) mũ      *mẽkwỳ*      3-ukaprĩn      -ti      *mẽkwỳ*      h-      õtjõ  
                  alguns      Rel-ser.generoso      -Intens alguns      Rel-      ser.escasso  
 ‘(na aldeia, há) alguns generosos, alguns escassos’

(FERREIRA, 2003, p. 131)

<sup>17</sup> A glosa do exemplo (84) foi inserida pela autora deste trabalho, com base em trabalhos já publicados sobre o Parkatêjê.

- (86) mēkunĩĩ i- tem Piare pupũn mǎ te mē i-  
 todos l ErgPl N.Pr Rel-ver+Pas DS Erg ErgPl  
 pupun inũare  
 Rel-ver+Pas Neg  
 ‘Todos vimos o Piare, mas ele não nos viu’

(FERREIRA, 2003, p. 74)

Nos estudos desenvolvidos por Ribeiro-Silva (2015), observou-se também a ocorrência do formativo *mē* com os pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa do plural em Parkatêjê.

**Pronomes:**

- (87) wa kô mǎ i-pÿp  
 1SG rio LOC 1-cair  
 ‘Eu caí no rio’

(RIBEIRO-SILVA, 2015, p. 43)

- (88) ka kô mǎ a-pÿp  
 2SG rio LOC 2-cair  
 ‘Tu caíste no rio’

(RIBEIRO-SILVA, 2015, p. 43)

- (89) Ø tajÿr nǎ kô mǎ Ø-pÿp  
 3 também nǎ rio LOC 3-cair  
 ‘Ele também caiu no rio’

(RIBEIRO-SILVA, 2015, p. 43)

- (90) mũ i-te mē hõ-pun  
 DIR 1-ERGPL 3-ver  
 ‘Nós o vimos’

(RIBEIRO-SILVA, 2015, p. 52)

- (91) Ø      mē      kô      kām      mǎ      Ø-pỳp  
           3      Pl      rio      LOC      LOC      3-cair  
           ‘Eles caíram no rio’

(RIBEIRO-SILVA, 2015, p. 43)

A marcação de número por meio do formativo *mē* também ocorre em outras línguas do Complexo Dialetal Timbira, como em Canela Apãniekrá, Gavião Pykobjê e Krahô, conforme Alves (2004), Amado (2004) e Souza (1989), respectivamente. As referidas autoras descrevem a ocorrência desse formativo como marcador de plural, enquanto o singular não é marcado, assim como em Parkatêjê.

Alves (2004), entretanto, acrescenta que, em Canela Apãniekrá, há uma forma de pluralizar nomes + humanos e outra para nomes – humanos. Nomes como homem e mulher, por exemplo, são pluralizados com o acréscimo de *mē*, exemplos 92a e 92b. Já nomes como pedra e canoa são pluralizados com o acréscimo de *j3ʔtɔ*, exemplos 93a e 93b.

### Língua Canela Apãniekrá

#### + humano: *mē*

- (92a) mē      hũmrɛ  
           Pl      homem  
           ‘homens’

- (92b) mē      kahãj  
           Pl      mulher  
           ‘mulheres’

#### - humano: *j3ʔtɔ*

- (93a) kɛn      j-3ʔtɔ  
           pedra PR-ser.muito  
           ‘pedras’

- (93b) p3rkrɛ j-3ʔtɔ  
           canoa PR-ser.muito  
           ‘canoas’

(ALVES, 2004, p. 48)

Em Pykobjê, Amado (2004) considera que o formativo *mē* só é empregado com nomes + humanos. Nesse sentido, para os demais nomes (- humanos), não há marcação de número.

### Língua Pykobjê

+ humano: mẽ

(94a) hõmre  
 homem  
 ‘homem’

(94b) mẽ hõmre  
 Pl homem  
 ‘muitos homens’

(AMADO, 2004, p. 37)

Por fim, na língua Krahô, Souza (1989), ao tratar da marcação de número, considera a relação genitiva de posse. A autora afirma que os nomes alienáveis e inalienáveis, como roça (95a) e pé (95b), respectivamente, podem ser pluralizados. A autora acrescenta que nomes inalienáveis são sempre precedidos por pronomes possessivos ou outro indicador de possuidor, como nos exemplos (95b) e (95c).

### Língua Krahô

+ humano/-humano: mε

alienável/inalienável: mε

(95a) mε pur  
 Pl roça  
 ‘roças’

(95c) mehĩ mε par  
 índio Pl pé  
 ‘pés dos índios’

(95b) mε i krã  
 Pl lex cabeça  
 ‘nossas cabeças’

(SOUZA, 1989, p. 7)

Nota-se, nos exemplos acima, que tanto nomes - humanos, como roça (95a), e + humanos, como pé e cabeça (95b e 95c), ocorrem com o formativo *mẽ*. Desse modo, pode-se considerar que o traço + ou - humano não é significativo quanto à pluralização nessa língua.

No presente estudo, consoante ao que Ferreira (2003) já havia proposto sobre a língua Parkatêjê, os dados analisados demonstram que apenas nomes referentes a humanos recebem a marca de plural, como pode ser observado nos exemplos seguintes.

- (96) mpi            mũ    mõi  
 homem        PD    ir  
 ‘O homem foi embora’
- (97) mẽ    mpi            mũ    mõi  
 Pl    homem        PD    ir  
 ‘Os homens foram embora’
- (98) ntia    mũ    mõi    kokrën  
 mulher PD    ir        cedo  
 ‘A mulher foi embora cedo’
- (99) mẽ    ntia    mũ    mõi    kokrën  
 Pl    mulher PD    ir        cedo  
 ‘As mulheres foram embora cedo’
- (100) mẽ    mũ    mõi  
 Pl    PD    ir  
 ‘Todos (pessoas) foram embora’

Construções em que *mẽ* é combinado com nomes cujo referente não é humano podem ser consideradas agramaticais.

- (101) \* pika mẽ        kaprô  
 chão Pl        sangue  
 Contexto: um índio se cortou, saiu muito sangue do ferimento e sujou o chão. Alguém pede para limpar e o outro pergunta: limpar o quê?
- (102) \* pika mẽ        kô  
 chão Pl        água  
 Contexto: uma criança está bebendo água na cabaça, mas deixa cair no chão, a mãe pergunta: o que foi que tu deixaste cair?

(103) \*mẽ krĩ iripti

Pl aldeia ser.grande

Contexto: alguém pergunta qual o tamanho das aldeias da Reserva Mãe Maria.

(104) \*i-te mẽ piptʃto krẽ

1 Pl banana comer

Contexto: alguém pergunta: o que tu comeste?

(105) \*Madalena mẽ kruwa pupũn nã puro

NPr Pl flecha ver Loc logo

Contexto: Madalena estava andando pelo acampamento e viu algo. O que Madalena viu?

(106) \*i- te mẽ kraren mũ pupũn

1 Erg Pl paca.matar PD ver

Contexto: um índio andava pelo mato quando avistou pacas e as matou. Quando chegou à aldeia, falou o que tinha feito.

Conclui-se, portanto, que nomes que não fazem referência a humanos não apresentam a forma plural na referida língua. Observou-se, na análise dos dados, a ocorrência deles somente com demonstrativos, numerais e quantificadores. Desse modo, considerando que a marcação de número ocorre apenas com uma pequena parcela dos nomes (+ humanos), pode-se afirmar que a pluralização não é uma propriedade distintiva entre nomes contáveis e nomes de massa em Parkatêjê.

### 5.2.2 Nomes nus

No que concerne aos contextos em que há uma pluralidade de indivíduos, há comumente a presença de expressões de quantidades exatas ou aproximadas, tais como: numerais e quantificadores, respectivamente. Quando tais nomes ocorrem desprovidos de qualquer marca de número e sem determinantes, isto é, como nominais nus (assim tradicionalmente denominados pela literatura), há uma denotação neutra no que se refere à expressão de número, singular ou plural.



Em 107), 108) e 109), os nomes *kra* ‘paca’, *pĩptʃto* ‘banana’ e *kruwa* ‘flecha’ aparecem despídos da marca de plural e determinantes. Embora estruturalmente pareçam se referir a um único indivíduo, eles podem se relacionar tanto a contextos em que há um único indivíduo ou mais.

(107) i-      tɛ      kra      pupũn  
           1      Erg    paca    ver  
           ‘Eu vi paca’

(108) i-      tɛ      pĩptʃto krẽ  
           1      Erg    banana comer  
           ‘Eu comi banana’

(109) Madalena      kruwa pupũn nã      puro  
           NPr              flecha ver      Loc    logo  
           ‘Madalena viu flecha’

Nas construções com nomes de massa, como *kwærtʃom* ‘farinha’ e *mpohĩri* ‘carne’, a quantidade também é indefinida.

(110) i-      tɛ      kwærtʃom      krẽ  
           1      Erg    farinha      comer  
           ‘Eu comi farinha’

(111) i-      tɛ      mpohĩri      krẽ  
           1      Erg    carne      carne  
           ‘Eu comi carne’

Vale ressaltar que os nomes descritos em (107), (108) e (109) são considerados tradicionalmente como contáveis, com formas e limites precisos. Há contextos, como em (110) e (111), em que temos a presença de nomes de matéria indiferenciada ou substância, considerados de massa, e, nesses casos, a impossibilidade de estabelecer se se trata de um ou mais indivíduos não é proveniente do fato de não haver marcação de número e/ou determinantes, mas pelo fato de se tratar de um elemento que, na verdade, não denota indivíduos

singulares, mas, sim, porções de matéria. Estas, por sua vez, são medidas por meio de recipientes de medida, como cofo, cabaça, talos de bambu etc., haja vista que, sozinhos, não apresentam quantidade definida.

Veremos, no próximo tópico, que construções com nomes de massa e recipientes de medida apresentam, explícita ou implicitamente, a presença de um numeral.

### 5.3 Numerais

Conforme estudos desenvolvidos por Araújo (1989), a língua Parkatêjê apresenta numerais cardinais de um a três, o que demonstra, segundo ela, um sistema pouco produtivo de numerais. A autora acrescenta que os termos oriundos dessa classe, em Gavião-Jê, se comportam como adjetivos descritivos e posicionam-se em posição posterior aos nomes que determinam.

(112) *pitʃit* ‘um’

(113) *ajkrut* ‘dois’

(114) *hitô* ‘três’

(ARAÚJO, 1989, p. 64)

Em consonância, Ferreira (2003) também descreve como numerais cardinais na referida língua *pitʃit* ‘um’, *ajkrut* ‘dois’ e *hitô* ‘três’. Entretanto, ela não os classifica como adjetivos descritivos, pois considera que, “por suas características, os descritivos não apresentam propriedades morfológicas e sintáticas peculiares que permitam suficientemente seu tratamento como uma classe de adjetivos” (p. 90).

Ferreira (2003) destacou que outra forma de utilização dos numerais é a justaposição deles, isto é, os falantes fazem a soma dos numerais (*pitʃit* ‘um’, *ajkrut* ‘dois’ e *hitô* ‘três’) para gerar numerais maiores, como exemplificado no quadro a seguir.

**Quadro 8** - Justaposição de numerais

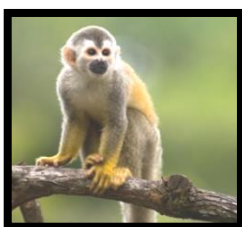
<i>ajkrut ajkrut mẽ</i>	‘quatro’	lit. ‘dois e dois’
<i>ajkrut hitô mẽ</i>	‘cinco’	lit. ‘dois e três’
<i>hitô hitô mẽ</i>	‘seis’	lit. ‘três e três’
<i>ajkrutajkruthitômẽ</i>	‘sete’	lit. ‘dois, dois e três’

Fonte: Ferreira (2003)

Portanto, o quadro constante na tese de Doutorado de Ferreira (2003) ilustra que alguns falantes menos conservadores indicaram a possibilidade de usar os numerais justapostos para indicar a soma e outro numeral resultante dessa adição. Entretanto, essa forma de quantificação não é comumente usada pelos falantes da língua. Quando há a necessidade de quantificar quantidades superiores, os falantes utilizam outra classe, a dos quantificadores. A referida língua, apesar de não possuir um sistema numérico produtivo, dispõe de várias expressões quantificadoras, conforme será discutido nas seções posteriores.

Ferreira, que desenvolve pesquisa linguística com o referido povo desde 1998, afirma que os indígenas talvez, ao serem perguntados sobre numerais em sua língua, sintam-se “quase obrigados” a demonstrar que é possível fazer uso de numerais para indicar quantidades maiores e referenciais, à semelhança do que há em língua portuguesa.

Considerando-se que os numerais apresentam, em muitas línguas, comportamentos distintos quando relacionados a nomes contáveis e nomes de massa, buscou-se averiguar, no presente estudo, a ocorrência e comportamento destes com diversos nomes na língua Parkatêjê.



- (115) i- $\epsilon$  kôkôy pitʃit pupũn  
 1p macaco um ver  
 ‘eu vi um macaco’



- (116) i- $\epsilon$  kôkôy aikrut pupũn  
 1p macaco duas ver  
 ‘eu vi dois macacos’



- (117) i- $\epsilon$  kôkôy hitô pupũn  
 1p macaco três ver  
 ‘eu vi três macacos’

CONTEXTO: ao andar pela mata, o índio observa, em diferentes momentos, quantidades distintas de macacos nas árvores da floresta e faz a contagem.



(118) kàhà pitʃit  
cofo um  
'um cofo'

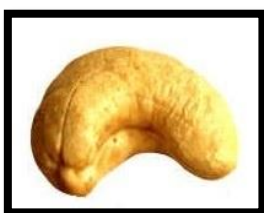


(119) kàhà aikrut  
cofo dois  
'dois cofos'

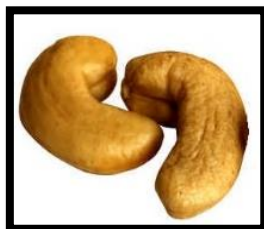


(120) kàhà hitô  
cofo três  
'três cofos'

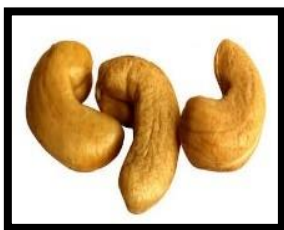
CONTEXTO: o índio, ao terminar de confeccionar cada cofo, faz a contagem de quantos deste artefato já conseguiu fazer.



(121) përtʃo pitʃit  
castanha um  
'uma castanha'



(122) përtʃo ajkrut  
castanha dois  
'duas castanhas'



(123) përtʃo hitô  
castanha três  
'três castanhas'

CONTEXTO: os informantes são questionados sobre qual a quantidade de castanhas em cada uma das imagens exibidas em um *notebook*.



- (124) ken piŋfit  
pedra um(a)  
'uma pedra'



- (125) ken ajkrut  
pedra duas  
'duas pedras'



- (126) ken hitô  
pedra três  
'três pedras'

CONTEXTO: os informantes são questionados sobre qual a quantidade de pedras colocadas sobre o chão.

Assim como em outras línguas, é possível, em Parkatêjê, combinar nomes de massa com numerais em contextos específicos: 1) quando há inserção de um recipiente de medida entre o nome e o numeral; e 2) quando o recipiente de medida está subtendido no contexto.

### CONTEXTO 1



- (127) têrêre kàhà piŋfit  
açái cesto um  
'um cesto de açái'



- (128) têrêre kàhà ajkrut  
açái cesto um  
'dois cestos de açái'



- (129) têrêre kàhà hitô  
 açáí cesto um  
 ‘três cestos de açáí’

CONTEXTO: um Parkatêjê foi para o mato apanhar açáí, na primeira vez que voltou, trouxe um cesto; na segunda, dois cestos; e, na terceira vez, três cestos de açáí.

## CONTEXTO 2



- (130) kô [kôkônôre]<sup>18</sup> pitʃit  
 água cabaça um  
 ‘uma (cabaça) de água’



- (131) kô [kôkônôre] ajkrut  
 água cabaça duas  
 ‘duas (cabaças) de água’



- (132) kô [kôkônôre] hitô  
 água cabaça três  
 ‘três (cabaças) de água’

CONTEXTO: um Parkatêjê vai ao rio pegar água e pergunta se alguém quer também. Quando alguém diz que quer, o Parkatêjê pergunta: quantas águas? uma, duas ou três. (O Parkatêjê está carregando três cabaças vazias).

Diante do exposto, conclui-se que os numerais, em Parkatêjê, podem ocorrer com nomes contáveis e massivos, com a seguinte ressalva:

- Nomes contáveis podem ser diretamente combinados com numerais.

<sup>18</sup> Os colchetes, neste e em outros dados, foram utilizados para identificar as palavras que não foram pronunciadas durante a coleta de dados, mas que estavam subtendidas no contexto.

(133) i-te kôkôy aikrut pupũn  
 1p macaco duas ver  
 ‘eu vi dois macacos’

- Nomes massivos podem ser combinados com numerais, desde que haja um recipiente de medida entre o nome e o numeral.

(134) têrêre kâhà ajkrut  
 açai cesto um  
 ‘dois cestos de açai’

- Nomes massivos podem ser combinados diretamente com numerais, sem a presença de recipiente de medida, desde que este esteja subtendido no contexto.

(135) kô [kôkônôre] ajkrut  
 água cabaça duas  
 ‘duas (cabaças) de água’

#### 5.4 Quantificadores: sufixos *-re* e *-ti*

Segundo estudos realizados por Araújo (1989 e 2016), os sufixos derivacionais *-re* e *-ti* têm a função de indicar o aumentativo e o diminutivo dos nomes. A autora afirma que tais sufixos são pospostos às bases nominais, e desempenham função flexional. Eles também são aplicados aos verbos estativos e adjetivos, entretanto, desempenham papel enfático nesses casos.

(136) ajkre ‘casa’  
 (137) ajkrere ‘casa pequena’  
 (138) ajkreti ‘casa grande’

(ARAÚJO, 1989, p. 90)

(139) pêrxãre ‘abano pequeno’  
 (140) pêrxãti ‘abano grande’

(ARAÚJO, 1989, p. 111)

- (141) hêre ‘aranha grande’  
 (142) hêti ‘aranha pequena’

(ARAÚJO, 2016, p. 66)

- (143) kuwê ‘arco’  
 (144) kuwêre ‘arco pequeno’  
 (145) kuwêti ‘arco grande’

(ARAÚJO, 1989, p. 111)

- (146) kaprik ‘vermelho’  
 (147) kaprikti ‘muito vermelho’

(ARAÚJO, 1989, p. 90)

Araújo (1989, p. 28) explica que “*-re* está conotativamente associado a tudo que é fino, frágil, a mulher, criança e velho; *-ti*, por sua vez, se aplica a tudo que é grosso, forte, a homem e jovem”.

- (148) akaxwÿire ‘bebê mulher, magra’  
 (149) akaxwÿiti ‘bebê mulher, gorda’

(ARAÚJO, 2016, p. 28)

Os referidos sufixos ainda são utilizados em termos de parentesco para indicar o que Ferreira (2003, p. 57) chama de “dimensão cronológica”, isto é, “contraste entre a indicação de parentes mais velhos e mais novos”. Contudo, Ferreira ressalta, com base em Araújo (1989), que a dimensão física predomina sobre a cronológica.

A noção de tamanho expressa pelos sufixos *-re*, pequeno e *-ti*, grande, tem na língua dois tipos de significação, uma física, que diz respeito ao tamanho relativo na espécie, outra dinâmica, que diz respeito à ordem cronológica, nos termos de parentesco. A significação denotativa de tamanho físico relativo, ou de ordem cronológica, é a que prevalece, em caso de contraste. (ARAÚJO, 1989, p. 90)

Hipoteticamente, considerando que a tia materna mais nova que a mãe seja gorda, ela será chamada de “anôti” (FERREIRA, 2003).



(150) anõti ‘tia – qualquer irmã mais velha que a mãe’

(151) anõre ‘tia – qualquer irmã mais nova que a mãe’

(FERREIRA, 2003, p. 57)

Ferreira (2003), assim como Araújo (1989), também considera os sufixos *-re* e *-ti* como marcadores de diminutivo e aumentativo, intensificadores e atenuantes de verbos e adjetivos na referida língua e apresenta alguns exemplos de suas ocorrências.

(152) ma ku mē krô krē -ti  
 Exort Du Pl porco comer -Intens  
 ‘Vamos comer muito porco’

(FERREIRA, 2003, p. 127)

(153) nōkēm atō kaprĩ -re  
 ontem meu.irmão estar.triste Aten  
 ‘Ontem meu irmão estava muito triste’

(FERREIRA, 2003, p. 171)

(154) hire ‘mandi pequeno’

(155) hiti ‘mandi maior’

(FERREIRA, 2003, p. 224)

No presente estudo, observou-se a possibilidade de eles também indicarem quantidade como ‘pouco’ ou ‘muito’, ou seja, de exercerem o papel de quantificadores.

(156) kaprôti ‘muito sangue’

(157) kaprôre ‘pouco sangue’

Conforme análise feita, esses sufixos, além de poderem indicar a forma física das pessoas, como magro/gordo, entre outros aspectos já mencionados, parecem ocorrer como quantificadores somente com nomes massivos. Além disso, eles também podem, em alguns

casos<sup>19</sup>, indicar o estado de um determinado elemento (líquido, amassado/batido, pó, massa), conforme exemplificado a seguir.

- (158) *têrêre* ‘açai batido/amassado’  
 (159) *têrêti* ‘açai (na árvore), açaisal’

Além disso, com base no exemplo (160), podemos considerar que o sufixo *-ti* assume também o papel de coletivizador de nomes. Isto é, quando combinado com termos específicos, este, por sua vez, passa a denotar conjunto de, como visto em (161) e (162).

- (160) *têrêti* ‘açai (na árvore), açaisal’  
 (161) *akrôakêti* ‘cipozal’ (ARAÚJO, 2016, p. 30)  
 (162) *pjêkaweti* ‘plantação’ (ARAÚJO, 2016, p. 301)

*-re* e *-ti*, quando combinados a alguns quantificadores como *jarêrê-* “muito”, por exemplo, parecem indicar quantidades distintas. Em outras palavras, há diferentes noções do que pode ser considerado muito. Assim como para falantes do português cinco não é o mesmo que vinte, cinquenta, cem etc., falantes do Parkatêjê também usam diferentes quantificadores para designar quantidades distintas. A diferença consiste no fato de que há mecanismos específicos para isso em cada língua. O português dispõe de um sistema numérico bastante produtivo, que pode indicar com exatidão a quantidade; em Parkatêjê, todavia, não há um sistema numérico produtivo, mas há uma vasta gama de quantificadores que dão ideia aproximada de quantidade. *Jarêrêre*, por exemplo, significa ‘muitos’, mas representa menos que *jarêrêti* ‘muitos’. Isto é, ambos apresentam o sentido de muito, mas o primeiro representa menor quantidade em relação ao segundo. São quantificadores iguais, mas, quando combinados aos sufixos *-re* e *-ti*, tomam proporções distintas.

JARÊRÊRE ‘MUITOS’ < JARÊRÊTI ‘MUITOS’

<sup>19</sup> Constatou-se ocasionalmente alguns exemplos da ocorrência dos sufixos derivacionais *-re* e *-ti* como indicador de estado (líquido, amassado/batido, pó, massa), como em (158) e (159). São sufixos que demonstram ter bastante produtividade da língua Parkatêjê e que merecem um estudo mais específico e aprofundado sobre eles, considerando as funcionalidades observadas neste trabalho e em estudos anteriores.

(163) jarêtere ‘muitos’  
jarêtêti ‘muitos’

(164) tewôre ‘muitos’  
tewôti ‘muitos’

Contudo, observou-se que as formas *jarêtere* e *tewôre* não são comumente usadas pelos falantes, predominando, assim, o uso de *jarêtêti* e *tewôti*.

Ademais, acrescento que tais sufixos, principalmente *-ti*, ocorre com muitos nomes abstratos, como nos exemplos seguintes.

(165) i- mǎ prǎm-ti  
1- Dat ter.fome.Quant  
‘Eu estou com muita fome’

(166) i- mǎ koru-ti  
1- Dat sede-Quant  
‘Eu estou com muita sede’

A ocorrência de *-ti* com nomes contáveis concretos indica, muitas vezes, o aumentativo em Parkatêjê. Contudo, com nomes de massa, ele parece exercer o papel de quantificador. Considerando os exemplos anteriores, constatou-se que esse sufixo parece também quantificar nomes abstratos <sup>20</sup>como *prǎm* ‘fome’ e *koru* ‘sede’.

Conforme já mencionado na introdução, neste trabalho apresento dados, essencialmente, com nomes tradicionalmente classificados como concretos, ainda não está claro se há e como se dá a distinção entre nomes contáveis e massivos abstratos na referida língua. É um estudo que pretendo realizar em um momento posterior.

---

<sup>20</sup> Conforme mencionado na introdução, nesta pesquisa priorizou-se a coleta de dados com nomes tradicionalmente considerados concretos. Os exemplos envolvendo as expressões *prǎm-ti* ‘muita fome’ e *koru-ti* ‘muita sede’ surgiram ocasionalmente durante as pesquisas de campo.

### 5.5 Quantificadores: *kwỳ*, *měkwỳ*, *kunĩnĩ*, *měkunĩnĩ*, *jarětêti*, *tuti*, *inkrire*, *awĩnti*, *jawênêre* ~ *hawênêre*, *nõpyxitire* e *tewôti*.

Os quantificadores, diferentemente dos numerais, expressam quantidades não tão exatas, podendo ser classificados como universais e/ou indefinidos. Em Parkatêjê, constatou-se a existência de alguns termos que expressam quantidades, considerados no presente estudo, como quantificadores.

Veremos que a maioria dessas expressões já foi descrita em trabalhos anteriores, como os de Araújo (1989 e 2016) e Ferreira (2003). Contudo, nenhum destes estudos apresenta uma análise específica dos contextos em que tais elementos ocorrem e se podem ser combinados com todos os nomes na língua. Além disso, minha análise difere, em alguns casos, das descrições e classificações atribuídas a esses termos.

Os quantificadores identificados foram:

- *kwỳ* ‘um pedaço de/uma parte de’;
- *měkwỳ* ‘alguém/alguns’;
- *kunĩnĩ* ‘todos; tudo’;
- *měkunĩnĩ* ‘todo mundo’;
- *jarětêti* ‘muitos’;
- *tuti* ‘muito’;
- *inkrire* ‘pouco’;
- *awĩnti* ‘pouco’;
- *jawênêre* ~ *hawênêre* ‘pouco’;
- *nõpyxitire* ‘muito’, ‘grande quantidade’;
- *tewôti* ‘muito’, ‘aproximadamente 8’;

Ferreira (2003) considerou *kunĩnĩ/měkunĩnĩ* em conjunto. Na presente pesquisa, todavia, optei por considerá-los em separado, uma vez que a presença do formativo *mě*, indicativo daquilo que faz referência à natureza humana, aponta para o significado de “todos (as pessoas); todo mundo” enquanto *kunĩnĩ* pode fazer referência a “tudo /todo /todos”.

Considerando-se os quantificadores supramencionados, de acordo com Ferrari-Neto (2008), apresento uma análise e classificação em que estes são considerados universais e indefinidos, conforme o quadro a seguir:

**Quadro 9** – Quantificadores em Parkatêjê

<b>Quantificadores</b>	
<b>Universais</b>	<b>Indefinidos</b>
<i>kunĩnĩ</i> ‘todos; tudo’	<i>kwỳ</i> ‘um pedaço de/uma parte de’
<i>mẽkunĩnĩ</i> ‘todos’	<i>mẽkwỳ</i> ‘alguém/alguns’
	<i>jarêtêti</i> ‘muitos’
	<i>tuti</i> ‘muito’
	<i>inkrire</i> ‘pouco’
	<i>awĩnti</i> ‘pouco’
	<i>jawênêre ~ hawênêre</i> ‘pouco’
	<i>nõpyxitire</i> ‘muito’ (grande quantidade)
	<i>tewôti</i> ‘muito’ (aproximadamente 8)

Fonte: elaboração própria.

Conforme podemos observar no quadro acima, foram arrolados onze quantificadores na referida língua, aqui analisados e classificados entre universais e indefinidos. Considerou-se como universais apenas os quantificadores *kunĩnĩ* ‘todos, tudo’ e *mẽkunĩnĩ* ‘todo mundo’, ‘todos’, visto que os mesmos são os únicos que fazem referência a todos os elementos de um determinado conjunto; enquanto os demais, tais como: *kwỳ* ‘um pedaço de/uma parte de’; *mẽkwỳ* ‘alguém/alguns’; *jarêtêti* ‘muitos’; *tuti* ‘muito’; *inkrire* ‘pouco’; *awĩnti* ‘pouco’; *jawênêre ~ hawênêre* ‘pouco’; *nõpyxitire* ‘muito’ (grande quantidade); *tewôti* ‘grande quantidade’, fazem referência a partes de um determinado conjunto e não a sua totalidade.

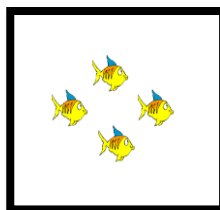
Apresentarei as observações acerca de cada um desses elementos a seguir.

### ***Jarêtêti* ‘muito’**

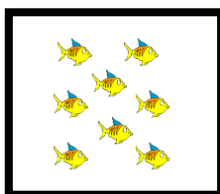
*Jarêtêti* ‘muitos’ é utilizado para quantificar objetos cuja quantidade é superior a três. Nos dados, o referido quantificador pode designar diferentes quantidades, sem a especificação definida do que seja “muito”. Trata-se, portanto, de um quantificador indefinido relativo ao que é superior a três unidades.

As sentenças (167), (168), (169) e (170) demonstram como os falantes denotam quantidades variadas utilizando o mesmo quantificador: *jarêtêti*.

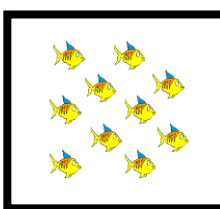
(167) tep jarêti  
peixe muito  
'muitos peixes'<sup>21</sup>



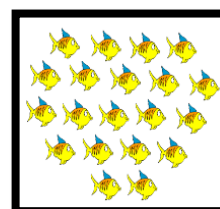
(168) tep jarêti  
peixe muito  
'muitos peixes'



(169) tep jarêti  
peixe muito  
'muitos peixes'

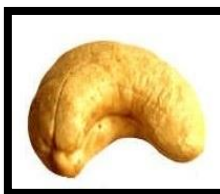


(170) tep jarêti  
peixe muito  
'muitos peixes'



Ao solicitar que o colaborador fizesse a contagem de castanhas<sup>22</sup> (na casca), ele apresentou as seguintes construções.

(171) p̃ert̃fo p̃it̃fit  
castanha um  
'uma castanha'



<sup>21</sup> As imagens com peixes foram fornecidas por Suzi Lima e Susan Rothstein (2016), juntamente com o questionário de distinção contável-massivo.

<sup>22</sup> As imagens com castanhas foram retiradas do *google imagens* e editadas pela autora deste trabalho.

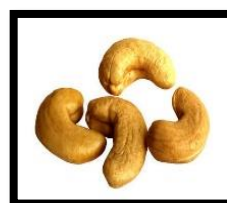
(172) përtʃo      ajkrut  
 castanha      dois  
 ‘duas castanhas’



(173) përtʃo      hitô  
 castanha      três  
 ‘três castanhas’



(174) përtʃo      jarêtêti  
 castanha      muitos  
 ‘muitas castanhas’



(175) përtʃo      jarêtêti  
 castanha      muitos  
 ‘muitas castanhas’



Os exemplos acima demonstram que *jarêtêti* ocorre com nomes contáveis, como peixe e castanha. Verificou-se a possibilidade de esse quantificador também ocorrer com nomes massivos. Para isso, foi perguntado aos informantes quanto à possibilidade de empregar as seguintes construções.

(176) \*kaprô      jarêtêti  
 sangue      muito  
 ‘muitos sangues’

(177) \*kô      jarêtêti  
 água      muito  
 ‘muitas águas’

Segundo os consultores, construções como (176) e (177) não ocorrem na língua, o que nos leva a considerar que *jarêtêti* pode ser empregado somente com nomes contáveis em Parkatêjê. Nesse sentido, seu uso pode ser considerado um critério de distinção entre nomes contáveis e nomes massivos na língua.

***Kwỳ* ‘uma parte de’, um pouco’.**

*Kwỳ* foi descrito por Ferreira (2003) como sendo um quantificador “cujo sentido pode ser ‘vários’; ‘um pouco’; ‘um pedaço’, dependendo do tipo de nome com o qual tal quantificador se relaciona” (FERREIRA, 2003, p. 72). Trata-se, conforme a autora, de um quantificador indefinido. Em consonância, Araújo (2016) afirma que *kwỳ* é um partitivo que significa ‘um pouco/pedaço de algo’. Seguem alguns exemplos de seu emprego em Parkatêjê.

(178) i-      mǎ      kwỳ  
 l-      Dat      Quant  
 ‘me dá um pedaço/pouco/um pouquinho’

(FERREIRA, 2003, p. 73)

(179) i-      mǎ      kupu kwỳ      wa      ku-ku  
 l      Dat      kuputi Quant eu      Onc-comer  
 ‘me dá um pouco de kuputi<sup>23</sup> para eu comer’

(FERREIRA, 2003, p. 73)

(180) i-      mǎ      hê      kwỳ  
 l      Dat      fio      Quant  
 ‘me dá um pedaço do fio’

(FERREIRA, 2003, p. 74)

(181) airǝm, ma      ku      kotikre      kwỳ      toikǝ  
 NPr      Exort      Du      café      Quant beber  
 ‘Aiom, vamos tomar um pouco de café?’

(FERREIRA, 2003, p. 74)

Observa-se nos exemplos contidos em Ferreira (2003) que o quantificador *kwỳ* pode ser combinado tanto com nomes contáveis (179) quanto com nomes massivos (180) e (181). O exemplo (178) ‘me dá um pedaço’, por exemplo, pode se referir tanto a algum alimento contável, como maçã, como também a algum alimento massivo, como carne.

<sup>23</sup>*Kuputi* é um tipo de beiju (FERREIRA, 2003).

<sup>23</sup>No exemplo (179), considera-se *kuputi* como algo que denota unidades, ou seja, entidade contável.



Considerando-se as explicações dos consultores da língua, depreendeu-se que a quantidade expressa por esse quantificador é variável e depende do contexto. Em outras palavras, só é possível ter a noção da quantidade expressa por *kwỳ* levando-se em consideração o objeto/coisa com a qual esse quantificador está relacionado. Pedir um pedaço de melancia a alguém que está apenas com uma fatia dessa fruta é diferente, em quantidade, de pedir um pedaço dessa melancia a alguém que está com uma melancia inteira. Nesse último caso, pode significar a metade da melancia, por exemplo. Assim como pedir um pouco de água a alguém que está com um copo de água é diferente, em quantidade, de pedir um pouco de água a alguém que está com um balde cheio de água. Portanto, trata-se de um quantificador que pode ser combinado com os dois tipos de entidade e seu valor semântico é definido no contexto discursivo.

(182) i-      mǎ      prētʃo      kwỳ  
           1      Dat      castanha      Quant  
           ‘Me dá um pouco de castanha’

(183) i-      mǎ      kôtày      kwỳ  
           1      Dat      cupuaçu      Quant  
           ‘Me dá um pouco de cupuaçu’

(184) i-      mǎ      kari      kwỳ  
           1      Dat      amendoim      Quant  
           ‘Me dá um pouco de amendoim’

(185) i-      mǎ      pīptʃo      kwỳ  
           1      Dat      banana      Quant  
           ‘Me dá um pouco de banana’

(186) i-      mǎ      kupu      kwỳ  
           1      Dat      berarubu      Quant  
           ‘Me dá um pedaço de berarubu’

- (187) i- mǎ têrêre kwỳ  
 1 Dat açai Quant  
 ‘Me dá um pouco de açai<sup>24</sup>’
- (188) i- mǎ kwətjom kwỳ  
 1 Dat mandioca Quant  
 ‘Me dá um pouco de mandioca’
- (189) i- mǎ k kwỳ  
 1 Dat água Quant  
 ‘Me dá um pouco de água’
- (190) i- mǎ kotikrê kwỳ  
 1 Dat café Quant  
 ‘Me dá um pouco de café’
- (191) i- mǎ mpohĩri kwỳ  
 1 Dat carne Quant  
 ‘Me dá um pouco de carne’

### ***Měkwỳ***

*Měkwỳ* ‘alguns’ é composto pelo formativo *mě* (marcador de plural) + o quantificador *kwỳ* ‘um pouco/ um pedaço’. Conforme já mencionado no tópico que trata sobre o plural na língua Parkatêjê, o formativo *mě* está imbricado ao traço + humano. Os dados analisados demonstram que o referido quantificador ocorre especificamente com nomes que apresentam esse referente.

- (192) měkwỳmũ mǎ  
 quant ir  
 Alguns (pessoas) foram embora’

---

<sup>24</sup> Açai batido (líquido).

*Mëkwỳ* é acrescido do formativo *mě*, marcação que só ocorre com uma pequena parcela dos nomes, os + humanos. Observou-se que tal quantificador ocorre somente nos contextos em que há esse tipo de referente e, necessariamente, mais de um indivíduo.

- (193) \* i-    mǎ    mpohĩri    mëkwỳ  
           1    Dat    carne        Quant

Contexto: um Parkatêjê caçou paca e o outro pediu algumas porções de carne.

- (194) \*i-    mǎ    pĩptʃo    mëkwỳ  
           1    Dat    banana     Quant

Contexto: Madalena tem banana em sua casa e pede para a sobrinha que pegue algumas para ela comer.

Os exemplos contidos em Ferreira (2003) e Araújo (2016) corroboram com a análise do presente estudo.

- (195) mëkwỳ            tem    kuwê    pĩr                            mëkwỳ            tem  
           alguns            ErgPl   arco   Onc-pegar+Pas        alguns            ErgPl  
           katôk            pĩr  
           espingarda    Onc-pegar+Pas

‘Alguns (homens) pegaram arcos, alguns (homens) pegaram espingarda’

(FERREIRA, 2003)

- (196) i-        tɛ        mëkwỳ        pupun  
           l-        Erg        alguns        Rel-ver+Pas

‘Eu vi alguns’

(FERREIRA, 2003)

- (197)<sup>25</sup> pê aiku        mëkwỳ        hy            jamrêr  
           PassRem        Quant        semente     Neg

‘Naquele tempo algumas (pessoas) não tinham semente’

(ARAÚJO, 2016)

<sup>25</sup> Glosa inserida pela autora deste trabalho, com base em trabalhos já publicados sobre o Parkatêjê.

Assim como analisado o plural da língua, esse e os demais termos que são combinados com o marcador de plural, *mě*, não são significativos quanto à distinção contável-massivo, haja vista que sua ocorrência com outros nomes não foi constatada. Dessa forma, considerou-se o mesmo como um quantificador específico de nomes + humanos, como homem, mulher, criança etc. A ocorrência desse quantificador com nomes de partes do corpo, como cabeça, braços, pernas, entre outras, não foi observada.

### *Kunĩnĩ/ Měkunĩnĩ*

Segundo Ferreira (2003), o quantificador *kunĩnĩ* ‘todo/todos’ é utilizado quando relacionado a elementos não-animados; já *měkunĩnĩ* ‘todos’ é utilizado quando relacionado a elementos animados.

#### *Kunĩnĩ*

(198) kahi ita 3-ōpo kunĩnĩ h-ōpo nẽ mẽ  
 amendoim Dem Rel-descascar todos Rel-descascar SS Pl  
 katjuwa h-aratẽk  
 Rel-pintar.com.urucum.cm.formato.de.cruz

‘Esse amendoim descascavam todo, descascavam todos e pintavam o rosto com urucum em formato de cruz (com a finalidade de proteger e de obter bons fluidos sobre a roça)’

(FERREIRA, 2003, p. 172)

(199) Awpãn Jê mẽ i-mã airon kunĩnĩ nãhã, kormã kãm mpopryre  
 felizmente Jê Pl 1-Dat mato Quant deixar ainda Loc caça  
 pyxit kãm mẽ kuku.  
 Num Loc Pl comer<sup>26</sup>

‘Felizmente, Jê deixou o mato todo pra nós, com caça pra gente comer’

(ARAÚJO, 2016, p. 148)

(200) Itar mẽ jō krĩ kuhuwê kunĩnĩ.  
 Loc Pl Pos aldeia tomar conta Quant<sup>27</sup>  
 ‘Aqui é nossa aldeia, que nós todos tomamos conta.’

(ARAÚJO, 2016, p. 148)

<sup>26</sup> Glosa inserida pela autora deste trabalho, com base em trabalhos já publicados sobre o Parkatêjê.

<sup>27</sup> Glosa inserida pela autora deste trabalho, com base em trabalhos anteriores já publicados.

a) *Mêkunĩĩ*

- (201) *mêkunĩĩ* i- tem Piare pupũn mǎ te  
 todos 1 ErgPl N.Pr Rel-ver+Pas DS Erg  
*mê* i- pupun inũare  
 1PlExcl Rel-ver+Pas Neg  
 ‘todos vimos o Piare, mas ele não nos viu’

(FERREIRA, 2003, p. 74)

- (202) Ry *mêkunĩĩ* kator.  
 Já Pl. todos chegar T/A  
 ‘todos já chegaram’

(ARAÚJO, 1989, p. 90)

No presente estudo, entretanto, observou-se que o traço + e - humano é o que distingue esses dois quantificadores. *Kunĩĩ* ocorre com nomes cujo referente é - humano, e *mêkunĩĩ*, por sua vez, com nomes + humanos, caso semelhante ao dos quantificadores *kwỳ* ‘uma parte de’, um pouco’ e *mêkwỳ* ‘alguns’. Isto porque, assim como *mêkwỳ* e *mê-kunĩĩ*, é acrescido do formativo *mê*, que marca exclusivamente o plural de nomes referentes a humanos em Parkatêjê.

<i>kunĩĩ</i>	<i>mê-kunĩĩ</i>
‘tudo/todo’	‘Pl.todos’

- (203) *kunĩĩ* i-mǎ hǒ  
 Quant 1-Dat dar  
 ‘Me dá tudo (todo o berarubu)’

- (204) *kunĩĩ* i-mǎ hǒ  
 Quant 1-Dat dar  
 ‘Me dá tudo (todo o cupuaçu)’

- (205) *kunĩĩ* i-mǎ hǒ  
 Quant 1-Dat dar  
 ‘Me dá tudo (toda a banana)’

- (206) mēkunĩĩ      mũ      mō  
 Quant            PD      ir  
 ‘Todos (pessoas) foram’

Em (203), (204) e (205), temos construções com nomes cujo referente é - humano, como *kupu* ‘berarubu’, *kôtây* ‘cupuaçu’ e *piptfo* ‘banana’, acompanhados do quantificador *kunĩĩ*. Já em (206), temos a presença do mesmo quantificador mais o formativo *mē*. Neste último caso, nota-se que o referente é + humano. Se trocarmos *kunĩĩ* por *mēkunĩĩ* e vice-versa, nas sentenças descritas acima, elas passam a ser agramaticais.

- (206) \*mēkunĩĩ      i-mã      hō  
 Quant            1-Dat      dar

Contexto: Domingos está comendo berarubu e me ofereceu um pouco, mas eu respondi que queria todo o berarubu que ele tinha.

- (207) \*mēkunĩĩ      i-mã      hō  
 Quant            1-Dat      dar

Contexto: Domingos está cheio de cupuaçu e me ofereceu alguns, mas eu respondi que queria todos que ele tinha.

- (208) \*mēkunĩĩ      i-mã      hō  
 Quant            1-Dat      dar

Contexto: Domingos estava comendo banana e me ofereceu um pedaço, mas eu respondi que queria toda a banana.

- (209) \*kunĩĩ            mũ      mō  
 Quant            PD      ir

Contexto: os Parkatêjê fizeram uma festa no acampamento e eu perguntei quem tinha ido do Negão (aldeia), e me responderam que todos foram.

### ***Inkrire* ‘pouco’**

Araújo (1989) e Ferreira (2003) já haviam descrito o termo *inkrire* em trabalhos anteriores sobre o Parkatêjê. Contudo, ele foi considerado pelas referidas autoras como um adjetivo, cujo significado é pequeno.

- (210) pia tʃwën ati apu ayhĩ wape anẽ pia tʃwën pitĩ nkrĩre  
 Dub Evi só Cont dois também Dub Evi rio pequeno  
 ‘Dizem que (essas) duas pessoas viviam sós num rio pequeno’

(FERREIRA, 2003, p. 245)

No presente estudo, por sua vez, constatou-se que esse item lexical ocorre em dois contextos distintos, ora com o sentido de “pequeno”, ora como “pouco”. Isto é, *inkrĩre* exerce a função de diminutivo quando combinado com nomes contáveis; e quantificador quando combinado com nomes de massa, como podemos observar nos exemplos a seguir.

- (211) kwørtʃom inkrĩre  
 farinha Quant  
 ‘Pouca farinha’

- (212) kaprô inkrĩre  
 sangue Quant  
 ‘Pouco sangue’

- (213) kô inkrĩre  
 água Quant  
 ‘Pouca água’

- (214) rɔp inkrĩre  
 onça pequeno  
 ‘Onça pequena’

- (215) ãhãre inkrĩre  
 galinha pequeno  
 ‘Galinha pequena’

- (216) kwỳk inkrĩre  
 cofo pequeno  
 ‘Cofa pequeno’

Nomes como *kwərtfom* ‘mandioca’, *kaprô* ‘sangue’ e *kô* ‘água’, cujo conteúdo é ilimitado, indiscreto, são quantificados na presença de *inkrire*; enquanto outros como *rɔp* ‘onça’, *āhāre* ‘galinha’ e *kwỳk* ‘cofo’, indivíduos com formas e limites precisos, são adjetivados como pequeno. À vista disso, podemos considerar o referido quantificador como uma propriedade distintiva entre nomes contáveis e massivos.

### *Awĩnti* ‘pouco’

De acordo com dados coletados, *awĩnti* expressa noção de ‘pouco’, em consonância com a descrição já feita por Araújo (2016) sobre o Parkatêjê.

(217) Tôn jê jarêť nĩre kriure arêť nĩre irũnti awĩnti  
tatu tipo Quant Intens pequeno Quant Intens grande Quant<sup>28</sup>

‘Tatu tem muito tipo: pequenos são muitos, grandes são pouquinhos.’

(ARAÚJO, 2016, p. 45)

Nesta análise, quanto aos contextos de ocorrência, constatou-se que tal quantificador é sensível à distinção contável-massivo.

(218) i- te petere awĩnti pupũn  
1 Erg preguiça Quant ver  
‘eu vi poucas preguiças’

(219) \*têrêre awĩnti

açái Quant

Contexto: Madalena tem açái e oferece um pouco para Iracema.

Em (218) e (219), temos exemplos de seu emprego com os termos *petere* ‘preguiça’ e *têrêre* ‘açái’, ambos aqui considerados como contável e massivo, respectivamente. Observa-se por meio dos referidos exemplos que o quantificador *awĩnti* ‘pouco’ ocorre com *petere* ‘preguiça’ e com *têrêre* ‘açái’ não. Com base nesses e em outros exemplos em que o respectivo quantificador é empregado, chegou-se à conclusão de que ele geralmente é utilizado com nomes contáveis.

<sup>28</sup> A glosa do exemplo (195) foi inserida pela autora deste trabalho, com base em trabalhos já publicados sobre a língua Parkatêjê.



***Jawênêre ~ hawênêre* ‘pouco’**

*Jawênêre ~ hawênêre* ‘pouco’ foi descrito por Araújo (2016), que o considerou como um nome.

- (220) Hawênêre    krĩ    kam    kator  
 Quant            aldeia Loc    chegar+PST<sup>29</sup>  
 ‘Poucos chegaram na aldeia’

(ARAÚJO, 2016, p. 64)

Os primeiros dados coletados acerca desse quantificador demonstraram sua ocorrência somente com nomes contáveis, o que levou à conclusão de que este só é combinado com esse tipo de nome.

- |                       |                      |
|-----------------------|----------------------|
| (221) parkrɛ jawênêre | (222) kruwa jawênêre |
| canoa pouco           | flecha Quant         |
| ‘Pouca canoa’         | ‘Pouca flecha’       |

Entretanto, após a coleta de novos dados, constatou-se também sua ocorrência com alguns nomes de massa, como *kwærtjom* ‘mandioca’ e *kô* ‘água’. Contudo, nesses contextos, estes nomes parecem estar relacionados a porções, implicitamente. Em outras palavras, esta expressão é usada para fazer referência a poucas porções de algo, ou seja, a sua cardinalidade e não a volume.

- |                            |                           |
|----------------------------|---------------------------|
| (223) kwærtjom    jawênêre | (224) mpohĩri    jawênêre |
| mandioca    Quant          | carne    Quant            |
| ‘Pouca mandioca’           | ‘Pouca carne’             |

Trata-se, portanto, de um quantificador que também expressa noção de ‘pouco’, e é usado com nomes contáveis e, em contextos específicos, com nomes de massa.

---

<sup>29</sup> A glosa do exemplo (220) foi inserida pela autora deste trabalho, com base em trabalhos já publicados sobre a língua Parkatêjê.

***Nõpyxitire* ‘muito’**

*Nõpyxitire*, assim como outros quantificadores já citados, expressa noção de ‘muito’. Observou-se a ocorrência dele somente com nomes contáveis, como *kôkôy* ‘macaco’, conforme exemplo a seguir:

(225) I-       te       kôkôy       nõpyxitire   pupũn  
           1       Erg   macaco       Quant       ver  
           ‘Eu vi muitos macacos’

(226) \*kwærtʃom   nõpyxitire  
           Mandioca   Quant

Contexto: alguém vai fazer berarubu e precisa de mandioca, Madalena diz que tem muito e pode dar um pouco.

Com base nos dados analisados, não foi observada distinção entre *nõpyxitire* e outros quantificadores que também são combinados com nomes contáveis e expressam noção de ‘muito’.

***Tewôti* ‘muito’**

O quantificador *tewôti* ‘muito’ foi empregado por falantes para quantidades superiores a 3, aproximadamente 7 e/ou 8.

(227) kenere           tewôti	(228) *kaprô           tewôti
pedra pequenamuito	sangue           muito
‘muitas pedras’ (aproximadamente 7)	‘muito sangue’

Constatou-se sua ocorrência somente com elementos passíveis de contagem, ou seja, contáveis. Quando combinado com nomes de massa, como sangue, é considerado agramatical.

**5.7 Discussão dos resultados**

A noção do que é contável ou massivo varia de uma língua para outra. Nesse sentido, faz-se necessário um estudo para distinguir e descrever os critérios que determinada língua utiliza. Em Parkatêjê, observou-se que os nomes podem ser distribuídos em dois grupos

distintos: um constituído por nomes contáveis, isto é, aqueles que denotam contabilidade; e o outro, composto pelos nomes que denotam massa ilimitada, conteúdo incontável. Percebeu-se que esses grupos se diferem, principalmente, pela combinação com os seguintes elementos: uso de numerais e de alguns quantificadores. Logo, estes foram os critérios adotados para distinguir quais nomes na língua podem ser considerados contáveis e quais podem ser tidos como massivos.

De forma resumida, temos a seguir um quadro que demonstra a possibilidade ou não de ocorrência desses quantificadores combinados com nomes contáveis e massivos, e, em seguida, outro quadro que elenca os nomes que foram testados.

**Quadro 10** – Expressões de quantidade<sup>30</sup>

Expressões de quantidade	Nomes contáveis	Nomes de massa
<i>pîfî</i> ‘um’	✓	○
<i>ajkrut</i> ‘dois’	✓	○
<i>hitô</i> ‘três’	✓	○
<i>kwỳ</i> ‘um pedaço de/uma parte de’	✓	✓
<i>mēkwỳ</i> ‘alguém/alguns’ (+ humanos)	○	
<i>kunĩnĩ</i> ‘todos, tudo,’	✓	✓
<i>mēkunĩnĩ</i> ‘todos’ (+ humanos)	○	
<i>jarêtêti</i> ‘muitos’	✓	
<i>tuti</i> ‘muito’		✓
<i>inkrire</i> ‘pouco’	✓	✓
<i>awĩnti</i> ‘poucos’	✓	
<i>jawênêre</i> ~ <i>hawênêre</i> ‘pouco’	✓	○
<i>nōpyxitire</i> ‘muitos’ (grande quantidade)	✓	
<i>tewôti</i> ‘muitos’ (aproximadamente 7/8)	✓	

Fonte: elaboração própria.

<sup>30</sup> Legenda:

✓ Ocorre.

○ Ocorre somente em contextos específicos. Por exemplo, quando um falante se refere à quantidade de recipientes de medida e não ao nome massivo propriamente dito.

Sem marcação: indica que não foram observadas ocorrências em nenhuma situação.

**Quadro 11** – Nomes testados com as expressões de quantidade em Parkatêjê

<b>Artefato</b>	<b>Fauna</b>	<b>Flora/fruta</b>	<b>Humanos</b>
cabaça, ferramenta, flecha, arco, roupa, cuia, cofo/cesto, fio, canoa.	macaco, onça, animal, peixe, galinha, porco, paca, preguiça, arraia, açazal, milharal.	folha, melancia, árvore, cupuaçu, fruta, banana, laranja, bacuri, mato, mamão, laranja, manga.	homem, mulher, pessoa, criança.
<b>Líquidos</b>	<b>Grãos</b>	<b>Massa</b>	<b>Outros</b>
água, sangue, rio, açai, igarapé, café.	farinha, açai, castanha, café, fava, caroço, milho, urucum, amendoim.	comida, mandioca, carne, berarubu.	pedra, ouro, terra, vento, aldeia, sede, fome.

Fonte: elaboração própria.

Os dados demonstram que algumas expressões quantificadoras na língua, tais como: quantificadores e numerais, são condicionadas pelo tipo de nome. Em outras palavras, essas expressões são selecionadas para serem combinadas com determinados nomes, considerando a tipologia deles, isto é, se contável ou massivo. Algumas delas ocorrem com ambos como *kwỳ* ‘um pouco’; entretanto, há também as que são combinadas somente com nomes contáveis, como *jarêti* ‘muitos’ e outras com somente nomes de massa, como *inkrire* ‘muito’.

Considerando a análise e descrição demonstrada neste trabalho, podemos considerar que a língua Parkatêjê pode ser associada tanto às línguas de marcação de número quanto às línguas de número neutro (CHIERCHIA, 1998a, 1998b e 2010 apud LIMA, 2014), haja vista o comportamento que apresenta.

Em Parkatêjê, assim como em muitas línguas de marcação de número, os numerais podem ser combinados diretamente com nomes contáveis e, em contextos específicos, com nomes de massa. Ademais, a referida língua apresenta quantificadores que ocorrem com todos os nomes e outros específicos, que só ocorrem com nomes contáveis, ou com nomes de massa. O que difere Parkatêjê de outras línguas de marcação de número é justamente o plural, pois, nela, tal propriedade não é significativa quanto à distinção entre tais nomes. O plural ocorre

especificamente com nomes cujo referente é + humano, mostrando-se indiferente à distinção contável *vs.* massivo.

Ademais, Parkatêjê também apresenta um traço semelhante ao das línguas de número neutro. Embora tenhamos um formativo marcador de plural, *mẽ*, este ocorre apenas com uma pequena parcela dos nomes. Nos casos em que ele não está presente e os nomes estão *nus*, a denotação é neutra com relação ao número. Ou seja, os nomes, nesse caso, podem ser interpretados tanto no singular quanto no plural.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo teve como finalidade analisar e descrever propriedades semânticas e morfossintáticas de nomes contáveis e nomes massivos em Parkatêjê. Conforme mencionado, estudos preliminares desenvolvidos entre 2016 e 2017, em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mostraram evidências de que há nessa língua distinção entre esses dois tipos de nome. Considerando a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre o tema, deu-se início a presente pesquisa de Dissertação de Mestrado.

Inicialmente, foi feito o levantamento de referências acerca do assunto, como Chierchia (1998 e 2003); Corbett (2004); Cruse (2011); Dehaene (1997); Fayol (2012); Ferrari-Neto (2008); Genetti (2014); Givón (2001); Jespersen (1924); Joosten (2002); Lima (2014 e 2016); Link (1983); Müller, Storto e Coutinho-Silva (2016); Paraguassu-Martins (2016); Paraguassu-Martins e Müller (2016); Peters e Westerst (2006); Rothstein e Lima (2018); e Sanchez-Mendes (2016). Além disso, buscou-se referências que abordassem sobre as línguas indígenas e, em especial, sobre o Parkatêjê, como Araújo (1977, 1989, 2007 e 2016), Ferreira (2003, 2010 e 2011), Silva (2014 e 2019), Ribeiro-Silva (2016), Lopes (2013 e 2017), Reis (2017), Souza Ferreira (2018), Ferraz (2001), Vieira (2015), entre outros. A leitura desses trabalhos foi de suma importância para a compreensão dos aspectos imbricados na distinção entre nomes contáveis e massivos, bem como do comportamento de tais nomes em algumas línguas naturais.

A metodologia desta pesquisa foi baseada, principalmente, em Lima (2014). A referida autora desenvolveu um estudo sobre contagem e individuação em Yudja (Família Juruna – Tronco Tupi). Com base nos métodos e materiais utilizados por ela, procedeu-se algumas coletas de dados com falantes nativos da língua Parkatêjê. Utilizou-se como suporte um questionário de distinção contável-massivo elaborado por essa autora juntamente com Rothstein (2016), com as adaptações necessárias ao contexto da língua em estudo.

Inicialmente, encontrei dificuldades em criar e/ou utilizar cenários apropriados para a coleta de informações com falantes. Como explanado, a trajetória de vida dos Parkatêjê se divide em dois principais momentos, a saber: 1) quando viviam na mata isolados, sem contato direto com o não índio; e 2) quando passaram a viver em contato direto com o não índio. A vivência com a sociedade envolvente causou diversas mudanças nos costumes e hábitos do povo, principalmente no que concerne à língua falada. Nesse sentido, buscou-se resgatar informações da língua em uso nesses dois momentos.

Constatou-se que, após o contato, muitos termos foram emprestados do português e dia após dia essa passou a ser a língua predominante nessa comunidade indígena. Um dos empecilhos para a realização de um estudo experimental, por exemplo, foi o de retomar contextos/cenários que, no presente momento, não são mais comuns na vivência desse povo. A cabaça, muito utilizada para pôr água no tempo da mata, por exemplo, não é mais comumente utilizada; em vez dela, os indígenas utilizam copos, jarras, entre outros. Como forma de aproximar os informantes do contexto/cenário desejado, as imagens e a contextualização nos momentos de coleta foram fundamentais, conforme apresentado ao longo deste trabalho.

Alguns falantes mais inovadores criaram termos para nomear objetos/alimentos ainda inexistentes na língua nativa, haja vista que não faziam parte do contexto em que viviam. Outros mais conservadores, por sua vez, quando perguntados sobre algo que eles não usavam, não tinham ou não comiam, respondiam logo que não há na língua deles e demonstraram ser, muitas vezes, contrários à criação de neologismos. A impressão que tive durante as coletas é a de que alguns indígenas se sentem, de alguma forma, inferiorizados em relação à sociedade envolvente e à língua majoritária, prova disso é que alguns respondiam “coitado, a gente não tinha não”. Enquanto outros, orgulhosamente, respondiam que o índio tem a sua forma própria de viver e que, para toda necessidade, eles têm uma forma de resolver.

As entrevistas realizadas com falantes nativos possibilitaram conhecer os contextos de contagem e medição, bem como o comportamento de nomes contáveis e massivos em Parkatêjê. Os resultados apresentados corroboram com a hipótese inicial de que a referida língua distingue tais nomes, tanto morfossintaticamente quanto semanticamente. Contudo, divergem, em parte, da tipologia proposta por Chierchia (1998a 1998b 2010 apud LIMA, 2014). Segundo o autor, temos três tipos de línguas: 1) línguas de marcação de número; 2) línguas de classificadores; e 3) línguas numericamente neutras. As línguas que apresentam marcação morfológica de número caracterizam-se por distinguir nomes contáveis e nomes massivos por meio de critérios na utilização da marca de plural, de numerais e de quantificadores. As línguas de classificadores distinguem tais nomes por meio de classificadores, isto é, há aqueles que ocorrem

exclusivamente com contáveis e outros somente com massivos, por exemplo. Por fim, as línguas numericamente neutras caracterizam-se por não apresentarem marcação morfológica de número e seus argumentos serem *nus*; neste último tipo de língua, a classe de numerais funciona como uma propriedade distintiva entre os nomes de contagem e medição.

A justificativa para a afirmação acima, de que a língua Parkatêjê diverge, em parte, dessa proposta, dar-se-á com base nos resultados descritos e analisados neste trabalho. Vimos que, nessa língua, há um formativo, *mẽ*, que marca o plural somente de nomes cujo referente é + humano, como homem, mulher, criança etc. Os nomes - humanos, por sua vez, não apresentam a forma plural e, quando *nus*, apresentam denotação neutra para número. Portanto, construções como *i-te pĩptfto krẽ* ‘eu comi banana’ podem ser interpretadas de duas formas, tanto nos casos em que só uma banana foi comida, quanto nos casos em que foram várias.

Considerando que a ocorrência desse formativo foi observada com apenas uma pequena parcela dos nomes, no caso, os + humanos, concluiu-se que essa marca não é significativa na distinção entre nomes contáveis e massivos. A distinção entre os nomes é feita por meio de critérios na utilização de numerais e quantificadores.

Os numerais *pĩtfit* ‘um’, *ajkrut* ‘dois’ e *hitô* ‘três’ podem ser combinados diretamente com nomes contáveis, enquanto para ocorrerem com nomes massivos necessitam da presença de um recipiente de medida, ou que este esteja subentendido no contexto.

Apesar de não dispor de um sistema numérico muito produtivo, Parkatêjê apresenta vários quantificadores, a saber: *kwỳ* ‘um pedaço de/uma parte de’; *mẽkwỳ* ‘alguém/alguns’; *Kunĩnĩ* ‘todos, tudo,’; *mẽkunĩnĩ* ‘todos’, *jarêtêti* ‘muitos’, *tuti* ‘muito’, *inkrire* ‘pouco’; *awĩnti* ‘pouco’; *jawênêre* ~ *hawênêre* ‘pouco’; *tewôti* ‘muito’. Conforme demonstrado no quadro situado no tópico anterior, essas expressões de quantidade não ocorrem de forma aleatória, há aqueles que podem ser combinados com qualquer nome, outros são usados especificamente com nomes contáveis, como *jarêtêti* ‘muito’, e outros apenas com nomes massivos, como *tuti* ‘muito’.

Por fim, podemos concluir que a língua Parkatêjê, considerando os resultados obtidos, pode ser associada às línguas que marcam morfológicamente o plural e às línguas de número neutro. Nesse sentido, depreendemos que esse e outros idiomas não necessariamente apresentam traços de um único tipo de língua. A proposta de Chierchia (1998a 1998b 2010 apud LIMA, 2014) é bem válida se considerarmos que, de fato, a maioria das línguas, converge, em parte, com as características que ele propõe para cada tipo de língua. Contudo, vimos que, como Parkatêjê, nem todas apresentam exclusivamente as características de um tipo só. Ademais, ressalto que este estudo analisou somente a distinção contável-massivo de nomes

concretos, sendo necessário, portanto, um estudo mais aprofundado a fim de responder se, com esses nomes, a distinção também ocorre da mesma forma.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Núbia Régia de; FOSSILE, Dieysa Kanyela. Semântica cultural: um estudo acerca da atribuição de sentidos às palavras e expressões da língua. **Raído**, v. 10, n. 24, pp. 203-220, 2016. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4836>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

ALVES, Flavia de Castro. **O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá**: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê. 2004. 177f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2004. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/296836992.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

AMADO, Rosane de Sá. **Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pikobjê**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004. Disponível em: <<http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. **Estruturas subjacentes de alguns tipos de frases declarativas afirmativas do dialeto Gavião Jê**. 1977. Dissertação (Mestrado em Linguística). 139 f. Departamento de Língua e Literatura Vernácula, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1977. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da língua Gavião-Jê**. 1989. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

\_\_\_\_\_. Parkatêjê x Português: caminhos de resistência. Congresso Internacional da “Brazilian Studies Association”, 9., 2008. Tulane University em New Orleans, 2008. **Anais...** Disponível em: <[HTTP://www.brasa.org](http://www.brasa.org)>. Acesso em: 10 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Parkatêjê-Português**. Belém: Edição da Autora, 2016.

BEVILÁQUA, Kayron; LIMA, Suzi; DE OLIVEIRA, Roberta Pires. Bare nouns in Brazilian Portuguese: An experimental study on grinding. **The Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication**, v. 11, 2016. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/BEVBNI-2>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO ALVES, Flávia de. **O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá**: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/296836992.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018.



CHIERCHIA, Gennaro. **References to kinds across languages**: natural language semantics, 1998. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1023/A:1008324218506>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Semântica**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

COOPER, Robin. **Quantification and Syntactic Theory**. Springer Science Business Media Dordrecht D. Reidel Publishing Company, Dordrecht, Holland, 1983.

CORBETT, Greville G. **Number**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

CRUSE, Alan. **Meaning in Language**: an introduction to semantics and pragmatics. 3. ed. United Kingdom: Oxford University Press, 2011.

DEHAENE, S. **The number sense**. New York: Oxford University Press, 1997.

FAYOL, Michel. **Numeramento**: aquisição das competências matemáticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

FERRARI-NETO, José. **Aquisição de número gramatical no português brasileiro**: processamento de informação de interface e concordância. *Tese de Doutorado*. PUC-Rio, 2008.

FERRAREZI JR., Celso. **Introdução à Semântica de Contextos e Cenários**: de la langue à la vie. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Semântica Cultural. In: FERRAREZI JR. Celso; BASSO, Renato (Org.). **Semântica, Semânticas**: Uma Introdução. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 71-87.

FERRAZ, Iara. Lições da escola parkatêjê. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawal Leal (Org.) **Antropologia, história e educação**: a questão indígena e a escola. 2. ed. São Paulo: Global, 2001.

FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. **Estudo morfossintático da língua Parkatêjê**. 2003. 276f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003. Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Aferreira2003/Ferreira\\_MariliadeNazaredeOliveira\\_D.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Aferreira2003/Ferreira_MariliadeNazaredeOliveira_D.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Descrição da incorporação nominal em Parkatêjê. **Raído**, Dourados, MS, v. 5, n. 9, p. 81-90, jan./jun, 2011. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/767>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Contato entre línguas, perda linguística e identidade étnica: notas sobre o povo Parkatêjê. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê**: Letras, linguística e suas interfaces, n. 40, pp. 239-247, 2010.

GENETTI, Carol. Word classes: evidence from grammatical behavior. In: \_\_\_\_\_. **How Languages Work**: An Introduction to Language and Linguistics. Cambridge University Press, 2014. pp. 100-117.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: An introduction**. v. 1. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam /Philadelphia, 2001.

JESPERSEN, Otto. *The philosophy of language*. London: G. Allen, 1924.

JOOSTEN, Frank. *Account of the count/mass distinction: a critical survey*. Ms., FWO Vlaanderen/ KU Leuven, Belgium, 2002.

JÚNIOR, Ribamar Ribeiro. *Akrãtikatêjê: a luta pelo reconhecimento do seu território*. **Confronteiras**, v. 1, n. 1, 2017.

KEENAN, Edward; PAPERNO, Denis (Ed.). **Handbook of quantifiers in natural language**. Springer Science & Business Media, 2012.

LIMA, Suzi. **The Grammar of Individuation and Counting**. 2014. 246f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Massachusetts, Amherst, 2014. Disponível em: < [https://scholarworks.umass.edu/dissertations\\_2/109/](https://scholarworks.umass.edu/dissertations_2/109/)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

LIMA, S.; ROTHSTEIN, S. **The count/mass distinction questionnaire**. University of Toronto & Bar-Ilan University, Ms, 2016.

\_\_\_\_\_. New perspectives on the count–mass distinction: Understudied languages and psycholinguistics. **Language and Linguistics Compass**, v. 12, n. 11, p. e12303, 2018. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/lnc3.12303>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

LINK, G. . **The logical analysis of plurals and mass terms: a lattice theoretical approach**. In: BÄUERLE, R.; SCHWARZE, C.; STECHOW, von A. (Eds.). *Meaning, Use and Interpretation of Language*. Berlin: de Gruyter, 1983. pp. 303-323.

LIRA, Ingrid Moraes de Moraes. **Aspectos dos nomes contáveis na língua Parkatêjê**. 2017. f. 64. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Curso de Letras. Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**; tradução Marilda Winkler Averborg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

MARCILESE, Mercedes; AUGUSTO, Marina Rosa Ana; CORRÊA, Letícia Maria Sicuro. A interpretação dos numerais na aquisição da linguagem. **Gragoatá**, v. 16, n. 30, 2011. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32925>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS JUNIOR, N. Desafio de documentar e preservar línguas. **Scientific American Brasil**, v. 3, p. 36-43, 2008. Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/localfiles/media%3Aset2008/moore\\_2008\\_desafio.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/localfiles/media%3Aset2008/moore_2008_desafio.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MÜLLER, Ana; STORTO, Luciana; COUTINHO-SILVA, Thiago. Número e a distinção contável-massivo em karitiana. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1-2, p. 185-213, 2006.

Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52645/32360>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PARAGUASSU-MARTINS, Nize. **A contabilidade dos nomes no português brasileiro**. 2010. 143f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-08112010-101718/en.php>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

PARAGUASSU-MARTINS, Nize; MÜLLER, Ana. A distinção contável-massivo nas línguas naturais. **Revista Letras**, Curitiba, n. 73, p. 169-183, set./dez, 2007. Disponível em: <[revistas.ufpr.br/letras/article/download/7544/10543](http://revistas.ufpr.br/letras/article/download/7544/10543)>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PETERS, Stanley; WESTERST, Dag. **Quantifiers in Language and Logic**. New York: Oxford University Press, 2006.

REIS, Jaqueline de Andrade et al. **Socioterminologia de plantas medicinais em Parkatêjê**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <<http://200.239.66.58/jspui/handle/2011/9489>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

RIBEIRO SILVA, Nandra. **Pronomes em Parkatêjê: a expressão da terceira pessoa**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/handle/2011/7973>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. A originalidade das línguas indígenas brasileiras. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 9, n. 1, pp. 187-195, 2009. Disponível em: <[periodicos.unb.br](http://periodicos.unb.br)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. 6. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

ROTHSTEIN, Susan; LIMA, Suzi. Quantity evaluations in Yudja: judgements, language and cultural practice. **Synthese**, pp. 1-23, 2018. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11229-018-02016-5>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

SANCHEZ-MENDES, Luciana. A distinção contável-massivo em Wapixana: aparente desafio tipológico. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 138-162, 2016. Disponível em: <<https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/1114>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

STEEDMAN, Mark. **Taking scope: the natural semantics of quantifiers**. Mit Press, 2012.

SEKI, Lucy. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. **Revista Impulso**, v. 27, pp. 233-256, 2000. Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Aseki-2000/seki\\_2000.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Aseki-2000/seki_2000.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

SIMÕES, Anilce Maria et al. **Movimento de quantificadores em português**. 1974. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1974.

SOUZA, Sueli Maria de. **Sistema de referência pessoal da língua Krahô**. 1989. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1989.

SOUZA FERREIRA, Sindy Rayane. **Aspectos morfossintáticos e semânticos da causativização em Parkatêjê**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <<http://200.239.66.58/jspui/handle/2011/10491>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

STEEDMAN, Mark. **Taking scope**: the natural semantics of quantifiers. Mit Press, 2012.

VIEIRA, Luciana Renata dos Santos. **O vocabulário de duas atividades tradicionais do povo parkatêjê**: uma abordagem etnolinguística. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Faculdade de Letras - Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

VOGT, Carlos. **Linguagem, pragmática e ideologia**. 3. ed. São Paulo: Hicitec; Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2015.

## ANEXO A

Questionário de distinção massa/contável<sup>31 32</sup>**1. Nomes**

Passo 1: tradução dos nomes.

Exemplos:

+ HUMANO

mpi = ‘homem’

ntia = ‘mulher’

ANIMAIS

kôkôy = ‘macaco’

kra = ‘paca’

FLORA

pâr = ‘árvore’

pur = ‘roça’

FRUTAS

kôtây = ‘cupuaçu’

pîptʃo = ‘banana’

ARTEFATOS

kruwa = ‘flecha’

kàhà = ‘cofo’

LÍQUIDOS

---

<sup>31</sup> LIMA, S.; ROTHSTEIN, S. *The count/mass distinction questionnaire*. University of Toronto & Bar-Ilan University, Ms, 2016. (Com adaptações).

<sup>32</sup> Encontra-se apresentado neste anexo apenas um recorte do questionário que foi aplicado durante as coletas de dados, isto é, um exemplo dos dados coletados em cada etapa da pesquisa.

kô = ‘água’  
 kaprô = ‘sangue’

## GRÃOS

kwəɫʃom = ‘farinha’

## MASSA

kwəɫʃom = ‘massa (de mandioca)’

## 2. Construções com numerais

Passo 2: contagem de objetos.



kôtày pitʃit  
 cupuaçu um  
 ‘um cupuaçu’



kôtày ajkrut  
 cupuaçu dois  
 ‘dois cupuaçus’



kôtày hitô  
 cupuaçu três  
 ‘três cupuaçus’



kôtày jarêti  
 cupuaçu Quant  
 ‘muitos cupuaçus’

### 3. Plural

Passo 5: construções singulares e plurais.

ntia mũ mõ kokrën

mulher PD ir cedo

‘A mulher foi embora cedo’

mẽ ntia mũ mõ kokrën

Pl mulher PD ir cedo

‘As mulheres foram embora cedo’

i- te pĩptʃto krẽ

1 Erg banana comer

‘Eu comi banana’

\*i-te mẽ pĩptʃto krẽ

1 Pl banana comer

Contexto: alguém pergunta: o que tu comeste?

### 5. Quantificadores

Passo 7: Construções com quantificadores.



33

krô jarêtêti

porco Quant

‘muitos porcos’



34

kô tuti

água Quant

‘muito água’

<sup>33</sup> Imagem disponível em: <<https://ecoa.org.br/olha-o-bicho-queixada/>>.

<sup>34</sup> Imagem disponível em: <<https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2019/06/16/com-previsao-de-mais-chuva-apac-alerta-cuidado-em-areas-de-risco-171307>>.

## 5. Sintagmas-recipiente



têrêre kàhà piŋfit  
 açáí cesto um  
 ‘um cesto de açáí’



têrêre kàhà ajkrut  
 açáí cesto um  
 ‘dois cestos de açáí’



têrêre kàhà hitô  
 açáí cesto um  
 ‘três cestos de açáí’

## 7. Contando partes



35

Quantos mamãos?



36

Quantos peixes?

<sup>35</sup> Imagem disponível em: <<https://www.nacozinhabrasil.com/2010/06/doce-de-mamao-verde.html>>.

<sup>36</sup> Imagem disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=peixe+cru+cortado+em+fatias+>>>.





37

Quantas bananas?

---

<sup>37</sup> Imagem disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=banana+cortada>>.